

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Nina Reis Côrtes

**Diálogos e oficinas feministas:
reflexões sobre os movimentos contemporâneos
e a prática do *design***

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design e Sociedade da PUC-Rio, na linha de pesquisa Design: Comunicação, Cultura e Artes, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Design.

Orientadora: Profa. Denise Berruezo Portinari
Co-orientador: Prof. Carlos Guilherme Mace Altmayer

Rio de Janeiro,
abril de 2022



NINA REIS CÔRTEZ

**Diálogos e oficinas feministas:
reflexões sobre os movimentos contemporâneos
e a prática do *design***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Design e Sociedade da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Denise Berruezo Portinari

Orientadora
Departamento de Artes & Design – PUC Rio

Prof. Carlos Guilherme Mace Altmayer

ESDI UERJ

Prof. Carlos Eduardo Félix da Costa

Departamento de Artes & Design - PUC Rio

Profa. Barbara Peccei Szaniecki

ESDI UERJ

Rio de Janeiro, 12 de abril de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Nina Reis Côrtes

Graduada pelo Departamento de Artes e Design da PUC Rio, é membro dos grupos de pesquisa Barthes e História da Sexualidade, integrados ao Laboratório de Representação Sensível do departamento. Durante o mestrado foi bolsista CNPq. É coordenadora da comunicação nacional do Coletivo Juntas e membro do eixo dirigente do coletivo no estado do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Côrtes, Nina Reis

Diálogos e oficinas feministas : reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design / Nina Reis Côrtes ; orientadora: Denise Berruezo Portinari ; co-orientador: Carlos Guilherme Mace Altmayer. – 2022.

143 f. : il. color. ; 29,7 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2022.

Inclui bibliografia

1. Artes e Design – Teses. 2. Design. 3. Feminismo. 4. Oficina. 5. Subjetivação. 6. Ativismo. I. Portinari, Denise Berruezo. II. Altmayer, Carlos Guilherme Mace. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. IV. Título.

CDD: 700

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À todas as pessoas que possibilitaram que esta pesquisa ocorresse, principalmente as mulheres participantes das oficinas, que se dedicaram com amor e cuidado à minha proposta. Sem vocês este trabalho não seria o mesmo.

À todas as mulheres, militantes, artistas, bruxas, antepassadas, todas que pavimentaram os caminhos da minha jornada feminista.

Ao CNPQ e à PUC Rio, pelos auxílios concedidos, que possibilitaram que este trabalho fosse realizado com tanta dedicação e qualidade.

À Denise Portinari e Guilherme Altmayer, que me apresentaram uma nova forma de ver o mundo, com cuidado, paciência, estímulo e trocas.

À minha mãe, mulher que tanto me inspira na esfera pessoal e profissional, que me aplaude na primeira fila de todas as conquistas, e que possibilitou a minha formação na graduação da PUC Rio.

À todas as minhas amigas, que me apoiaram e apoiam todos os dias.

A todos os meus familiares, que acompanharam o processo de perto, com paciência e colo.

À minha querida amiga, Júlia Rosa, que se disponibilizou a ler e revisar este trabalho.

Ao Rapha Weyne, companheiro de muitas descobertas, que foi um dos maiores estimuladores ao meu ingresso na pós-graduação.

À todas as companheiras do Coletivo Juntas! e do PSOL, que tanto me ensinam e inspiram nas militâncias e rotinas duras do dia a dia.

À Isabel Martins Moreira, minha orientadora na graduação, grande influência para eu estar aqui.

Aos companheiros do Grupo Barthes, História da Sexualidade e Laboratório de Representação Sensível, pelas leituras e trocas inspiradoras.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Artes & Design e de toda a PUC Rio, pelos 8 anos de vivência dessa universidade que me formou.

Resumo

Côrtes, Nina Reis. **Diálogos e oficinas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do *design***. Rio de Janeiro, 2022. 143 páginas. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho busca desenvolver articulações entre práticas feministas e atividades do *design*, e propõe problematizar o campo do *design*, buscando se afastar de abordagens essencialistas, que situam o *designer* como um gênio criador ou que definem o *design* a partir de abstrações idealizantes. Para isso, os *consciousness raising groups*, práticas feministas da década de 1960, e diversas dinâmicas dos movimentos feministas contemporâneos, a partir do ano de 2015, são utilizados como inspiração de atividades críticas para pensar e constituir outras formas de relações consigo e com os outros através de processos criativos. Assembleias, performances, ações estético-políticas, construção de greves e manifestações, são algumas das ações abordadas, por evidenciar entrelaçamentos entre arte, protesto, *design*, corpo e vivências pessoais, enquanto militante e *designer*. A análise, reflexão e vivência de tais práticas originaram o trabalho de campo da pesquisadora, que mediou oficinas online com mulheres. A metodologia das oficinas foi pensada a fim de potencializar o processo criativo e a experiência de estar juntas. Baseando-se na pesquisa-ação e pesquisa criativa, propõe-se *queerizar* o *design* e ampliar as abordagens possíveis ao campo. As práticas coletivas propostas nas oficinas criaram vínculos, amizades e relações de mentoria através das oficinas de sensibilização, organizando mulheres em torno de um debate em comum, fortalecendo os movimentos feministas, dando a ver que os problemas vividos pelas mulheres são, em sua maioria, estruturais e coletivos, não individuais e privados. Todo o desenvolvimento do campo se deu remotamente, durante a pandemia da COVID-19, adicionando uma outra camada de complexidade inesperada à pesquisa.

Palavras-chave

Design; feminismo; oficina; subjetivação; ativismo.

Abstract

Côrtes, Nina Reis. **Feminist dialogues and workshops: reflections on contemporary movements and design practice.** Rio de Janeiro, 2022. 143 páginas. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

We present an attempt to develop feminist-oriented design practices, through an approach to the field of design that tries to distance itself from the essentialist approaches that historically place the designer as a creative genius or that define design drawing from idealized abstractions. Inspired by the praxis of feminist consciousness raising groups from the 1960s, and from other dynamics of the feminisms from 2015 onwards, we study collective feminist activities of a critical nature to think about the processes of construction of social relations that are not directly mediated by capital, with a special emphasis in creative processes. Meetings, performances, aesthetic-political actions, construction of strikes and demonstrations, are some of the actions here addressed to help us highlight the overlaying between art, protest, design, bodies, and personal experiences, especially in their intertwining with the categories of militancy and design. The analysis, reflection and experience of such practices originated the fieldwork that took place in this project, which was based on online workshops for women, mediated by this researcher. The methodology of the workshops was designed to highlight the role of the creative processes in the collective female experience. Based on action-research and creative research, we propose to queerize design, transgress practices, and expand the possibilities of field of action. The collective practices proposed in our workshops created bonds of friendship and mentoring based on sensitization, on the organization of women around common agendas, on the strengthening of feminist consciences, all of which indicated that several of the problems experienced by women in general are structural and collective, and not individual and private. Lastly all of our field development took place remotely due to the COVID-19 pandemic, which also added another (unexpected) layer of complexity to our research.

Keywords

Design; feminism; workshop; subjectivation; activism.

Sumário

1. Introdução	11
2. Os movimentos feministas	22
2.1. Quarta onda feminista	25
2.2. Práticas coletivas feministas.....	40
2.3. Os feminismos e suas ações estético-políticas	51
2.3.1. Bloco de carnaval Mulheres Rodadas	53
2.3.2. <i>Performance</i> “Um violador em seu caminho”	56
2.3.3. Perfil e <i>hashtag Design Ativista</i>	59
3. Análises e reflexões sobre o campo do <i>design</i>	64
4. Oficinas: minha participação em um grupo de mulheres	75
4.1. Das oficinas ao <i>design</i> : entrelaçamentos	83
4.2. Relatos.....	87
5. Considerações Finais.....	128
6. Referências	134
7. Anexos.....	139

Lista de Figuras

- Figura 1 – Performance “Um Violador em Seu Caminho” criada pelo coletivo chileno Las Tesis e replicada mundialmente. A ação envolve música, coreografia e acessórios (como a faixa preta nos olhos). A principal motivação era a denúncia dos abusos policiais ocorridos nos protestos chilenos de 2019. A performance foi adaptada ao contexto de cada cidade onde foi realizada. No Rio de Janeiro, por exemplo, gritos como “Marielle está presente e o assassino dela é amigo do presidente!” foram adicionados. Fonte: Silvia Izquierdo (AP).....16
- Figura 2 – Criado em 2015, Mulheres Rodadas é o primeiro bloco de carnaval feminista da cidade do Rio de Janeiro. Com repertório musical e fantasias que unem a militância feminista com a folia, toda Quarta-Feira de Cinzas o cortejo desfila pelo Largo do Machado. Durante o ano inteiro, as organizadoras promovem oficinas e palestras, além de manter suas redes sociais ativistas, criando uma rede de apoio e denúncia constante e bem-humorada. Foto: Custódio Coimbra (Agência O Globo)24
- Figura 3 – O Design Ativista é um perfil e uma hashtag de Instagram. A proposta é dar visibilidade às diversas artes que utilizem o design como ferramenta ativista. Não só o movimento feminista, mas outras pautas como antirracismo, luta pelos povos indígenas e sustentabilidade também são protagonistas das redes. Além das viralizações, também há a convocatória e a formação de grupos de profissionais voluntários para determinadas ações, encontros presenciais de debate, exibição de filmes e palestras. Fonte: Instagram Design Ativista.....24
- Figura 4 – Artigo de Martha Lear para o New York Times. Fonte: New York Times Archives..... 25
- Figura 5 – As sufragistas e seus cartazes nas ruas. Fonte: Getty Images.....27..
- 27
- Figura 6 – Jornais sufragistas de 1913. Fonte: Obvious Magazine.....277
- Figura 7 – Medalhas e broches sufragistas. Fonte: Getty Images..... 28
- Figura 8 - Angela Davis, representante icônica do movimento feminista negro até os dias de hoje, foi uma das figuras políticas que sustentou a

segunda onda feminista. Com sua figura popularmente associada ao partido comunista americano e aos Panteras Negras, Davis foi demitida do cargo de professora da Universidade da Califórnia, perseguida politicamente e colocada na lista dos 10 criminosos mais perigosos do país. Chegou a ser condenada e presa sem provas, desencadeando um movimento cultural e político com campanhas de “Libertem a Angela!”.
Fonte: Reprodução (Internet).....29

Figura 9 e 10 – Bottom da campanha “Libertem Angela!” e cartaz de procurada de Angela Davis. Fonte: Reprodução (Internet)..... 29

Figura 11 - Hashtag #PrimeiroAssedio, campanha que viralizou no Twitter. Fonte: Twitter Think Olga..... 32

Figura 12, 13 e 14 – Imagens das Jornadas de Junho de 2013. Fonte: Wikimedia Commons (Divulgação)..... 33

Figura 15, 16 e 17 - Manifestações da Primavera Feminista, contra a cultura do estupro, a favor da legalização do aborto e da liberdade de escolha da mulher nas decisões sobre o seu próprio. Fontes: Revista Época, Talita Machado e Agência Brasil..... 34

Figura 18 – Ato no Rio de Janeiro contra o assassinato de Marielle Franco. Fonte: Mauro Pimentel (AFP)..... 35

Figura 19 – Cartaz da primeira Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília. Fonte: Divulgação (Internet)..... 36

Figura 20 – Manifestação do #EleNão. Fonte: Ricardo Botelho (Metrópoles)..... 37

Figura 21 – Justiça por Mari Ferrer, durante a pandemia da COVID-19. Fonte: Divulgação (Internet)..... 38

Figura 22 – Cartaz do 8M Brasil de mobilização para a greve internacional de mulheres. Fonte: Facebook 8M Brasil..... 39

Figura 23 – Movimento argentino “Ni Una Menos”. Fonte: Facción Buenos Aires..... 40

Figura 24 - Imagens do protesto Miss America Pageant. No cartaz a frase “Miss America Pageant: racismo com rosas” e na imagem central as mulheres jogando objetos na “lixeira da liberdade”. Fonte: Getty Images 43

Figura 25 - Instalação artística Nurturant Kitchen (Cozinha Nutridora), no Womanhouse. Fonte: CalArts Institute Archives..... 45

Figura 26 – Exterior do Womanhouse, durante reformas Fonte: Rutgers University Archives.....	46
Figuras 27 e 28 – Atos do dia 8 de março. Fonte: Reuters.....	48/49
Figuras 29 e 30 – Imagens da experimental! tattoo. Fonte: Arquivo pessoal.....	55
Figuras 31 e 32 – A cria de uma cliente usando as tattoos e eu no ato do 8M. Fonte: Arquivo pessoal.....	56
Figura 33 – Eu e algumas companheiras do meu coletivo no ato “Gravidez aos 10 mata. Fonte: Arquivo pessoal.....	59
Figura 34 – Performance na corteja feminista do 8M 2020. Fonte: Folhapress.....	59
Figuras 35, 36 e 37 – Prints do perfil Design Ativista convocando para o Dia do direito à cidade, o dia 7 de setembro e a projeção do 8M 2021. Fonte: Instagram Design Ativista.....	61/62
Figura 38 – Intervenção de Simone na carta de Clara. Fonte: Arquivo pessoal.....	96
Figura 39 – Minha intervenção a partir da carta de Simone. Fonte: Arquivo pessoal.....	97
Figuras 40 e 41 – Cartas criadas por Luisa. Fonte: Arquivo pessoal.....	102
Figura 42 e 43 – cartas criadas por Clara. Fonte: Arquivo pessoal.....	103
Figuras 44 e 45 – Cartas criadas por mim. Fonte: Arquivo pessoal.....	104
Figura 46 – Imagem montada por Luisa. Fonte: Arquivo pessoal.....	105
Figura 47 – Colagem de Julia. Fonte: Arquivo pessoal.....	106
Figura 48 – Colagem de Camila. Fonte: Arquivo pessoal.....	107
Figuras 49, 50 e 51 – Colagens de Camila. Fonte: Arquivo pessoal.....	108
Figura 52 – Colagem desenvolvida por mim. Fonte: Arquivo pessoal.....	109
Figura 53 – Caderno escolhido por Julia. Fonte: Arquivo pessoal.....	112
Figura 54 – Caderno escolhido por Luisa. Fonte: Arquivo pessoal.....	113
Figura 55 – Meu coletor menstrual. Fonte: Arquivo pessoal.....	116
Figura 56 – Página do Instagram criada por nós. Fonte: Instagram Ousar Falar.....	124
Figura 57 – Primeira postagem criada para a nossa página no Instagram, Fonte: Arquivo pessoal.....	125

1

Introdução

Concluí esta dissertação em 2022, em meio a uma situação pandêmica da COVID-19 já um pouco mais controlada, com a terceira dose da vacina no braço e após ter contraído o vírus entre o Natal e o Ano Novo, sem complicações ou sintomas. Nesse momento também me encontro motivada e esperançosa para o ano que se inicia, mesmo diante de todas as dificuldades que o povo brasileiro tem vivido, pois acabei de retornar do ativo nacional do Coletivo Juntas!, o coletivo feminista do qual faço parte e componho a organização no estado do Rio de Janeiro e da comunicação nacional.

Passei um fim de semana ensolarado em São Paulo debatendo conjuntura política e traçando planos para o feminismo que queremos no Brasil este ano, ao lado de mulheres incríveis, que finalmente conheci pessoalmente após 2 anos de convívio através da tela do computador. Tem como não voltar revigorada?

De toda forma, não vejo outra opção além de estar motivada para o ano de 2022. Preciso terminar esta dissertação, preciso pensar em novos planos para a vida com o vácuo que o fim do mestrado vai me deixar. E este ano é de eleição presidencial.

Há 4 anos o Brasil sofre e chora nas mãos do governo negacionista e genocida de Jair Bolsonaro. As mulheres, os povos originários, a comunidade negra ou qualquer ser que viva às margens e desafie as estruturas sente na pele, todo dia, o peso que é ter suas vidas lideradas por uma figura fascista como a de Bolsonaro e a de todos os seus seguidores que reproduzem o *Bolsonarismo* nas diversas frentes de representação política que possuímos.

Não há outra opção senão ter esperança de que mudaremos o cenário este ano. Entretanto, como militante, compreendo que nenhum projeto político se constrói de uma hora para outra, por isso o feminismo possui papel tão fundamental, mais do que nunca, em 2022.

Nós, mulheres, lideramos todas as manifestações desde antes de Bolsonaro ser eleito, com o #EleNão em 2018, um dos maiores atos de rua de todos os tempos. Nós temos alertado toda a população sobre como os momentos de crise são propícios para que nossos direitos sejam cortados, para darmos passos para trás.

São nossos filhos os que morrem de bala perdida, os que não têm acesso à estudo de qualidade, são nossos pais e mães que morrem sem uma aposentadoria digna, sem acesso à saúde pública e a uma velhice plena e tranquila. Somos nós que deixamos de comer para dar comida aos outros, somos nós que nos desdobramos em trilhares de tarefas para dar conta de todo o trabalho de cuidado que é colocado nos nossos ombros, sem creches comunitárias, sem refeitórios de bairros, sem socialização do trabalho. Somos nós que caímos em armadilhas perversas de relacionamentos abusivos, convivendo com violadores de todos os tipos, nas mais diversas fases da vida. Na infância, na escola, na universidade, no bairro, na comunidade, na favela, no trabalho, no sindicato, nos coletivos, nas ruas, nas *baladas*, nos partidos, dentro de casa.

Esse cenário tão desigual em que nos encontramos foi escancarado durante a vivência da pandemia da COVID-19. O mundo não teve outra escolha a não ser abrir os olhos para a complexidade de experiências e formas de vida que habitam o mesmo planeta. Escrevo aqui “somos nós, mulheres”, mas considero profundamente importante não só para esta pesquisa, mas para qualquer análise e percepção de mundo, pontuar que nós, mulheres, somos diversas. Impossível nos achatar em uma categoria plana, uniforme, sem rugosidades, labirintos, nós e espirais.

As camadas de classe social e raça nos atravessam com tanta importância quanto a de gênero. A interseccionalidade¹ se apresenta como uma lente, uma forma de ver o mundo, que depois de compreendida me parece impossível abandonar. Uma vez que compreendemos a importância de análises concretas, do materialismo histórico², da interseccionalidade; uma vez que incorporamos as lentes feministas, parece que passamos a ver com mais clareza. Coloco clareza aqui, o que não

¹ As historiografias feministas colocam que o conceito de interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Creenshaw, em 1989. Entretanto, muitas mulheres já debatiam e traziam à tona discussões que colaboraram para a formulação do conceito como conhecemos atualmente. A interseccionalidade defende que não podemos analisar os grupos e as opressões as quais estão submetidos isoladamente, mas sim sobrepondo as vivências e dando luz à complexidade em torno de cada experiência. Compreende-se, portanto, que as estruturas de gênero, raça e classe não são excludentes ou possuem hierarquias entre si. Por exemplo, não há como separar e analisar a vivência de uma mulher negra que também é atravessada pela pobreza, ou de uma mulher trans que também é atravessada pela negritude. Elas não são uma coisa ou outra, elas são o fruto da sobreposição de todas essas camadas.

² Formulado por Marx e Engels no século XIX, o materialismo histórico rompe com idealizações e defende análises concretas da sociedade, a partir dos meios materiais, e sempre levando em consideração a história da luta de classes.

significa facilidade ou simplicidade, pelo contrário. Não é uma tarefa fácil relembrar constantemente que as particularidades de cada experiência são igualmente legítimas, que não há uma disputa de opressões ou uma forma de colocar na balança a vivência X contra a vivência Y. É justamente na sobreposição em que identificamos o que compartilhamos e onde nos diferenciamos. “Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas.” (RANCIÈRE, 2005, p. 15).

A multiplicidade de contradições, reivindicações e particularidades que passei a identificar a partir de 2019, quando comecei a estudar e desejar me organizar politicamente, me trouxe impasses, inimizades e inúmeras crises existenciais do “por que tudo é assim? Por que não poderia ser mais fácil?”. Porém, toda essa dificuldade é recompensada quando encontramos uma companheira ou companheiro e temos um bom debate, uma boa conversa, uma brisa com uma cerveja na mão, uma plenária fervorosa ou uma manifestação de limpar a alma.

Sendo assim, como tudo nessa vida, o ano eleitoral de 2022 não poderia ser um ano fácil. O projeto burguês fascista encabeçado por Bolsonaro enfrentou um desgaste popular frente à fome, à miséria e às condições sub-humanas de vida em se encontra grande parte da população brasileira. As mídias burguesas também se posicionam cada vez mais contra as *fake news*, o negacionismo e os escândalos envolvendo toda a sua família. Entretanto, relaxar em pleno ano eleitoral e esperar que o resultado se dê nas urnas não me parece uma opção inteligente, principalmente por compreendermos que o resultado das eleições altera os marcos do processo democrático burguês, alterando, portanto, o campo das possibilidades de disputas populares e revolucionárias. As decisões eleitorais e as representações políticas nas diversas esferas de poder são um meio, um aspecto do processo inflamatório, não o processo revolucionário em si.

Durante todo o ano de 2021, eu e minhas companheiras do Juntas, que fazemos parte do Movimento Esquerda Socialista do PSOL, resistimos e nos posicionamos como um grupo de esquerda que defendia os atos massivos de rua, que gritava por “Fora Bolsonaro!” já, agora. Vivenciamos inúmeros atritos com outros setores e partidos da esquerda, que possuíram e ainda possuem como estratégia aguardar as eleições em vez de depositar todas as energias das bases em torno de um *impeachment*.

Logicamente iremos votar contra qualquer candidato que se apresente em um possível segundo turno, em outubro de 2022, com Bolsonaro, mas fazemos questão de afirmar nosso programa político de resistência, que se localiza totalmente na esquerda. Acreditamos em revolução, não em venda de nossos direitos e acordos com o centro. Acreditamos em trabalhos coletivos, em socialização dos nossos deveres, do nosso cuidado, não em uma figura única, que milagrosamente salva a pátria. Queremos olhar para frente, construir um futuro diferente de qualquer passado que este Brasil já viveu. Podemos ter boas lembranças de momentos mais prósperos do que agora, claro que temos, mas não nos contentamos com isso. Queremos mais, queremos um feminismo para os 99%, queremos mudanças estruturais.

Para os que defendem que isso é uma completa utopia, fica o nosso desafio de formação, de propaganda, de debate, estratégias e mobilização. Através de encontros engajados, escutas respeitadas, de embates importantes, eufóricos também, através de oficinas, de arte, de *design*, das mais diversas frentes, alcançamos novos sujeitos, novas subjetividades, adentramos novas formas de pensar e vamos juntas construindo uma narrativa que conte a história que queremos para nós, nossos filhos e filhas, gerações por vir.

É por isso que escrever esta dissertação, nesse momento de desgaste do *Bolsonarismo* e de um processo eleitoral polarizado entre Lula e Bolsonaro, me parece a ocasião perfeita. Não há dúvidas de que fazer pesquisa no Brasil agora é um desafio e de que militar agora é um peso, mas se não for feito agora, quando seria? Quando escrever sobre feminismo e estudar as nossas antepassadas seria tão relevante, se não agora? Quando planejar oficinas com mulheres, ter trocas e diálogos sensíveis e respeitosos seria tão impactante para o caminhar de cada uma, se não agora? Quando gerar um sentimento de rede, conseguir construir um espaço de acolhimento, de mentoria, de amizade, e querer passar isso para mais e mais pessoas seria tão imprescindível para o avanço das nossas vidas, se não agora?

A relevância de qualquer pesquisa que analisa as nossas vidas de forma concreta, que entrelaça campos do saber em torno do desenvolvimento de novas formas de produzir conhecimento, de resistir e de existir, que sejam mais igualitárias, mais conscientes e menos normatizadas, se constrói ao fazer, no agora. Sigo a afirmativa de Paulo Freire (2002), “o caminho se faz caminhando”, e é pesquisando e escrevendo essa dissertação que contribuo para as próximas

pesquisadoras e pesquisadores que se aventurarão na tarefa complexa de entrelaçar *design*, feminismo, política, arte e subjetividades. É formulando, lendo, debatendo, discordando e aprendendo com meus colegas que participaram desse processo, minha orientadora, meu co-orientador, meus amigos dos grupos de estudos História da Sexualidade e Barthes, e do Laboratório de Representação Sensível da PUC Rio, que contribuímos para novos desdobramentos do campo do *design*.

Vivenciando relações cada vez mais conectadas digitalmente, trabalhos cada vez mais *uberizados*³, vendo cada vez mais pouquíssimos milionários ficando mais e mais ricos à custa de exploração da classe trabalhadora, fragmentada ao redor do mundo, que entendemos a urgência em parar para pensar e formular novas formas de fazer *design*.

Embarque nessa leitura feminista e ativista comigo, construída coletivamente, com tremenda admiração pelas mulheres que pavimentaram o caminho que me permitiu chegar até aqui, pelos teóricos que desbravaram as paredes acadêmicas, subvertendo e analisando criticamente as epistemologias tão estáticas e rígidas às quais estamos submetidos, pelos meus colegas, professores, orientadora, co-orientador, família, amigos e amores, e principalmente, pelas mulheres que se doaram de corpo e coração para fazer essa dissertação acontecer da forma que aconteceu, especial e única.

Na presente dissertação, dois caminhos são traçados em paralelo e igualmente importantes para o embasamento, inspiração, organização e planejamento do trabalho de campo: os movimentos feministas e a análise crítica do *design*. No segundo capítulo, realizamos uma breve contextualização histórica dos movimentos feministas, optando pelo recorte temporal em “ondas”, que será explicado adiante. Autoras como Heloisa Buarque de Hollanda (2018) e Verónica Gago (2020) referenciam tal conjuntura e, principalmente, suas particularidades na América Latina e no Brasil.

À medida que nos aprofundamos na forma de organização das mulheres, resgatamos alguns métodos feministas de construção de materiais, manifestações,

³ O termo *uberização* do trabalho, criado a partir do nome do aplicativo *Uber*, se refere a trabalhos explorados, através do uso de aplicativos digitais. Grandes empresas terceirizam serviços de entrega, entre outros, contratando sem qualquer tipo de vínculo ou responsabilidade os seus prestadores de serviço. Uma figura pública que tem popularizado e democratizado esse debate é Paulo Galo, entregador de aplicativos e famoso representante do grupo de entregadores antifascistas. Para ver mais: <<https://www.instagram.com/galodelutaoficial/>>.

assembleias e greves, que estão situados na quarta onda feminista, principalmente a partir do ano de 2015. Tais dinâmicas de auto-organização serviram como base para formular e planejar as oficinas que foram realizadas por mim, enquanto pesquisadora, e são um dos eixos norteadores desta pesquisa.

Fazendo um salto histórico, nos voltamos para a década de 1960, período em que os *consciousness raising groups*⁴, grupos de sensibilização organizados por mulheres no contexto do feminismo americano, surgiram e se desenvolveram com vida curta, porém de tremenda potência. Os encontros de debates e trocas de experiência foram selecionados como inspiração para esta dissertação por alcançarem os principais objetivos que desejamos realizar como, por exemplo, organizar grupos de mulheres em torno de um debate em comum, dar a ver como seus problemas cotidianos são estruturais e não privados ou descolados da realidade, além de engajar o grupo ao redor de fazeres artísticos que representam os sentimentos gerados ali, durante a troca de relatos rotineiros. Sobre esta temática, Eva Célem em “Descolando Gênero e Sexualidade: uma investigação sobre processos feministas de subjetivação e o fenômeno do *Consciousness-Raising*” (2020) aborda com riqueza de detalhes os *consciousness raising groups*, não só esclarecendo a conjunção da época e explicação das dinâmicas, como também refletindo as relações dos grupos de sensibilização com o *design*.

Concluindo o segundo capítulo, consideramos importante abordar o conceito de ação estético-política⁵, apresentado pelo Coletivo 28 de Maio (2017). Apresento nesta dissertação exemplos de ações estético-políticas que considero potentes para dar a ver múltiplas formas possíveis de protesto, que me atravessam e atravessaram diretamente enquanto profissional *designer*, militante e artista. São eles o bloco de carnaval Mulheres Rodadas, a performance “Um violador em seu caminho” e o perfil de *Instagram Design Ativista*, selecionados para elucidar brevemente as possíveis conexões entre carnaval, política, subversão, corpos,

⁴ “*Consciousness-Raising* foi uma prática feminista em grupo, cujo principal objetivo era reconhecer que os problemas normalmente entendidos como individuais de cada mulher, eram, na realidade, fruto de uma opressão estrutural.” (CÉLEM, 2020, p. 22). Falaremos com mais detalhes adiante sobre os grupos e suas dinâmicas.

⁵ Nesta dissertação, conceituamos ação estético política como qualquer ação artística que gera efeitos na sociedade. Sem conseguir identificar exatamente se é arte, protesto ou crime, as ações estético políticas possuem caráter anônimo e são facilmente multiplicadas, viralizadas e adaptadas aos diversos contextos nos quais estão inseridas. Trata-se de uma subversão da arte “de galerias” e da aura do artista gênio e criador, a fim de gerar efeitos desconfortáveis e disruptivos, através dos mais diversos e inusitados suportes.

música, arte, dança, teatro, *design*, *internet* e viralização, anonimato, e tantas outras camadas que compõem essas atividades.

Ações estético-políticas que entrelaçam arte e protesto com pautas tão urgentes e relevantes para a vida das mulheres como, por exemplo, a legalização do aborto, a sobrecarga das mulheres e a ampliação do conceito de trabalho, me tocam cotidianamente. Isso acontece porque, ao mesmo tempo em que sou pesquisadora, admiradora e espectadora de muitas destas, também me identifico como artista, produzo as minhas ações, seja no meu fazer profissional, militante, na reprodução de ações já existentes ou na criação das minhas ilustrações, que estampam os corpos cariocas e brasileiros pelas ruas do carnaval, através da minha marca de tatuagens temporárias, a experimental! tattoo.

Já no terceiro capítulo, tecemos uma crítica ao *design thinking* e às ideologias do campo que colocam o *designer* como gênio criador por excelência, e que sistematicamente toma decisões, que ignoram as relações com os meios de produção, interesses de terceiros e as implicações econômicas e políticas de seus projetos. Para isso, nos embasamos em autores como Adrian Forty (2007), que traz contribuições no entendimento da relação entre o *design* e o sistema capitalista. O autor demarca o surgimento da profissão a partir da Revolução Industrial e ao longo do livro “Objetos de desejo: *design* e sociedade desde 1750” apresenta inúmeros exemplos de como o *design* constrói símbolos e significados, colaborando para a fixação de determinadas ideologias no senso estético e no consumo da população.

Desmistificando o ideal ingênuo de que o *design* é neutro ou irrelevante, defendemos o contrário. As ferramentas estéticas e metodológicas do *design* são extremamente potentes, como veremos nas oficinas. Constituímos subjetividades, influenciemos o consumo de diversos produtos e somos capazes de influenciar em identidades coletivas. Uma vez conscientes dos efeitos das práticas do *design*, que reverberam durante anos e anos, se faz necessário repensar criticamente o papel do *designer* e suas produções.

Alguns pares do campo que pesquisam e elaboram questões de relevantes na provocação do *design* são Denise Portinari (2017), Guilherme Altmayer (2016), Alberto Cipiniuk (2020) e Iraldo Matias (2016), os quais admiro e utilizo como referência para pensar formas de desviar e subverter a nossa profissão, sempre partindo de dentro e utilizando as nossas próprias formas de trabalho para propor outros olhares e práticas para o campo.

A partir da crítica desenvolvida através da revisão bibliográfica de alguns autores, como os citados acima, apontamos os caminhos que consideramos coerentes e eficazes na construção de um *design* político e ativista. Para dar conta de elaborar e repensar a epistemologia do *design*, apresentamos uma pesquisa acadêmica multidisciplinar com influências de autores como Michel Foucault (2014), que contribui para uma análise da situação presente em que não só os *designers*, mas toda a sociedade, se encontram, através de sua noção biopolítica, das formas de docilização e produção dos sujeitos e dos processos de subjetivação. Já Judith Butler (2019) e Guacira Lopes Louro (2004) expandem as possibilidades de desestabilização da própria forma de fazer pesquisa acadêmica através dos estudos *queer*, brilhantemente incorporados pelo campo do *design* através das contribuições de Denise Portinari (2017) em seu artigo *Queerizar o design*, que propõe um estranhamento do campo e o agenciamento do *design* em práticas contra normativas, transviadas, que possibilitam novas formas de produzir e existir.

Objetivando desconstruir e problematizar os moldes rígidos em que a pesquisa acadêmica se baseia, utilizamos, também, como metodologia para o planejamento das oficinas, a pesquisa-ação e a pesquisa criativa. Sendo assim, o principal objeto da pesquisa são as dinâmicas das oficinas, que possuem caráter qualitativo, pois se constroem ao longo do desenvolvimento, produzindo formas de subjetivação, novos conhecimentos, novos objetos e sensibilizando as pessoas envolvidas. Os resultados do presente estudo dizem respeito tanto aos materiais produzidos nas oficinas, quanto às experiências e questionamentos que foram alcançados através das dinâmicas. Situamos a metodologia do *design* e as ferramentas estéticas de co-criação e de organização como elementos importantes para o processo, porém não se limitando como objetivos finais dessa dissertação.

Por fim, cabe ressaltar que o trabalho de campo realizado durante essa pesquisa se deu de forma 100% remota, através de vídeo chamadas, devido às condições sanitárias da pandemia da COVID-19. Me envolvi com um grupo de mulheres que já existia, através da facilitação e apresentação de uma amiga, que era participante de um grupo de leitura. Os encontros de tal grupo já ocorriam de forma remota, por integrar participantes de diversos locais do país. Formado exclusivamente por mulheres, as reuniões eram para ler e debater textos de autoras femininas, que tratam de questões relacionadas à maternidade, às vivências cotidianas de mulheres, opressões e sofrimentos. O despertar para a organização do

grupo partiu de uma das integrantes, que se juntou através do *Instagram* com as demais, motivada em ler a lista de livros indicados pela autora Elena Ferrante para o site *The Guardian*.⁶

A principal hipótese da pesquisa sempre foi a de que a realização de oficinas com mulheres, mediada de forma horizontal por mim, utilizando recursos estéticos e metodológicos do *design* como, por exemplo, exercícios artísticos de escrita, colagem, intervenções diversas, rabiscos, desenhos e fotos, seria capaz de promover um espaço seguro para a troca de diálogos e o estabelecimento de vínculos entre as participantes. Partindo de perguntas e temáticas provocadoras como, por exemplo, “a partir de quando você se reconheceu como mulher?”, “qual a sua relação com a sua sexualidade?”, dentre outras, a proposta era seguir o caminho já pavimentado pelas companheiras dos *consciousness raising groups*, em que cada mulher integrante do grupo respondesse as perguntas a partir de suas vivências, compartilhando apenas o que se sentisse confortável em dividir. O objetivo de desenvolver ações estético-políticas voltadas para as pautas dos movimentos feministas permaneceu como pano de fundo secundário em relação à valorização do processo e do estar-juntas, mas acabou se concretizando, de certa forma, no projeto comum de divulgação e compartilhamento das oficinas nas redes sociais.

No quarto capítulo desta dissertação, o meu “diário de campo”, que devido à situação pandêmica se tornou o bloco de notas do meu computador, é compartilhado quase que integralmente (com alguns cortes e seleção de trechos) com você, que está lendo este trabalho. Considero relevante exibir o meu diário com tantos detalhes, pois as falas das participantes ao longo dos encontros e a forma espontânea que os assuntos e questionamentos foram se encadeando não poderia ser compreendida caso eu recortasse e isolasse alguns relatos para apresentá-los aqui. Compartilhar o texto em sua quase totalidade me pareceu a forma mais fiel de aproximar a experiência da leitura aos tempos e respiros vivenciados por nós. Ainda que as oficinas tivessem sido planejadas inicialmente para serem realizadas presencialmente, trazendo a bossa e a pluralidade de possibilidades na realização de trabalhos artísticos no corpo a corpo, mexendo, tocando e sentindo diversos materiais, texturas, suores e respirações, os resultados dos encontros *online* foram surpreendentemente positivos.

⁶ Para acessar a lista de leitura: <https://www.theguardian.com/books/2020/nov/21/elena-ferrante-names-her-40-favourite-books-by-female-authors>.

Com o esforço de não conduzir as dinâmicas de forma enviesada pelas minhas intenções ou visões de mundo, os assuntos foram se conectando e correndo de forma espontânea pelas participantes. Algumas das principais angústias compartilhadas pelas integrantes foram relacionadas à vida profissional, à insatisfação com as escolhas de carreira, trabalho e estudos. Também foi mencionado inúmeras vezes o âmbito familiar, puxando memórias de infância e adolescência com um certo teor repressivo, dentro de famílias consideradas tradicionais, católicas ou conservadoras pelas participantes. O tabu da sexualidade foi outro assunto constantemente relatado, passando por desabafos acerca da vida sexual de algumas, de insatisfações com o próprio corpo, de falta de conhecimento dos próprios prazeres, vergonha, medo, até o compartilhamento de traumas provenientes de abusos e violações.

Durante todos os encontros, as sessões eram separadas em duas partes. Havia o momento de falar e ouvir, em que cada uma ligava seu microfone e contava o seu relato, comentava sobre o que a colega tinha trazido como experiência, dava conselhos e fazia conexões com a sua própria vida, e havia o momento das práticas artísticas. Na maioria dos encontros nós falávamos primeiro e depois tentávamos sintetizar o que vivenciamos e sentimos ali em algum fazer artístico que era proposto por mim.

Realizamos colagens com materiais diversos que encontramos em casa, desenvolvemos desenhos, escrevemos poemas e cartas, nos presentearmos com interferências artísticas, uma nos trabalhos das outras, e selecionamos alguns objetos pessoais que considerávamos importantes ou marcantes para nós, a fim de compartilhar a memória que havia por trás de cada um. Era perceptível que algumas participantes tinham mais facilidade de soltar a criatividade e inventar coisas, enquanto outras possuíam um medo de errar, uma trava por saber que o tempo estava acabando e era desejado por todas ver e apresentar algum resultado ali. Ao fim dos encontros, elas mencionaram como foi importante e desafiador a proposta de criar artisticamente sem amarras e idealizações de colocar uma “obra de arte” finalizada no mundo. Os exercícios eram muito mais sobre se soltar e ver quais resultados apareceriam, sem julgamentos de certo e errado, do que sobre realizar grandes elaborações objetivando uma criação “perfeita”.

Além de valorizar os exercícios criativos e reconhecer o impacto que as oficinas tiveram no exercício constante de soltar a mente, a voz, a escuta e o corpo

ao redor de atividades artísticas, as participantes também relataram que aprenderam a escutar com mais cuidado durante os nossos encontros. Primeiramente me espantei com tal relato, principalmente por estarmos no ambiente *online*, que sempre considerei difícil de dialogar, com as travas dos *gadgets*, a internet que cai e os microfones que se cortam, porém ao fim dos encontros eu percebia como nos tocávamos com sinceridade, carinho e respeito.

Aprendemos a ouvir e a falar, a respeitar os silêncios e os *bugs* de cada computador, afinal, éramos mulheres que não nos conhecíamos e estávamos embarcando em uma aventura sensível e totalmente mediada pela internet. Reconheço nossas similaridades e privilégios, porém considero de extrema importância pontuar a entrega que foi realizada por cada uma das mulheres que se propuseram a participar da pesquisa. Durante um período tão caótico para o Brasil e para o mundo, com tantas incertezas e inseguranças, em que nos víamos ainda isoladas e com poucas perspectivas de melhora, as oficinas funcionaram não só como dispositivos de subjetivação, mas também como um local seguro para arejar e refrescar a mente em meio a tantos tormentos e cansaços.

Durante os dois anos de realização da pesquisa, que foi totalmente atravessada pela pandemia da COVID-19, alguns desejos ficaram para trás e estão nos planos de possíveis desdobramentos para futuros projetos acadêmicos. A realização das oficinas presencialmente e com grupos diversos, em diferentes contextos, desde jovens mulheres em grupos artísticos, passando por mães, mulheres em comunidades, em educação de jovens adultos, em igrejas, e até dentro de coletivos e partidos que já são engajados na pauta feminista, são um caminho que ainda pretendo desenvolver, a fim de observar onde nos tocaremos e onde nos afastaremos durante as práticas.

Para finalizar essa introdução e esclarecer a escolha narrativa do trabalho, ao longo do relato utilizarei a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural em constantes entrelaçamentos. Considero essencial me localizar enquanto pesquisadora, militante, artista, *designer*, ilustradora, e mais todas as facetas que habitam em mim, ativamente, na pesquisa. Ao mesmo tempo, muita construção coletiva foi necessária para alcançar as análises e resultados exibidos neste trabalho. Sem mim e sem nós, não chegaríamos até aqui.

2

Os movimentos feministas

A partir do fortalecimento de governos reacionários e neoliberais, é inegável o protagonismo das mulheres nas resistências à retirada de direitos dos cidadãos. Com Donald Trump assumindo a presidência em 2017 nos Estados Unidos, Piñera no Chile em 2018, Bolsonaro no Brasil em 2019, dentre outros países em que os resultados eleitorais feriam diretamente os direitos dos trabalhadores, das mulheres, dos estudantes e dos grupos que vivem invisibilizados e às margens, as organizações populares e os levantes das massas tiveram papel fundamental na tentativa de frear os retrocessos e garantir uma vida digna e plena aos cidadãos.

No momento presente, sobretudo a partir de 2015, há um levante da quarta onda feminista não só no Brasil, mas no mundo. Neste capítulo, uma breve retrospectiva sobre as ondas feministas será feita, marcando suas características principais. Utilizamos como referência e inspiração práticas e conquistas que já ocorreram, porém, focando no contexto latino-americano atual.

Além da contextualização histórica dos movimentos feministas desenvolvida para esta pesquisa, relatamos algumas práticas coletivas feministas que já são realizadas nos movimentos. Seleccionamos como inspiração os *consciousness raising groups*⁷ da década de 1960, as assembleias, plenárias, a greve internacional feminista de 2017 e o ato do 8M.

Para além do *design* entendido como a criação de peças gráficas e todos os elementos que as envolvem, entendemos também o *design* como processo, como pedagogia para a realização de práticas de subjetivação e de construção coletiva. Entrelaçando os feminismos e suas dinâmicas com o *design* e a arte, alguns

⁷ Os *consciousness raising groups* foram práticas feministas de conscientização e sensibilização, realizadas por mulheres durante a segunda onda dos movimentos. Um dos principais objetivos era a compreensão de que os problemas vividos cotidianamente eram estruturais, e não privados, além da atração de novas militantes e da organização de planos de ação e atividades artísticas. “O termo *Consciousness-Raising* foi cunhado pelas feministas americanas de segunda-onda para descrever um processo de conscientização que elas estavam desenvolvendo, e que veio a se tornar um fenômeno que se espalhou pelos Estados Unidos e influenciou grupos feministas em outros países. Devido ao grande sucesso e disseminação da prática, o termo “*consciousness-raising*” passou por um processo de diluição na cultura norte-americana e passou a ser empregado para se referir a qualquer tipo de processo de conscientização – em qualquer contexto, relacionado a qualquer temática. Por essa razão, e pela ampla variedade de traduções que o termo sofreu em produções brasileiras, é difícil localizar trabalhos que lidem com esse fenômeno localizado que foi o C-R – especialmente nas plataformas da CAPES.” (CÉLEM, 2020, p. 22)

exemplos de ações estético-políticas⁸ dos movimentos contemporâneos serão brevemente apresentados a fim de esclarecer como a teoria alimenta a prática militante, sendo eles o bloco de carnaval Mulheres Rodadas, a performance “Um Violador Em Seu Caminho” e a página no *Instagram Design Ativista*.



Figura 1- Performance “Um Violador em Seu Caminho”⁹ criada pelo coletivo chileno Las Tesis e replicada mundialmente. A ação envolve música, coreografia e acessórios (como a faixa preta nos olhos). A principal motivação era a denúncia dos abusos policiais ocorridos nos protestos chilenos de 2019. A performance foi adaptada ao contexto de cada cidade onde foi realizada. No Rio de Janeiro, por exemplo, gritos como “Marielle está presente e o assassino dela é amigo do presidente!” foram adicionados. Fonte: Sílvia Izquierdo (AP)

⁸ “Uma ação-estético política incide e embaralha a partilha do sensível vigente dando ensejo ao que denominamos um dispositivo de subjetivação artista. Isto é, à possibilidade de invenção e experimentação de outros modos de vida. Abandona-se a frivolidade da vida artística pelo combate da vida artista, como diria Foucault. Dito desse modo, o artista não aparece, ele desaparece, ele almeja o anonimato. [...] Esconder-se por via de máscaras, coreografar os movimentos em meio às manifestações, atacar os símbolos capitalistas. Elxs aspiram ao anonimato... Isso porque afirmamos que, numa sociedade que prima pela celebridade, o anonimato é uma grandeza de espírito.” (COLETIVO 28 DE MAIO, 2017, p. 195)

⁹ Para assistir à performance: <https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4>



Figura 2 - Criado em 2015, Mulheres Rodadas é o primeiro bloco de carnaval feminista da cidade do Rio de Janeiro¹⁰. Com repertório musical e fantasias que unem a militância feminista com a folia, toda Quarta-Feira de Cinzas o cortejo desfila pelo Largo do Machado. Durante o ano inteiro, as organizadoras promovem oficinas e palestras, além de manter suas redes sociais ativistas, criando uma rede de apoio e denúncia constante e bem-humorada. Foto: Custódio Coimbra (Agência O Globo)

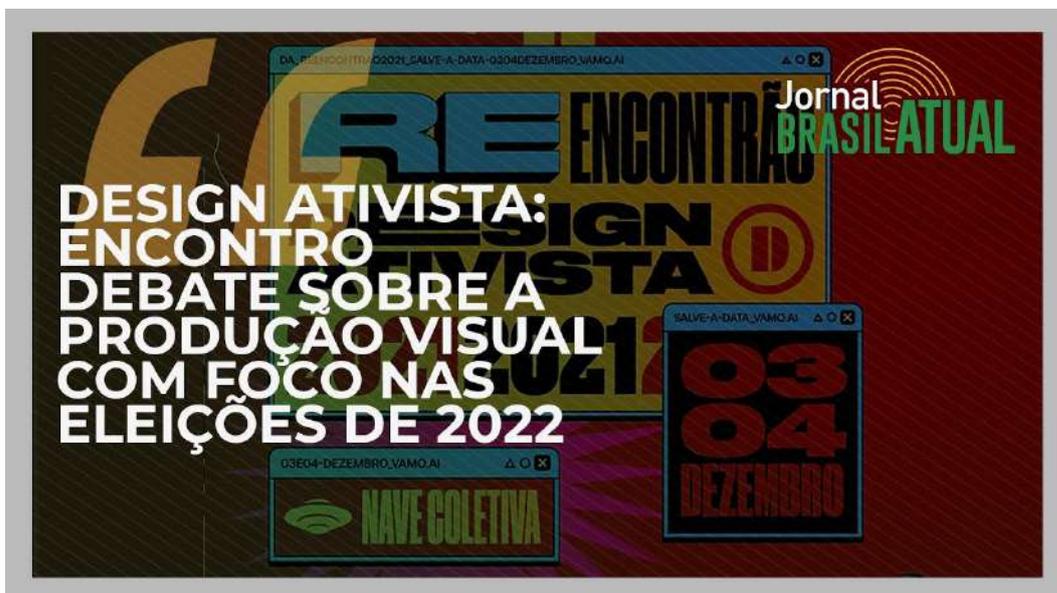


Figura 3- O *Design Ativista* é um perfil e uma *hashtag* de *Instagram*¹¹. A proposta é dar visibilidade às diversas artes que utilizem o *design* como ferramenta ativista. Não só o movimento feminista, mas outras pautas como antirracismo, luta pelos povos indígenas e sustentabilidade também são protagonistas das redes. Além das viralizações, também há a convocatória e a formação de grupos de profissionais voluntários para determinadas ações, encontros presenciais de debate, exibição de filmes e palestras. Fonte: *Instagram Design Ativista*

¹⁰ Para mais informações: <https://www.youtube.com/watch?v=usn3aj1dvKE>

¹¹ Para mais informações: <https://www.instagram.com/designativista/>

2.1

Quarta onda feminista

Embora a divisão histórica em “ondas feministas” soe como um consenso, principalmente dentro da militância e das leituras ocidentais, consideramos importante datar o seu surgimento. Em 1968, a autora Martha Lear publicou um artigo no *New York Times* relatando algumas atividades das militantes feministas da época. Ao descrever algumas de suas ações como os jornais feministas, a demanda pela revisão de leis de divórcio, aborto, entre outras reivindicações, a autora utilizou o termo “segunda onda” para diferenciar o cenário atual do vivido pela geração anterior de ativistas, que passaram a ser nomeadas como “primeira onda” (LEAR, 1968, p. 24).



Figura 4 – Artigo de Martha Lear para o *New York Times*. Fonte: *New York Times Archives*

Já em 1992, Rebecca Walker publicou um artigo intitulado Tornando-se a terceira onda para a *Ms. Magazine*. Afirmando “Eu não sou uma pós-feminista, eu sou a terceira onda.”, a autora enfatiza a continuidade das mobilizações e colabora para a demarcação da metáfora das “ondas feministas” como símbolo na comunicação dos movimentos (WALKER, 1992, p. 41).

O uso da metáfora de “ondas” se refere aos momentos de grandes mobilizações. Assim como uma onda, que vai se formando e crescendo, até explodir, as organizações feministas vão se construindo e se consolidando, dialogando com as bases, até culminar em episódios massivos de manifestações, e

consequentemente, avanço nos debates e na conquista dos direitos das mulheres (ZIRBEL, 2021).

Dentro das diversas historiografias feministas, utilizamos aqui o recorte em “ondas”, a fim de facilitar a breve narrativa histórica dos movimentos que faremos. Adiante, apresentaremos uma nova metáfora, que vem ganhando força no ativismo dos dias atuais, a de “maré” feminista, que será explicada em breve. Toda a contextualização está embasada no vasto conteúdo feminista que vem sendo documentado e democratizado na *internet*. Uma das fontes referência foi a Revista *AzMina*, portal jornalístico 100% feminista, além de outros artigos e textos como na revista *QG Feminista*, no *blog Feminists in the city* e *blogs* universitários. Para a contextualização do momento presente, a partir de 2015 principalmente, utilizamos as autoras Heloisa Buarque de Hollanda (2018) e Verónica Gago (2020), em paralelo com experiências vivenciadas por mim. Esperamos que essa dissertação também sirva como inspiração para futuros estudos feministas e contranormativos. Assim, vamos retroalimentando e democratizando os saberes feministas.

Sendo assim, iniciamos a contextualização histórica no fim do século XIX. As sufragistas, como ficaram conhecidas as feministas da época, principalmente no contexto inglês, reivindicavam o direito ao voto feminino. Marcando a primeira onda dos feminismos, elas eram em sua maioria mulheres brancas de classe média/alta.

As pautas debatidas eram, majoritariamente, sobre direitos à educação formal, ao trabalho remunerado, à abolição da propriedade do marido sobre a esposa e ao voto. Tais questões tendiam a ser centradas numa figura generalizada de “mulher universal”, que pouco representava as mulheres não brancas e da classe trabalhadora (FRANCHINI, 2017).



Figura 5 - As sufragistas e seus cartazes nas ruas. Fonte: Getty Images



Figura 6 – Jornais sufragistas de 1913. Fonte: Obvious Magazine.



Figura 7 – Medalhas e broches sufragistas. Fonte: Getty Images.

Muitas vezes ignoradas nas assembleias legislativas, as mulheres se organizavam nas ruas, bloqueando tráfegos, participando de diversas formas de manifestações radicais. Além disso, organizavam campanhas publicitárias, jornais e inúmeras ações não violentas. Por volta da década de 1920, as mobilizações da primeira onda diminuíram, visto que nos Estados Unidos e no Reino Unido as mulheres conseguiram o direito ao voto (KRALL, 2020).

Ainda que a militância da época não tenha levado em consideração outros recortes imprescindíveis para a emancipação das mulheres como o de classe social e de raça, consideramos inegável a colaboração e importância de tais contribuições para a narrativa das lutas feministas ao redor do mundo.

Já a segunda onda, iniciada nos Estados Unidos, atinge a popularidade entre as décadas de 1960 e 1980. Situado no contexto do movimento por direitos civis¹², o feminismo americano é inicialmente liderado por mulheres negras. É nessa época que se iniciam as dinâmicas dos *consciousness raising groups*, de que falaremos mais adiante. Os grupos eram destinados ao compartilhamento de vivências das

¹² O movimento por direitos civis ocorreu nos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1960. Uma das principais reivindicações era o fim da segregação racial.

mulheres e são ligados diretamente ao movimento feminista radical americano, que durou apenas até 1975 (CÉLEM, 2020).



Figura 8 - Angela Davis, representante icônica do movimento feminista negro até os dias de hoje, foi uma das figuras políticas que sustentou a segunda onda feminista. Com sua figura popularmente associada ao partido comunista americano e aos Panteras Negras, Davis foi demitida do cargo de professora da Universidade da Califórnia, perseguida politicamente e colocada na lista dos 10 criminosos mais perigosos do país. Chegou a ser condenada e presa sem provas, desencadeando um movimento cultural e político com campanhas de “Libertem a Angela!”. Fonte: Reprodução (Internet).



Figura 9 e 10 – Bottom da campanha “Libertem Angela!” e cartaz de procurada de Angela Davis. Fonte: Reprodução (Internet).

Faz-se importante esclarecer que o feminismo radical da época não propõe os mesmos ideais que o feminismo radical conhecido atualmente. Sobre o feminismo radical da época:

Pode-se dizer, de maneira geral, que estas mulheres radicais rejeitavam tanto a posição de que a opressão feminina só se dava por via do capital (visão normalmente encontrada dentro do contexto da militância socialista no momento) quanto a solução do feminismo liberal de integração da mulher na esfera pública para o fim da desigualdade de gênero. Defendiam que gênero constitui uma classe, e que as relações entre os gêneros deveriam ser repensadas. (CÉLEM, 2020, p. 76)

O feminismo radical atual entende os homens e mulheres de maneira biológica, pregando a abolição do conceito de gênero. Para elas, quem nasce mulher passa por um conjunto de processos e experiências pelas quais quem se torna mulher não passaria. Sendo assim, a categoria de mulher trans não é reconhecida, por exemplo. Atualmente, conhecida como *radfem*, a vertente gera inúmeras polêmicas na militância, principalmente pela abordagem considerada transfóbica e por serem contrárias à pornografia e prostituição, que consideram ferramentas masculinas de objetificação e exploração dos corpos das mulheres (REIF, 2020).

Retornando à segunda onda feminista, a partir desse momento, o debate passa a ser ampliado, levando em consideração recortes de classe social e de raça. Direitos reprodutivos, discussões acerca da sexualidade, dos conceitos de sexo e gênero, da maternidade, do casamento e de diversos outros dispositivos de manutenção do poder masculino passam a situar o centro das discussões. A partir dos debates iniciados por essas militantes o conceito de interseccionalidade é pensado e desenvolvido. Ainda que nas historiografias feministas seja colocado que a interseccionalidade¹³ foi introduzida formalmente por Kimberlé Creenshaw em 1989, essas mulheres já defendiam e praticavam tais ideias durante a década de 1960.

A partir da década de 1980, a mídia americana começa a rotular as mulheres mais jovens como “pós-feministas”, por desfrutarem de ganhos políticos que já

¹³ “A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos. Ao sobrepormos o grupo das mulheres com o das pessoas negras, o das pessoas pobres e também o das mulheres que sofrem discriminação por conta da sua idade ou por serem portadoras de alguma deficiência, vemos que as que se encontram no centro – e acredito que isso não ocorre por acaso – são as mulheres de pele mais escura e também as que tendem a ser as mais excluídas das práticas tradicionais de direitos civis e humanos.” (CREENSHAW, 2004, p. 10)

havia ocorrido devido à militância organizada das gerações anteriores. Indo contra a ideia midiática de que a luta feminista havia acabado, Rebecca Walker, já mencionada anteriormente, publica um artigo na década de 1990 demarcando a terceira onda dos feminismos.

As discussões partiam da tentativa de evitar definições essencialistas da mulher, compreendendo que as opressões de raça, classe e gênero se sobrepõem ao longo das vivências de cada uma, sendo impossível generalizá-las. Tal fase começa a se propagar com mais força nos países latino-americanos e no Brasil do que as anteriores. A grande diversidade de pautas, grupos e estratégias é cada vez mais evidenciada, dando luz a questões que antes eram pensadas por pequenos grupos como, por exemplo, capacitismo, etarismo, entre outras (RODRIGUES, 2020).

Alguns recortes históricos não consideram que a terceira onda feminista tenha se encerrado. Entretanto, a partir das contribuições teóricas de Hollanda em *Explosão Feminista* (2018), consideramos que os movimentos contemporâneos caracterizam a quarta onda do feminismo, marcada por organizações em coletivos, prezando conceitos de horizontalidade e autonomia. Nota-se, no momento presente, o protagonismo e a valorização de grupos antes majoritariamente invisibilizados dentro da militância em questão, tais quais mulheres negras, lésbicas, trans, latino-americanas e indígenas. Vivenciamos um aumento no número de publicações acerca do assunto, possibilitando maior troca na instrução teórica que retroalimenta o ativismo através da ação direta. Além disso, novos usos em evidência são a ocupação da rua, o uso do corpo, o uso da performance e o efeito de rede das mídias sociais, que impulsiona campanhas com o uso de *hashtags*, criando uma linguagem própria do movimento atual (HOLLANDA, 2018).

Twittaços e viralizações nas redes fazem parte da maioria das mobilizações feministas. Uma febre que vem ganhando força dentro dos movimentos são os perfis em redes sociais de *exposeds*, que nada mais são do que relatos de mulheres que já sofreram algum tipo de agressão, assédio ou violência expondo os seus violadores. A sensação de segurança que a *internet* provoca acaba fomentando discursos de ódio, exposições de informações pessoais e outros detalhes, que em diferentes contextos não ocorreriam de tal forma.

A cultura do cancelamento, termo utilizado para nomear a normatização do tribunal da *internet*, tomou uma proporção nunca antes imaginada, fortalecida pelo entranhamento das redes sociais em nossas relações, corpos, casas e trabalho.

Quanto mais invisíveis, mais potentes são os dispositivos de poder, que atualmente tomam novas proporções por conta da pandemia da COVID-19, em que a sociedade forçadamente se isola de relações vividas presencialmente.

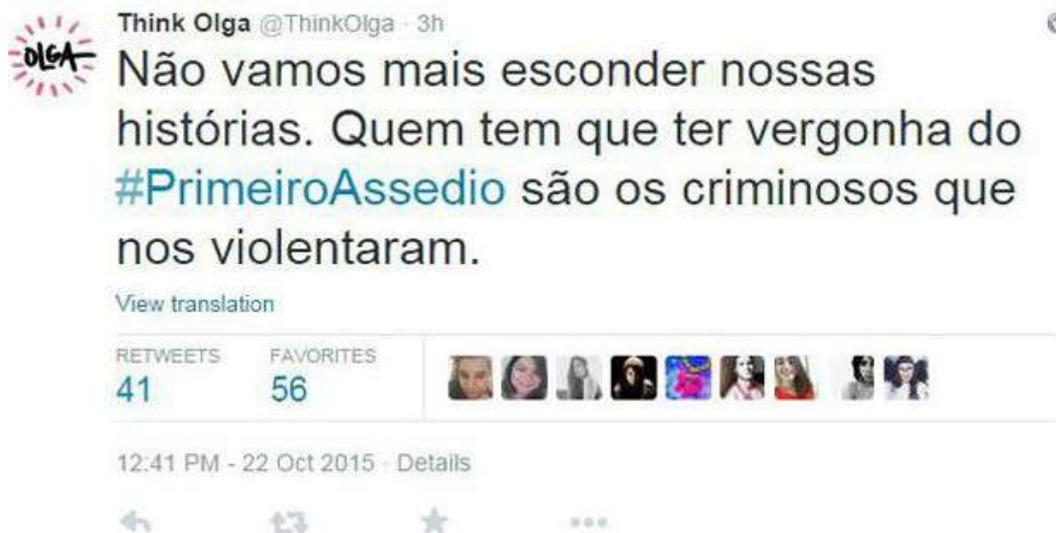


Figura 11 - Hashtag #PrimeiroAssedio, campanha que viralizou no Twitter. Fonte: Twitter Think Olga.

Pedir a responsabilização por atos criminosos ou considerados errados não significa necessariamente “cancelar” o outro, sem permitir que haja um diálogo, possibilidade de mudança e compreensão do ocorrido inadequado. A sensação de estar fazendo justiça com as próprias mãos é tão satisfatória que acaba alimentando a fissura por pequenos poderes, por flagras, por exposições de verdades escondidas, sem implicar o enfrentamento face a face fora do contexto *online*.

Longe de defender e desresponsabilizar violadores, por quaisquer que tenham sido seus atos, é necessário que haja uma organização dos movimentos feministas para que não se caia em “fascismos” e julgamentos dentro dos próprios grupos. A cultura do cancelamento se torna apenas mais uma forma de estar atento e obediente às normas numa constante fiscalização, seja como movimento de autocontrole, seja no regulamento por terceiros.

Apesar de a *internet* e as mídias sociais ocuparem um papel fundamental nos feminismos de quarta onda, também se percebe a presença das mulheres na linha de frente das mais diversas marchas e manifestações em resistência aos cenários conservadores em que diversos países se encontram. Frentes que cada vez mais dão conta de abarcar a complexidade entre classe, gênero e raça.

No contexto brasileiro, as Jornadas de Junho (2013)¹⁴ foram o pontapé para a (re)mobilização da população, organização de protestos e criação de rede de proteção e diálogo das ativistas. A voz dos coletivos, sempre masculina, foi ressignificada a partir de então, culminando em uma das reações mais rápidas protagonizada pelas mulheres, a Primavera Feminista (2015).



Figura 12, 13 e 14 – Imagens das Jornadas de Junho de 2013. Fonte: Wikimedia Commons (Divulgação).

De acordo com Hollanda,

[...] embora só em 2015 a quarta onda feminista tenha alcançado maior amplitude, capaz de atingir diferentes setores da sociedade, desde o início da década de 2010 ela já vinha mostrando sua força em manifestações públicas (HOLLANDA, 2018, p. 33)

¹⁴ As Jornadas de Junho, também conhecidas como manifestações dos 20 centavos, foram protestos organizados em 130 cidades do país. Mobilizando mais de 1 milhão de pessoas, os atos contestavam o aumento das tarifas nos transportes públicos. Para mais informações: <https://g1.globo.com/politica/noticia/junho-de-2013-as-manifestacoes-nas-manchetes-do-g1.ghtml>

A Primavera Feminista foi uma eclosão de protestos contrários a um projeto de lei de Eduardo Cunha¹⁵, que objetivava dificultar o acesso de vítimas de estupro a cuidados médicos essenciais. Se desde 2011, com a realização da Marcha das Vadias¹⁶ em diversas cidades ao redor do país, os motores feministas estavam se aquecendo, a partir de 2015 é inegável a presença das mulheres na mobilização e organização dos eventos mais marcantes da atualidade.



Figura 15, 16 e 17 - Manifestações da Primavera Feminista, contra a cultura do estupro, a favor da legalização do aborto e da liberdade de escolha da mulher nas decisões sobre o seu próprio. Fontes: Revista Época, Talita Machado e Agência Brasil.

¹⁵ Deputado federal e presidente da Câmara dos Deputados do Brasil até 2016, quando teve seu mandato cassado.

¹⁶ Manifestação que surgiu no Canadá em 2011, tomando proporções globais. A principal reivindicação era de que mulheres vítimas de estupro não são culpadas, como afirmam os violadores e grande parte da sociedade. As manifestantes afirmavam que ser vadia é ser livre. Para mais informações: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/07/marcha-das-vadias-reune-mulheres-no-rio-contraviolencia-sexual.html>

Ocorreram as manifestações contra o estupro coletivo realizado no Rio de Janeiro em 2016¹⁷, passando pela mobilização de revolta frente ao brutal assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018¹⁸. Outras movimentações massivas foram o “#EleNão”¹⁹, movimento contra a eleição de Jair Bolsonaro e a Primeira Marcha das Mulheres Indígenas, em agosto de 2019, que ocupou Brasília em um momento tão impactante para os povos originários, em que Bolsonaro ataca diretamente seus territórios e culturas.



Figura 18 – Ato no Rio de Janeiro contra o assassinato de Marielle Franco. Fonte: Mauro Pimentel (AFP).

¹⁷ Uma jovem de 16 anos foi estuprada por 33 homens na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Para mais informações: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>

¹⁸ Em Março de 2018, Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL, e seu motorista Anderson Gomes, foram assassinados à tiros. Até a presente data as investigações ainda não apresentam com clareza os assassinos, apesar de haver inúmeras suspeitas e especulações em torno do atual presidente Jair Bolsonaro e suas motivações políticas. Para mais informações: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html

¹⁹ Ocorreram atos em mais de 110 cidades do Brasil e 50 países ao redor do mundo. É considerada a maior manifestação já organizada por mulheres do país. Para mais informações: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>



Figura 19 – Cartaz da primeira Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília. Fonte: Divulgação (Internet).

Neste novo cenário dos movimentos feministas acontece uma multiplicidade de lutas, ultrapassando barreiras geográficas e dialogando com uma linguagem comum, em que teóricas latino-americanas como Verónica Gago constroem a metáfora da “maré feminista”.

A maré feminista que surgiu a partir da América Latina e que atualmente está tomando o mundo não pode ser entendida em termos de ondas, com começo e fim, e sua cronologia e temporalidade não podem se limitar a um feminismo eurocêntrico focado na Europa e na América do Norte. A maré, antes, refere-se ao movimento de uma massa aquática composta por múltiplas correntes subterrâneas, fluindo simultaneamente em várias direções, formando um imaginário de movimentos como uma multiplicidade. Essa maré abalou as geografias e as formas de fazer feminismo, de nomear a rebelião aqui e ali, e de determinar quais práticas de desobediência importam e valem como tais. Nesse sentido, ela abalou tudo, inclusive os modos de historicizar e construir genealogias, com uma marca anticolonial radical. As metáforas aquáticas, entretanto, propõem uma linhagem estranha e interessante. Nesse impulso, o “sonho irônico de uma linguagem comum” – a linguagem dos manifestos a que Donna Haraway recorreu há algum tempo – encontra uma nova vitalidade composta de situações específicas, cenas cotidianas e enormes mobilizações que traçam uma nova cartografia internacionalista. (GAGO; MALO, 2021)

A estratégia e capacidade dos movimentos feministas em dialogar com diversas pautas, problematizando questões cotidianas e enxergando tudo através das lentes feministas se provou bem-sucedida durante a pandemia da COVID-19. Tal

momento de crise, que se apresentou como um freio nas mobilizações corpo a corpo, nos forçou a exercitar os diálogos em grupos locais, retirando o melhor possível das comunicações digitais e criando novas táticas e estratégias de sensibilização e ampliação das bases.

Houve uma reinvenção do ser militante, culminando em alguns episódios de máxima insatisfação, que nos levaram às ruas como, por exemplo, os mais recentes movimentos “Gravidez aos 10 mata”²⁰ e “Justiça por Mari Ferrer”, que provocaram um levante feminista em mais de 60 cidades do país, após um caso de estupro ter sido sentenciado como “estupro sem intenção de estuprar”, crime inexistente nos artigos que acarretou a absolvição do violador. Além de respostas pontuais, os atos do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, a cada ano conquistam novas adeptas e tomam maiores proporções.



Figura 20 – Manifestação do #EleNãO. Fonte: Ricardo Botelho (Metrópoles).

²⁰ Em Agosto de 2020 diversas mobilizações online e alguns atos simbólicos presenciais, por conta da pandemia do COVID-19, reivindicaram contra as políticas de Damare Alves, ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do governo Bolsonaro. A ministra não apenas dificultou o acesso ao aborto previsto por lei à uma criança de 10 anos vítima de estupro há 4 anos, como também divulgou dados sigilosos de onde ela realizaria o procedimento, gerando mobilizações de conservadores na porta do hospital.



Figura 21 – Justiça por Mari Ferrer, durante a pandemia da COVID-19. Fonte: Divulgação (Internet).

O auge do 8 de março foi a primeira greve internacional de mulheres, realizada em 2017. Tendo os países latino-americanos como protagonistas na mobilização, a greve teve como mote “Se nossas vidas não importam, que produzam sem nós!”. Desde 2015, países como Argentina, Chile e Uruguai vão às ruas e se organizam contra os feminicídios, abusos em diversos contextos e a favor dos direitos reprodutivos, do aborto legal e seguro, entre outras pautas. Tendo como consigna a frase “*Ni Una Menos*”, as mulheres latino-americanas têm sido uma grande inspiração na resistência e na conquista de direitos nos últimos anos.



Figura 22 – Cartaz do 8M Brasil de mobilização para a greve internacional de mulheres. Fonte: Facebook 8M Brasil.

Liderando a greve feminista, foi posto como um dos principais objetivos da mobilização o deslocamento das mulheres das posições de vítimas para protagonistas nas questões trabalhistas. Segundo Gago (2020), a greve feminista transborda as questões do trabalho, ao mesmo tempo atualizando-as e problematizando-as. Coloca-se no centro do debate a questão do trabalho reprodutivo, o trabalho de cuidado, realizado majoritariamente por mulheres. Tal atividade costuma não ser remunerada e é essencial para a manutenção das estruturas capitalistas, visto que todos os trabalhadores precisam de comida pronta, casa arrumada e outros cuidados para que sejam produtivos em seus postos de trabalho.

O salário, enquanto dispositivo patriarcal, sustenta o confinamento doméstico como lugar onde se produz uma ‘infraestrutura invisível’ que nutre, sustenta e permite a ‘independência’ do ‘trabalhador assalariado livre’. A invisibilidade do trabalho reprodutivo é produzida histórica e politicamente. As tarefas domésticas são tarefas relacionadas com a reprodução social em geral e, portanto, com as próprias condições que possibilitam a exploração capitalista. (GAGO, 2020, p. 46)

A construção da greve feminista, que será abordada com mais profundidade adiante, é de extrema importância para a presente dissertação, visto que os encontros de mobilização e debate se aproximam de diversas dinâmicas do *design* participativo, da construção coletiva e das oficinas que são propostas na presente dissertação.

Construir espaços em que todos os participantes tomam as rédeas em conjunto, em que há um esforço para alcançar consensos, em que as dinâmicas são realizadas de forma horizontal e multidisciplinar, são alguns traços da participação em *design* que se assemelham ao funcionamento das organizações feministas, se afastando do mito de que há um líder detentor de conhecimento, que se localiza acima dos demais integrantes. As brechas abertas, os debates gerados, o encontro dos corpos, e a potência do pensar juntas são os grandes marcos (GAGO, 2020).



Figura 23 – Movimento argentino “Ni Una Menos”. Fonte: Facción Buenos Aires.

2.2 Práticas coletivas feministas

As respostas dos movimentos feministas às atrocidades e inconformações vividas, tanto no passado, quanto nos dias atuais, só ocorrem da forma que são devido às organizações coletivas das mulheres em diversas frentes, seja em coletivos, seja em partidos políticos, seja em sindicatos ou até em grupos da vizinhança. A reunião de corpos em torno de um debate em comum é extremamente valiosa por estimular o diálogo, a tolerância perante diferentes percepções de mundo e, ao fim, elaborar uma ideia coletiva, muitas vezes tangível, que envolve a prática e ações determinadas. Como Verónica Gago (2020) afirma sobre as assembleias, mas que poderia ser aplicado à diversas práticas coletivas,

[...] as assembleias se constituem como dispositivos situados de inteligência coletiva. São espaços de enraizamento e projeção onde se experimenta a potência de pensar juntas, de elaborar uma ideia (uma palavra de ordem, um percurso, uma convocatória etc.) que não existia antes da realização da assembleia. (GAGO, 2020, p. 187)

Nesta seção, pretendemos relatar algumas práticas coletivas feministas já existentes servindo como base de inspiração para a proposta das oficinas, que serão aprofundadas adiante. Diferentemente da seção anterior, em que fizemos uma contextualização histórica apoiada em uma revisão bibliográfica, nesta seção a fundamentação se apoia tanto em bibliografias e saberes produzidos por terceiros, quanto pela minha própria experiência vivenciando as práticas. Além disso, as dinâmicas mencionadas aqui são consideradas ferramentas que fortaleceram os movimentos feministas e geraram efeitos em diversas esferas, seja em contextos mais individualizados das participantes, até em ações coletivas, manifestações, reivindicações, entre outras tomadas de decisão. Entendemos também que o individual e o coletivo estão conectados e se retroalimentam todo o tempo nas dinâmicas de movimentos sociais, sendo impossível excluir uma esfera da outra ou abordá-las descoladas dos contextos.

Antes de iniciar o apontamento de tais práticas, é essencial mencionar que as mulheres no geral, principalmente mulheres fora do padrão branco, cisheteronormativo e de classes privilegiadas, se organizam de forma autônoma há anos. A construção de redes de apoio, de refeitórios comunitários, as trocas de receitas, de rituais, os turnos de cuidado de crianças próximas, a valorização das mulheres mais experientes, a troca de conselhos, dentre outras atividades autogeridas e passadas de geração em geração são processos de cooperação coletiva marcantes, que muitas vezes não foram sequer documentados ou vistos como extraordinários por fazerem parte das vivências, formas de produção e processos de subjetivação cotidianos de quem vive às margens.

Com isso pontuado, iniciaremos abordando os *consciousness raising groups*. Tais dinâmicas estão situadas entre o fim da década de 1960 até o meio da década de 1970, no contexto do feminismo americano. De acordo com Célem (2020), o surgimento dos grupos está atrelado ao feminismo radical americano, vertente que teve vida curta, porém marcante. As feministas radicais eram assim chamadas por defenderem ideais considerados extremos, mesmo dentro de grupos

militantes de esquerda. Para elas, o gênero era mais um recorte que deveria ser levado em consideração nas reivindicações da esquerda.

As reuniões dos grupos foram inspiradas em práticas maoístas do Partido Comunista Chinês e nas dinâmicas dos grupos que lutavam pelos direitos civis americanos. Os “roteiros” envolviam diversas perguntas, muitas vezes não seguidas tão estritamente, mas o questionamento principal envolvia questões do que era ser mulher, como o gênero e a sexualidade influenciavam nas experiências rotineiras (CÉLEM, 2020). O tempo era dividido igualmente e as participantes compartilhavam suas experiências cotidianas. Por fim, elas analisavam as respostas, tirando conclusões e buscando similaridades no que foi debatido.

Inspiradas em práticas iniciadas dentro do movimento da então chamada NewLeft (Nova Esquerda), do Black Power, e em movimentos de mulheres revolucionárias no Vietnã, Cuba e China, essas mulheres buscavam uma reintegração do pessoal com o político [...] Assumindo então o slogan ‘The Personal is Political’, se voltaram para o desenvolvimento de uma prática que viabilizasse o reconhecimento de que os problemas vividos por mulheres não eram de ordem individual, mas estrutural. O pessoal, político. (CÉLEM, 2020, p. 77)

Além disso, os *consciousness raising groups* também objetivavam construir um plano de ações. Um dos protestos mais conhecidos do grupo foi contra o *Miss America Pageant*, concurso de beleza em 1968. Algumas das pautas sobre a questão da autoimagem eram o racismo do concurso, a construção de um ideal feminino frágil, vulgar, puro e jovem, o estímulo à competitividade feminina em troca da aprovação masculina e a transformação das mulheres em mercadoria (CÉLEM, 2020).



Figura 24 - Imagens do protesto Miss America Pageant. No cartaz a frase “Miss America Pageant: racismo com rosas” e na imagem central as mulheres jogando objetos na “lixeira da liberdade”. Fonte: Getty Images

O caráter confessional e de conversão de novas companheiras para a militância das reuniões objetivava construir um movimento de massa. Os grupos eram bastante efêmeros, se desmantelavam, surgiam novos e seguiam em constante mudança. A partir dos *consciousness raising groups* foi criada a disciplina acadêmica “Estudos de Mulheres”, fortalecida no início da década de 1980, que ao mesmo tempo em que proporcionava a disseminação de informações e o processo de documentação das experiências em materiais impressos, também enfraquecia o movimento, visto que a institucionalização da disciplina na academia trazia consigo as consequências do contexto elitista e excludente da universidade (HOOKS, 2018).

Inúmeras mulheres que construíram o movimento perderam visibilidade, foram demitidas ou permaneceram em cargos inferiores por não possuírem títulos de mestrado ou doutorado.

Estavam completamente desiludidas com a universidade, esgotadas de tanto trabalho e desapontadas e iradas porque as políticas radicais que sustentavam os Estudos de Mulheres estavam sendo substituídas pelo reformismo liberal. (HOOKS, 2018, p. 25).

Enquanto isso, mulheres brancas com privilégio de classe recebiam atenção das mídias e ocupavam as salas de aula, despolitizando e eliminando o potencial das massas do movimento (HOOKS, 2018). Faz-se importante frisar que isso é um problema estrutural. O processo de institucionalização favorece o Estado, que é burguês. A mesma problemática de perda do viés radical de transformação dos

movimentos já ocorreu inúmeras vezes, tanto dentro dos movimentos feministas, quanto em outros movimentos sociais.

Para a presente dissertação, as dinâmicas dos *consciousness raising groups* são grandes fontes de inspiração na modelagem de processos de construção coletiva. Valorizamos espaços em que não há hierarquias entre as participantes, onde todas possam falar e escutar de forma igualitária, em que vínculos sejam criados, efeitos e dissensos sejam gerados, e também que a partir de tal experiência algo novo seja criado. Este “algo novo” pode ser desde um plano de ação, um objeto palpável, um conceito... inúmeras criações, e em todas elas identifica-se o *design*.

Eva Célem (2020) aprofunda-se nas dinâmicas dos grupos e em seus entrelaçamentos com a arte e o *design*. A autora menciona dois exemplos: o *Womanhouse*, instalação artística de 1972, e o *Lesbian CR Kit*, kit de cartas publicado em 1978.

No *Womanhouse* a dinâmica dos *consciousness raising groups* é utilizada como uma “metodologia”, uma pedagogia alternativa às oferecidas na época. A discussão das participantes, os sentimentos intensos e, muitas vezes, incômodos, gerados pelos debates e temas colocados em pauta geravam materiais artísticos experimentais. Em processos livres, em que os materiais e suportes não eram previamente definidos, as criações eram majoritariamente coletivas, originadas de forma espontânea. Percebe-se uma criação artística que lidava com o feminino e com assuntos realmente relevantes para as mulheres de forma muito diferente do que era produzido e legitimado como arte até então (CÉLEM, 2020).

[...] a investigação sobre práticas pedagógicas alternativas que fossem adequadas para uma revolução na maneira como a arte lidava com o feminino. A prática escolhida foi o *Consciousness-Raising*, e a instalação virou o símbolo da ressignificação de suportes, processos e o que chamavam de ‘*subject matter*’ (tema) da arte: colocava colaboração em grupo como central na conceituação e produção de arte, assim como utilizaram de maneiras inovativas materiais e técnicas que antes eram desprezadas e consideradas inferiores por serem consideradas ‘femininas’ (como performance, costura, decoração de interiores) a serviço da arte, e abordaram assuntos como a divisão de trabalho doméstico, menstruação, sexo, entre outros. (CÉLEM, 2020, p. 204)



Figura 25 - Instalação artística Nurturant Kitchen (Cozinha Nutridora), no Womanhouse.
Fonte: CalArts Institute Archives.



Figura 26 – Exterior do Womanhouse, durante reformas Fonte: Rutgers University Archives.

Já o *Lesbian CR Kit* era um *kit* de cartas desenvolvidas para uma oficina temática sobre lesbianismo. Dividido em seções e segmentos, o *kit* continha diversas sugestões de atividades, perguntas e ordens a serem seguidas. Além disso, o objetivo e o *design* da atividade eram bem explicitados. O *design* da dinâmica especificava como a atividade deveria ocorrer (como os grupos eram divididos, como a atividade era realizada, o objetivo da atividade, o tempo de cada etapa, a abordagem a ser feita pelo líder, etc.) (CÉLEM, 2020).

Ambos os exemplos apresentam de forma clara as aproximações entre *design*, arte, produções gráficas e as dinâmicas dos *consciousness raising groups*. O *design* sendo entendido tanto como a organização das atividades, quanto apresentando-se da forma mais popularizada em produções gráficas, no desenvolvimento de materiais impressos, imagens, escolha de cores, tipografias, entre outros elementos.

Consideramos as inúmeras ferramentas estéticas e metodológicas de *design* como facilitadoras na comunicação e na expressão artística de cada pessoa. Além disso, inúmeros recursos, como a colagem, permitem que as criações sejam feitas num processo coletivo de debate. A possibilidade de múltiplos ajustes é essencial, as produções não são entendidas como finalizadas na primeira tentativa, pois permitem constantes adaptações e alterações instantâneas.

Transbordando os materiais gráficos e os elementos que envolvem criações de peças visuais, mais popularizados no imaginário do que seria o *design*, valorizamos a prática do *design* como processo de organização, criação e subjetivação, entendendo-a como meio, não como objetivo final. Os caminhos que serão abertos, os diálogos e vínculos criados são os geradores de “materiais” para a co-criação de objetos, além de gerarem efeitos mais profundos e relevantes para a proposta do que apenas a produção acrílica ou descontextualizada de artefatos.

Outro exemplo da importância do processo de criação, para além dos seus objetivos finais, são as assembleias e plenárias dos movimentos sociais. Reuniões que antecedem atos e manifestações das mais diversas, além de espaços de confraternização e redes de solidariedade e apoio. As assembleias são espaços coletivos imprescindíveis na construção feminista há décadas.

Fazendo um salto histórico, a partir de agora serão mencionadas práticas coletivas pertencentes ao momento atual da quarta onda feminista. Verónica Gago (2020) tece um panorama sobre a construção e a greve feminista ocorrida no

contexto latino-americano em 2017. Para a autora, um dos pontos principais das reuniões é a potência do pensar juntas, de sair do local de vítima, que restringe a voz feminizada a comentar apenas sobre violências, assassinatos, entre outras pautas que limitam, de certa forma, o debate sobre gênero, corpos e sexualidade. Quando diferentes corpos, que ocupam diferentes lugares, se encontram, há a possibilidade de contatos e sínteses de novas propostas.

Sair do gueto também diz respeito a romper os limites das organizações que se reconhecem exclusivamente como feministas, e transbordar a convocatória com companheiras de sindicatos, movimentos sociais, espaços comunitários, organizações indígenas e afrodescendentes, centros de estudantes, coletivos de imigrantes, grupos artísticos etc. As assembleias são o espaço onde prosperam essas alianças insólitas, que implicam contatos, debates, desacordos e sínteses parciais do que propomos a nós mesmas. (GAGO, 2020, p. 52)

As assembleias e plenárias são, portanto, ao mesmo tempo “situação e processo” (GAGO, 2020, p. 188), “não apenas um momento, mas o movimento” (Ibid, p. 195). Possibilitam a pluralidade de visões, tão essencial para a construção de um movimento feminista de massas, e também operam como uma ferramenta itinerante. Não necessariamente produzem consensos, mas convidam as participantes a ouvir umas às outras, transpirar, sentir o corpo naquele espaço. Outro ponto significativo da aproximação entre as assembleias e o *design* enquanto processo são os efeitos gerados.

[...] não só dura o que dura, embora também seja assim, mas se prolonga em como os efeitos do que ali intuimos, pensamos, desejamos e decidimos se fazem corpo e põem em marcha todo um conjunto de percepções, ações, debates e mais convocatórias. (GAGO, 2020, p. 196)

O ato feminista de maior grandiosidade no Brasil é o 8M, manifestação que toma as ruas todo ano no Dia Internacional da Mulher, 8 de março. Apesar de existirem outras organizações ao longo do ano em torno de pautas pontuais ou datas menos popularizadas, o 8M já tem o público garantido, facilitado por conta de ocorrer em data e local tradicionais.



Figuras 27 e 28 – Atos do dia 8 de março. Fonte: Reuters.

As descrições de Verónica Gago (2020) se aproximam e se aplicam às plenárias de construção brasileiras. Mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, onde frequento como militante e pesquisadora, as reuniões possuem ampla convocatória e costumam ser organizadas em local físico e de acesso facilitado por transportes variados, na área do Centro da cidade. Durante a pandemia, os encontros foram realizados remotamente.

A maioria das organizadoras fazem parte de sindicatos, partidos políticos ou coletivos organizados, mas o convite é aberto ao público em geral. Nota-se

majoritariamente a presença de mulheres jovens, até a faixa de 35 a 45 anos, que se consideram de esquerda, muitas são funcionárias públicas e educadoras. Costuma-se debater sobre a conjuntura política do país, a fim de gerar uma consigna, uma frase de efeito, que conecta todos os atos do Brasil e, às vezes, de outros países. Líderes de cada frente organizada ocupam a mesa, para mediar o debate. Algumas mulheres ficam responsáveis por anotar as inscrições de fala de quem deseja se manifestar e os tempos são minutados para que todas tenham espaço.

Ao longo da construção, é trazido para a conversa questões mais práticas da manifestação como, por exemplo, o trajeto, a bateria de instrumentos que fará a agitação, o carro de som, o manifesto, a segurança, a divulgação. Para cada ponto, descentraliza-se a organização com a criação de GTs (grupos de trabalho, como são chamados pelas militantes) formados voluntariamente para dar conta da lista de trâmites a serem realizados.

É importante ressaltar que as plenárias são bastante dinâmicas e fervorosas. Pode haver um imaginário de que as ideias possuam comum acordo, mas inúmeros detalhes são levados em consideração, muitas discordâncias surgem ao longo do processo. Há um cuidado especial na escrita do manifesto, que é lido e relido em voz alta, sofrendo alterações desde palavras trocadas por sinônimos, até cortes em trechos que são considerados inadequados.

Entendendo as plenárias de construção como movimentos, não só como momentos pontuais, percebe-se como vínculos e aproximações entre as mulheres vão sendo criados, além da sensação de satisfação quando está próximo da data oficial do ato. Após a manifestação, os coletivos costumam receber muitos chamados de mulheres interessadas em participar, é um momento de expansão, de atração de novas participantes, brechas abertas ao debate com pessoas que antes estavam distantes.

Com o fortalecimento dos 8M ao redor do Brasil e do mundo, foi sendo criada uma aliança transnacional feminista, cada vez mais necessária e valorizada frente às resistências aos governos reacionários que ganharam força em diversos países. A maior movimentação transnacional feminista dos últimos tempos foi a greve de 2017.

A questão do trabalho reprodutivo²¹ foi colocada no centro do debate de tal ação. “Se nossas vidas não importam, que produzam sem nós!”, a proposta era a de parar de trabalhar durante um dia completo para as que pudessem. As que não pudessem, que parassem por algumas horas para se reunir com amigas, para ir às manifestações ou para, simplesmente, descansar.

A pauta principal era ir além do “patriarcado do salário”, transbordando a questão trabalhista para situações

[...] não reconhecidas, não remuneradas, que têm a ver com as formas de trabalho doméstico e reprodutivo, obrigatório e gratuito, mas também [...] ligadas às economias populares e às formas autogeridas de reprodução da vida. (GAGO, 2020, p. 26).

A proposta era transformar a vitimização em potência, em estratégia, em novas maneiras de pensar o território, os corpos e as relações. Simultaneamente a greve integrou as reclamações práticas, que envolviam modificações pontuais e burocráticas nas instituições, porém indo além, transbordando tais demandas. É possível transbordar quando se abre um espaço-tempo da greve, dos corpos unidos nas ruas (re)pensando seus desejos, as relações de poder, observando as evidências reveladas e tateando técnicas de desobediência (GAGO, 2020).

Essa atividade genérica e generizada, pela qual se faz greve, tampouco implica que se trate de uma greve ‘identitária’. Essa é uma das armadilhas em que desemboca o argumento de que a greve feminista é apenas ‘simbólica’ porque não alteraria ‘realmente’ o âmbito produtivo, configurando-se apenas como uma reivindicação de reconhecimento, isto é, uma ação que busca meramente reconhecimento identitário. O ponto-chave da greve feminista é a desobediência em um sentido amplo, que excede o marco legal da greve ‘sindical’ ao mesmo tempo que usa sua proteção para certas situações específicas. Mas o radical é que a greve feminista também levanta perguntas sobre a quem desobedecemos (se não é só à figura do patrão), contra quê e quem paramos (se estamos diante de ‘patrões’

²¹ O trabalho reprodutivo envolve todos os cuidados na criação e manutenção da vida dos trabalhadores. Sendo essencial para a manutenção da estrutura capitalista, atividades como cuidar, lavar, cozinhar, passar roupa, amamentar, fazer sexo, dar amor, ouvir os lamentos de um trabalhador cansado ao fim de um dia de trabalho são algumas das tarefas. Parte da estratégia capitalista de exploração das vidas foi invisibilizar o trabalho doméstico, que é realizado majoritariamente por mulheres, não remuneradas ou recebendo quantias injustas. Os entrelaçamentos com o amor, com a vida pessoal e entendida como privada e individual fortalecem o ideal de que isso não é trabalho “de verdade”. “[...] o trabalho doméstico não assalariado deu a esse esforço socialmente imposto um aspecto natural (‘feminilidade’) que nos afeta em todos os lugares para onde vamos e em tudo o que fazemos. Como trabalho doméstico e feminilidade se mesclaram, carregamos para qualquer emprego que ocupamos essa identidade e as ‘habilidades domésticas’ adquiridas desde o nascimento.” (FEDERICI, 2021, p. 34). Uma das maiores referências teóricas sobre esse assunto é a autora Silvia Federici, que possui obras como *Calibã e a Bruxa* (2017), *O ponto zero da revolução* (2019) e *O Patriarcado do Salário* (2021).

que excedem a figura do ‘chefe’) e em que sentido a interrupção da relação de obediência imposta pelo capital abre um espaço para pensar vidas diferentes. (GAGO, 2020, p. 37)

(Re)pensar as relações de poder, observar como elas se dão, quem são as pessoas envolvidas, quais são os interesses por trás, interpretar o dito e o não dito, interromper o ciclo vicioso para desobedecer, como diz Gago (2020), são as atividades críticas sugeridas aqui.

Explorando seus potenciais (contra)metodológicos e deixando “espaços para que o sujeito se produza no embate com aquilo que está diante de si” (NOGUEIRA; PORTINARI, 2016, p. 36), propõe-se seguir a lógica da greve feminista, que ao unir os corpos em um momento comum, permite que haja tempo e espaço para (re)pensar o futuro e as relações. Assim, é possível construir possibilidades de futuro, especulações, “engendrar rupturas cirúrgicas, sobre o fino tecido de uma microfísica do poder.” (NOGUEIRA; PORTINARI, 2016, p. 41)

2.3

Os feminismos e suas ações estético-políticas

Indo além das práticas coletivas citadas acima, que ocorrem dentro de coletivos, partidos, sindicatos, frentes que costumam ser organizadas de forma mais sistemática e burocrática, a partir de agora aprofundaremos a análise acerca de ações com um caráter mais autônomo e independente.

Como já dito anteriormente, a análise separada do individual e do coletivo não é relevante para a pesquisa, pois compreendemos que as opressões, as normas, as leis, os dispositivos de poder atravessam e formam uma teia de sujeitos, de coletivos, de grupos, de frentes com atuações plurais entremeadas, que se retroalimentam, que dependem umas das outras para existir.

[...] é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. Corpo e território compactados como única palavra desliberaliza a noção do corpo como propriedade individual e especifica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território. O corpo se revela, assim, composição de afetos, recursos e possibilidades que não são ‘individuais’, mas se singularizam, porque passam pelo corpo de cada um na medida em que cada corpo nunca é só ‘um’, mas o é sempre com outros, e com outras forças também não humanas. (GAGO, 2020, p. 107)

Quando o corpo é entendido como uma ferramenta que pode se apropriar, manipular e ressignificar os dispositivos que o atravessam, é possível que novas narrativas sejam produzidas, que a desobediência ganhe um caminho mais claro de ação. O corpo “se converte em instrumento de guerrilha, em estratégia de defesa e resistência aos dispositivos de controle que o atravessam.” (ALTMAYER, 2016, p. 155).

Para a presente pesquisa, define-se ação estético-política como qualquer ação artística que produz efeitos na sociedade, que se realiza em "uma zona de risco (não de perigo, que fique claro) que não nos permite saber de fato do que se trata: arte ou protesto? Arte ou crime?" (COLETIVO 28 DE MAIO, 2017, p. 194).

Com o uso do corpo e da performance em voga na quarta onda feminista, além da viralização e facilidade na reprodução devido ao uso massivo das redes sociais, há uma infinidade de exemplos de ações estético-políticas que podem ser aprofundadas e usadas como inspiração. A autoria de determinado artista, grupo ou coletivo pouco importa. Muitas das ações vão sendo multiplicadas, adaptadas aos contextos e ganham um caráter anônimo.

Os movimentos são mais sobre democratizar a arte, reconfigurar o território sensível compartilhado, “isto é, da partilha das atividades, tempos e espaços que configura a priori os modos pelos quais criamos e habitamos o mundo” (PIMENTEL, 2011, p. 2270) do que sobre obter legitimação ou adentrar o mercado formalizado e institucionalizado da arte. O efeito é de levante, de embaralhamento dos campos coletivos, não de individualização e corrida entre protagonistas.

Assim como está sendo feito aqui, as dinâmicas das gerações e movimentos anteriores, as experiências, são levadas em consideração e muito valorizadas na conjuntura atual. Alguns conceitos foram tão reforçados que acabaram desgastados no vocabulário das ativistas. Palavras como interseccionalidade, sororidade e empoderamento entraram “na moda”, sendo inclusive cooptadas por discursos liberais e capitalistas. Em contramão, noções de autodefinição, da construção de narrativas próprias e da apropriação de técnicas impostas de cima para baixo estão se tornando cada vez mais populares, enriquecendo o debate feminista.

Adentrando o universo de ações estético-políticas existentes nos feminismos atuais, identificamos algumas “frentes”, se é que seja aceitável tentar categorizar e enquadrar de alguma forma as produções livres que estão acontecendo no mundo. Tais “frentes” seriam: performances (teatrais, dança, experimentais, entre outras),

eventos (musicais, festas, feiras, blocos de carnaval, entre outros), produções musicais, produções cinematográficas, produções gráficas (fanzines, grafites, cartazes, digitais, colagens, entre outros), produções escritas (poemas, verbetes, acadêmicos, entre outros)... inúmeras iniciativas que entrelaçam espaços físicos, espaço de encontro dos corpos, processos de subjetivação, diferentes materiais e diferentes suportes. Nunca são completamente controláveis, sempre sofrem influências externas, nunca são iguais, ainda que repetidas seguindo o mesmo passo a passo. São manifestações do intrincamento, da mistura e da potência do pensar e do fazer juntas.

A partir da conceituação da ação estético-política e do breve panorama do que têm sido feitos nos movimentos feministas contemporâneos, selecionei alguns exemplos que me tocam diretamente, por se entrelaçarem com a minha militância e minha vida cotidiana.

2.3.1

Bloco de carnaval Mulheres Rodadas

O bloco de carnaval Mulheres Rodadas desfila toda Quarta-Feira de Cinzas no Largo do Machado, bairro próximo ao que eu moro. Sou amante do carnaval e foliã presente na maior quantidade de cortejos possível durante o ano inteiro. Quando conheci o bloco, me encantei. Para mim, o carnaval é um dos festejos populares mais políticos de todos. Além de ser uma manifestação protagonizada por pessoas negras, das periferias, das comunidades, que trabalham o ano inteiro no chão dos barracões para fazer os desfiles acontecerem, é um momento de subversão de todas as ideias e conceitos que permanecem engessados o resto do ano inteiro.

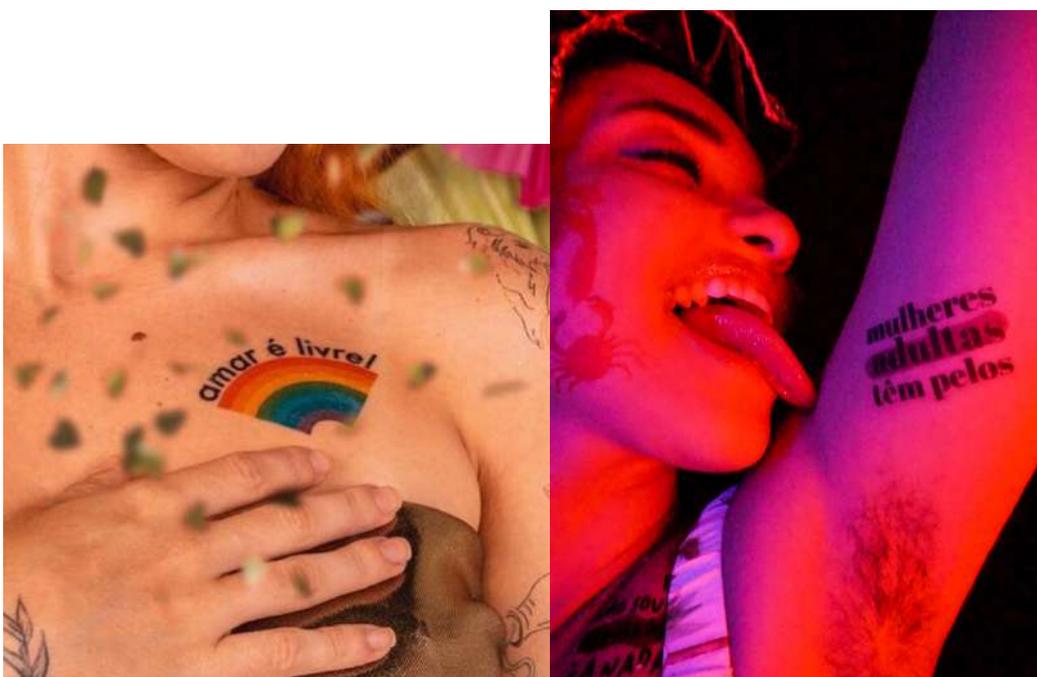
A iniciativa das fundadoras do bloco em criá-lo é de extrema importância para o avanço dos debates feministas de forma democrática e facilitada, alcançando cada vez mais pessoas. Durante o cortejo, são distribuídos adesivos e cartilhas informando sobre assédio, violência doméstica e várias temáticas que podem penetrar de forma facilitada na nossa bolha, mas em outros cenários não são debatidas e compreendidas. A escolha do repertório musical, das fantasias, as pausas e falas feitas durante o bloco inteiro, compõem uma cena que une com perfeição a militância feminista, a alegria de viver, a fúria das mulheres, a vontade

de lutar, com todas as foliãs, músicas, ambulantes, costureiras, vendedoras e trabalhadores no geral que estiveram envolvidos na construção daquele momento.

Além disso, as oficinas de música, dança e perna de pau que ocorrem ao longo do ano, junto com a presença das participantes do bloco em palestras e eventos, colaboram na disseminação das teorias feministas e das vivências das mulheres, ocupando cada vez mais espaços que nos foram restringidos durante muito tempo.

A mistura de pessoas dos mais diversos cantos do país e do mundo nos blocos de rua, nas quadras de escola de samba, unidas por um gosto em comum de gritar, dançar, se divertir, se expressar: isto é uma resistência tremenda aos ataques à nossa democracia. Eu, pessoalmente, me encanto com a possibilidade de militar, estampar em fantasias e adereços os nossos ideais e subverter de forma bem-humorada e alegre os padrões que nos são impostos com seriedade e rigidez durante os outros 11 meses do ano.

Devido a essa paixão, em 2017 fundei a *experimenta! tattoo*²², minha marca de tatuagens temporárias. As *tattoos* passam para a pele com água, como um decalque, e duram em média 2 a 4 dias na pele, podendo ser removidas antes. Esse acessório totalmente flexível nos permite mudar todos os dias, estampando o que pensamos, sem medo de arrependimentos.



²² Para mais informações: <https://www.instagram.com/experimentatattoo/>

Figuras 29 e 30 – Imagens da *experimental! tattoo*. Fonte: Arquivo pessoal.

Ao longo dos anos, a marca foi se posicionando como símbolo do carnaval carioca, apresentando frases e desenhos que unem o ativismo com a folia. Ganhei muitos *haters*, mas também me conectei com pessoas incríveis ao longo dessa trajetória. No 8M de 2020, graças a ideia de uma cliente que acabou virando uma grande amiga, fiz um modelo de tatuagem especial para a manifestação. Imprimi várias unidades e as vendi pedindo contribuição consciente. O valor sugerido era de R\$5,00 e qualquer contribuição além me ajudaria a distribuir tatuagens gratuitamente durante o ato do dia 8 de março.

Em 1 semana de campanha vendi 128 tatuagens, arrecadei doações para 24 tatuagens e doei por conta própria mais 55. No total, atingi 79 mulheres, além das que compraram diretamente comigo. E a melhor parte foi que durante essa semana conheci e troquei experiência com várias pessoas.



Figuras 31 e 32 – A cria de uma cliente usando as *tattoos* e eu no ato do 8M. Fonte: Arquivo pessoal.

Foi assim que me inseri na militância, graças a campanha das *tattoos* que fui à primeira plenária de organização do 8M e conheci o coletivo de que faço parte hoje em dia. Também foi assim que fiz algumas amigas que levo comigo até hoje, que fortaleci laços com representantes e lojas que já comercializavam os meus produtos, mas se identificaram especificamente com essa campanha. Fiz amizade

com vendedoras ambulantes, que ganharam *tattoos* minhas, com mães que compraram para as suas crias.

Muito mais do que compra e venda, estabelecemos relações de construção feminista, de diálogo, de troca entre iguais. Para mim, as tatuagens são uma prova física e palpável de como colocando diferentes corpos juntos, no corpo a corpo da rua, no *boca a boca* do debate, vamos construindo uma política plural e horizontal. São esses momentos de ganho pessoal, profissional e militante, que me dão um fresco para continuar a tarefa árdua de ser ativista organizada no Rio de Janeiro, no Brasil, em pleno 2022, com tantas outras questões que vivemos dia após dia.

Após esse 8 de março de 2020, me inseri na militância organizada através do Coletivo Juntas!, um dos maiores coletivos feministas do Brasil, que surgiu de dentro do Juntas!, a frente da juventude do MES, Movimento Esquerda Socialista, uma das correntes do PSOL, Partido Socialismo e Liberdade. Quando me aproximei do coletivo, já estávamos vivendo o isolamento social devido a pandemia da COVID-19. Sendo assim, as minhas primeiras atividades foram *online* e demorei bastante tempo para conseguir me sentir verdadeiramente enturmada devido a frieza do ambiente remoto.

2.3.2

Performance “Um violador em seu caminho”

A primeira manifestação em que participei de toda a construção até o dia oficial, que me senti 100% parte daquela contribuição para o mundo, foi o ato “Gravidez aos 10 mata” em agosto de 2020. Como ainda estávamos em uma situação crítica, sem vacinas, porém com algumas atividades retornando ao presencial, optamos por fazer um ato simbólico, com poucas pessoas que participam sempre das construções feministas cariocas.

A forma que encontramos de passar a nossa mensagem sem contato umas com as outras, sem dividir microfones ou passar de mão em mão materiais gráficos, foi fazendo uma performance. Foi assim que me encantei e decidi me aprofundar na performance “Um violador em seu caminho”. Criada pelo coletivo chileno *Las Tesis* em 2019, a ação denuncia os feminicídios, desaparecimentos, estupros e diversas formas de violação e sofrimento que as mulheres passam. Na letra da música há referências aos *Carabineros*, polícia militar chilena, responsável por

mais de 70 casos de abusos sexuais, incluindo ao menos 37 estupros, e desaparecimentos de manifestantes, ao longo dos 41 dias de protestos sociais que ocorreram no Chile em 2019 (FARINELLI, 2019).

A viralização da performance ocorreu de forma inesperada, sendo replicada em inúmeras localidades como, por exemplo, Barcelona, Paris, Londres, Bogotá, entre outras. A letra da música permite adaptações aos contextos específicos de cada local, criando uma pauta ao mesmo tempo local e global. Em São Paulo, por exemplo, ativistas realizaram a performance adicionando trechos como “Paraisópolis, foi genocídio!”, referentes ao massacre policial no baile *funk* de Paraisópolis, que provocou nove mortos em 2019. Já no Rio de Janeiro, mulheres realizaram a intervenção com trechos como “Semente, semente, Marielle está presente! O assassino dela é amigo do presidente!”, referentes ao assassinato de Marielle Franco.

A letra da música diz:

“O patriarcado é um juiz
 Que nos julga por nascer
 E o nosso castigo é
 A violência que não se vê
 Femicídio
 Impunidade ao assassino
 Desaparecimento
 O estupro e sofrimento
 E a culpa não era minha, nem onde estava, nem como vestia
 O estuprador é você
 É a polícia
 São os juízes
 É o estado
 O presidente
 O estado opressor é um macho estuprador
 O estuprador é você
 Dorme tranquila
 Menina inocente
 Sem se preocupar com o bandoleiro
 Que o seu sonho
 Doce e sorridente
 Será velado por um amante *carabineiro* (policial)
 O estuprador é você
 O estuprador é você.”

Para as criadoras, a intenção inicial não era a de criar um grito de protesto, mas acreditam que o fato de a ação ter viralizado

se dá provavelmente porque a violência sistemática que os seres humanos sofrem a partir de estruturas do Estado moderno é viral. E se torna internacional porque, finalmente, é como um grito que cabe a todos nós dar. (PAIS, 2019).

Nesse dia me senti gritando em conjunto, com as companheiras cariocas, com as companheiras de todo o Brasil que estavam se mobilizando para proteger e lutar pelos direitos de uma criança de 10 anos, com as companheiras da América Latina, diretamente do Chile, que nos permitiram viver essa cena, e de todos os outros lugares. Gritamos todas e nos conectamos por vivermos questões estruturais e opressoras, juntas.



Figura 33 – Eu e algumas companheiras do meu coletivo no ato “Gravidez aos 10 mata”.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 34 – Performance na corteja feminista do 8M 2020. Fonte: Folhapress.

2.3.3

Perfil e hashtag *Design Ativista*

Por último, escolhi a página do *Design Ativista* como exemplo por dialogar diretamente com a minha atuação profissional e cotidiano. Sou *designer* com trabalho voltado para redes sociais, principalmente *Instagram*. Defendo a construção, o ensino e aprendizagem de um *design* que seja menos burocratizado e elitizado, menos imposto de cima para baixo e que reflita sobre a (re)produção de normatividades. Por isso, considero o *Design Ativista* uma contribuição para a comunicação militante nas redes sociais dos últimos anos.

Os movimentos sociais não possuem os algoritmos ao seu favor, não temos dinheiro para patrocínios exorbitantes, nem para lutar contra os robôs que servem à extrema direita e campanhas de *fake news*. Existem tantas iniciativas, pequenos negócios, ONGs e pessoas criando projetos incríveis, de impacto social e ambiental relevante, que são totalmente invisibilizados por essa linguagem tecnológica e efêmera de *posts* no *feed*, que existir uma iniciativa que reúne *designers* de todo o mundo dispostos a contribuir com as suas expertises para causas em que acreditam, é fantástico.

O perfil do *Design Ativista* conecta profissionais que se consideram *designers*, sem pedir por diplomas ou qualquer tipo de comprovação, que estejam dispostos a combater o mito do *designer* gênio, que precisa de uma assinatura. Cria-

se uma rede anônima de pessoas trabalhando para um mesmo projeto, uma mesma causa. Além disso, a iniciativa promove debates, exibição de filmes, feiras de artistas independentes e inúmeras atividades remotas e presenciais, que giram em torno de temáticas feministas, antirracistas, anticapitalistas, decoloniais, sustentáveis, a favor de uma sociedade mais justa e igualitária para todos os seres vivos.

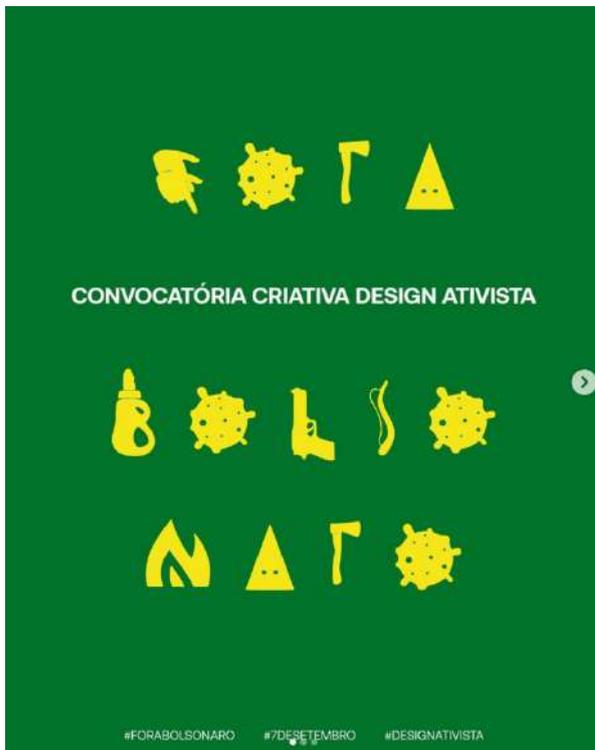
Eu já participei, presencialmente, na sede do Mídia Ninja em São Paulo, de um Encontro do *Design* Ativista, totalmente gratuito, com palestras de Guilherme Boulos, do PSOL, e artistas ativistas como o ilustrador Cris Vector, a tatuadora Thereza Nardelli, e tantas outras pessoas que se conectaram a mim de uma forma que não teria ocorrido sem essa oportunidade. Mais uma vez, a reunião de corpos em torno de um debate em comum, o treino da escuta atenta, da fala cuidadosa, além da garra de pessoas furiosas e cansadas de viver sempre o mesmo promovem espaços de construção coletiva em que arte, militância, crime, protesto, ódio e amor se unem e entrelaçam de maneiras singulares.

convocatória
relâmpago

QUAIS HISTÓRIAS AS CIDADES NOS CONTAM?

31 de outubro
dia do direito à cidade

#designativista
#direitoacidade





Figuras 35, 36 e 37 – Prints do perfil *Design Ativista* convocando para o Dia do direito à cidade, o dia 7 de setembro e a projeção do 8M 2021. Fonte: *Instagram Design Ativista*.

Com este capítulo, compreendemos que, apesar de presenciarmos a quarta onda dos movimentos feministas, marcada pelo uso da *internet* e das redes sociais, o que gera um efeito de “novidade” para o movimento social, é inegável que a presença nas ruas e as organizações corpo a corpo são mecanismos essenciais na politização e na construção dos debates e das políticas públicas.

A partir das experiências relatadas neste capítulo e das ações estético-políticas apresentadas, fica claro que valorizamos o *design* enquanto processo, utilizado como pedagogia alternativa, como forma de pensar e organizar as manifestações, as assembleias, as dinâmicas coletivas, independentes de quais sejam. Valorizamos a criação coletiva, a geração de dissensos, a abertura de brechas para debater, a criação de “novas coisas”, que podem ser ideias, planos, objetos, entre outras. Enfatizamos a importância de pensar um *design* agenciador de mudanças, transbordando as relações e os papéis sociais impostos de cima para baixo, criando espaços para que se possa (re)pensar as relações de poder, os desejos e as possibilidades futuras de vivências compartilhadas.

Sendo assim, no próximo capítulo, aprofundaremos o estudo em torno do fazer profissional do *design* que defendemos, apresentando uma análise crítica do

campo, conectando outros saberes multidisciplinares, e apontando os caminhos que consideramos mais conscientes e propícios para desenvolver uma prática de *design* política, autocrítica e em constante reformulação.

3

Análises e reflexões sobre o campo do *design*

Caminhando paralelamente com os estudos feministas, seus principais conceitos e conexões com as diversas militâncias do campo, ações estético-políticas, práticas e combates corpo a corpo, a revisão bibliográfica que diz respeito ao campo do *design* e às demais disciplinas que fortalecem análises críticas e transdisciplinares é também parte fundamental dessa pesquisa.

Até então, contextualizamos historicamente as lutas feministas e suas principais pautas de reivindicação, apresentando algumas dinâmicas coletivas e organizacionais dos movimentos feministas, que consideramos relevantes por apresentarem processos artísticos, criativos e militantes desenvolvidos horizontalmente e coletivamente. Refletindo as conjunturas em que estão inseridos, os exemplos até então abordados são compreendidos como fontes de inspiração para a construção de espaços de embate, diálogo e autocrítica. Ao caminhar nos mesmos trilhos que as mulheres dos movimentos feministas já construíram, através de plenárias, greves, manifestações, grupos de debate, etc., e conectar os conhecimentos produzidos com o universo do *design*, impulsionamos as possibilidades de repensar o campo.

A partir de Adrian Forty (2007), Iraldo Matias (2016), Denise Portinari (2017), Guilherme Altmayer (2020), entre outros autores, construímos o arcabouço teórico da nossa análise. O objetivo da pesquisa é claro e pulsante desde o início: transviar²³ o *design*, *queerizar* o *design*, permanecer em uma posição de constante autocrítica, desconforto, nunca de acomodação.

Para dar início à breve revisão bibliográfica que será desenvolvida neste capítulo, partimos da premissa de um marco temporal (entre tantos outros amplamente discutidos) para o campo do *design* a partir de Forty (2007), que coloca o surgimento da profissão a partir da Revolução Industrial, momento em que houve uma divisão social do trabalho. Tal divisão não só delimitou o que seria o trabalho produtivo (externo, masculinizado, remunerado) e o trabalho de cuidado

²³ O termo “transviar” é utilizado por alguns autores como Berenice Bento (2015), Guilherme Altmayer (2020) e Denise Portinari (2017) como uma possibilidade de tradução e aproximação do significado do termo “*queer*”. Consideramos um conceito que diz respeito a ações da população LGBT/*queer*, que são fundamentalmente problematizadoras, causam estranhamentos e questionamentos.

(doméstico, feminizado, não – ou mal – remunerado), como também hierarquizou o trabalho intelectual em relação ao manual. Objetivando o aumento e a agilidade da produção, “[...] foi necessário adicionar mais um estágio, o da preparação de instruções para os vários operários: na verdade, um estágio de *design*.” (FORTY, 2007, p. 50).

Ainda que tenhamos selecionado com cuidado a citação acima e defendamos rotineiramente o marco temporal do *design* e sua relação direta com o sistema capitalista, reconhecemos que as definições do campo são complexas e se apresentam de maneiras distintas. Muitas pessoas tendem a simplificar a profissão, resumindo-a ao embelezamento de objetos, algo superficial, muitas vezes visto como fútil, relacionado apenas à estética ou à decoração. Há também uma associação direta ao temperamento criativo e “genialidade” do *designer*, visto como criador por excelência, ignorando sua relação de subordinação às regras do sistema capitalista e do patrão, que detém os meios de produção e os lucros, o responsável por contratar o *designer*.

Há quem afirme que o *design* está em tudo, como uma habilidade inata dos indivíduos. Nigel Cross, no livro *Designerly Ways Of Knowing* (2006) defende a importância do ensino de *design* na educação básica, como uma terceira área de conhecimento e habilidade, diferenciando-se do binarismo popular entre ciências e humanidades. Segundo essa abordagem teórica, todos somos *designers* e praticamos nossas habilidades em soluções e ferramentas rotineiras.

Indo além, há definições baseadas puramente na função dos objetos. É corriqueira a noção segundo a qual o *design* consiste em solucionar problemas da melhor maneira possível, com criações assertivas e simplificadas. A definição de *design* industrial, de acordo com a Organização Mundial do *Design* (2015) é “um processo estratégico de solução de problemas, que estimula a inovação, promove sucesso nos negócios e leva à melhor qualidade de vida através de produtos, sistemas, serviços e experiências inovadoras”.²⁴

Contribuindo para a complexidade da questão, tais linhas teóricas não são inertes no espaço/tempo. Inúmeras vezes me vejo, enquanto *designer* e sujeito na sociedade, entremeando diversos desses conceitos ao longo de minhas atividades. No artigo “Do Funcional ao Simbólico: O que pensam os pares do Campo do

²⁴ Tradução própria.

Design e o que ensinam nas salas de aula” (2020), Alberto Cipiniuk relata as diversas respostas que recebeu de *designers*, em seus mais distintos estágios da vida profissional, à pergunta “o que é isso que é *design*?”. Consideramos importante pontuar: a) o fato da maioria das respostas serem semelhantes independente do grau de formação e ambiente de coleta de dados; b) o fato dos *designers* não saberem explicar a causa de fazerem o que fazem; c) o fato da motivação da produção de artefatos de *design*, segundo os entrevistados, ser sempre ampla, descolada da realidade, não tendo relação alguma com a geração de lucro e as demandas de quem contrata o trabalho do *designer* para determinado projeto. Para Arturo Escobar (2018), questões de classe, gênero, raça e colonialidade são fundamentais para questionar o papel do *design*:

[...] como o *design* pode ser impregnado de uma política radical é uma das questões mais importantes que a teoria crítica pode colocar à prática do *design*. As questões de classe, gênero, raça e colonialidade estão ausentes da maioria da teoria e prática do *design*, assim como a dependência do *design* do capitalismo. (ESCOBAR, 2018, p. 58)²⁵

O debate colocado aqui não tem intenção alguma de julgar ou pré-determinar quem pode ou não ser considerado *designer*, mas sim de trazer à tona a importância de questionar a epistemologia do campo através do pensamento crítico, gerando reflexões acerca da prática profissional e abrindo novos caminhos que fujam dos moldes normatizados. Entendemos que a teoria e a prática estão sempre se retroalimentando, permitindo a construção de programas (sejam eles acadêmicos, escolares, militantes, artísticos, etc.) de qualidade, com pluralidade e autocrítica, sempre.

A dificuldade em definir o que é *design*, quais princípios nos regem, em que nos fundamentamos, o que fazemos e quem são os *designers*, resultou na extrema simplificação do campo e cooptação capitalista e liberal. Mais recentemente, tudo parece se resumir a um termo: o *design thinking*. A metodologia, famosa mundialmente, passou a ser apropriada e comercializada como um guia, uma forma instantânea, moderna e descolada de solucionar todos os problemas, desde as crises de grandes corporações até dores em comunidades carentes e contextos extremamente específicos. O livro *Designerly Ways Of Knowing* (2006) de Nigel

²⁵ Tradução própria.

Cross foi apropriado como um dos fundamentos dessa orientação metodológica destinada a abrir um espaço para o *design* dentro do leque de estratégias de gestão do universo corporativo.

A fórmula mágica teoricamente é: conhecer o seu cliente, ter empatia, entender (mais do que ele) o que ele precisa, delimitar um problema, gerar inúmeras soluções para tal questão, muitos desenhos, muitas dinâmicas em grupos, criar protótipos e testes diversos, testá-los, refiná-los, até alcançar o resultado final.

A reprodução acrítica e estrita de tal metodologia foi reforçando a posição do *designer* no centro da questão, acima dos demais, e transformando a forma de pensar do *design* em um processo unilateral, feito de cima para baixo. Apesar de comercializado como empático, com diversas ferramentas estéticas e organizacionais que teoricamente colocam o usuário no centro do processo, na realidade o *designer* é visto como um gênio, que dá a palavra final no projeto.

*O design thinking privilegia o designer acima das pessoas que ele atende e, ao fazer isso, limita a participação no processo de design e escopo para ideias verdadeiramente inovadoras. Torna-se difícil resolver desafios caracterizados por um alto grau de incerteza.*²⁶ (ISKANDER, 2018)

A virada gestorial na profissão, que aponta Matias e Soares (2016), é um marco fundamental na mudança organizacional dos meios de produção, das relações trabalhistas e na subjetividade dos *designers*. Conectando-se diretamente ao desenvolvimento do toyotismo, forçou-se um projeto educacional e de apelo emocional para que os trabalhadores passassem a se identificar como empreendedores de si mesmos. Este sujeito é produzido dentro de um sistema de controle para ser controlado, para controlar os outros e se autocontrolar. Comercializa-se o ideal de um cidadão independente e autônomo, capaz de solucionar problemas individualmente, desresponsabilizando o Estado, desburocratizando processos e descolando-se da realidade e dos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, tal como afirma Matheus Valentim (2018):

Trata-se de uma importante característica ideológica neoliberal, pois assim as subjetividades se veem devidamente adestradas para o meio de produção, não sendo necessária uma ‘mão pesada’ governamental ou patronal sobre cada indivíduo; a própria consciência individual já é o próprio aparato de controle de produtividade. (VALENTIM, 2018, p. 72)

²⁶ Tradução própria.

Demarcando uma das principais características da biopolítica, segundo Michel Foucault (2014), os vínculos criados com as ideias neoliberais e a lógica do mercado, a fidelidade e a obediência vão se tornando cada vez mais tácitos e capilarizados. As leis que visavam máxima eficiência e conformação se transformam em auto sujeição, de forma invisível e naturalizada:

Não quero dizer que a lei se apague ou que as instituições de justiça tendam a desaparecer; mas que a lei funciona cada vez mais como norma, e que a instituição judiciária se integra cada vez mais num contínuo de aparelhos (médicos, administrativos etc.) cujas funções são sobretudo reguladoras. Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida. (FOUCAULT, 2014, p. 156)

Termos como experiência e *branding* entram no vocabulário de todos os participantes dos processos de produção, que agora são colaboradores das empresas, não mais empregados formais ou proletariado. O discurso adotado produz e reforça a todo o tempo a falsa liberdade e flexibilidade que os funcionários possuem, juntamente a uma lavagem cerebral, que manipula e molda as subjetividades para que cada indivíduo produzido ali se sinta diretamente tocado e motivado em “vestir a camisa da empresa”.

[...] a instrumentalização do intelecto do trabalho no processo produtivo, ao contrário de significar a emancipação do trabalhador, torna-se tecnologia capitalista de controle. A adoção de um organograma mais flexibilizado requer o apaziguamento das lutas oriundas das contradições de classe, para a constituição do operário-supervisor possuidor de uma iniciativa voluntária, que ‘vista a camisa da empresa’ e fiscalize a si próprio e aos demais. A captura da subjetividade se torna uma necessidade da produção, de onde as ‘relações humanas’ aparecem negando os antagonismos do trabalho, psicologizando aquilo que é político, estabelecendo a ‘empresa educadora’ preocupada em dominar conflitos através do disciplinamento dos trabalhadores (TRAGTENBERG, 2005 *apud* MATIAS; SOARES, 2016, p. 4)

A atmosfera construída a partir dos interesses burgueses é constituída de estratégias que garantem uma equivocada sensação de emancipação aos trabalhadores, que se encontram em posições de trabalho cada vez mais precarizadas e sem garantias de direitos. Ao mesmo passo em que se produz um discurso que reforça a flexibilidade e a falsa liberdade como pontos positivos e dignos de comemoração por parte do proletariado, os donos dos meios de produção intensificam as jornadas de trabalho e as diferentes formas de alcançar e penetrar as vivências de cada trabalhador. O uso de aplicativos e plataformas digitais, por

exemplo, desloca o ambiente de trabalho para qualquer lugar, em qualquer hora, seja dentro de casa, de cima de uma moto, de dentro do seu próprio carro, buscando os filhos na escola ou cuidando de afazeres domésticos.

Com empregos que se entrelaçam com as vidas, famílias e momentos de descanso, e patrões sedentos por ganhar cada vez mais em produtividade e lucro, e também descomplicar a gestão de empregados, são poucos os profissionais que conseguem ocupar os desejados cargos de poder, que possuem algum tipo de segurança e garantia de um fazer profissional digno e pleno. A competitividade é estimulada e acirrada entre os empregados dentro das empresas, tanto em suas áreas, quanto entre equipes. Bater metas, vender mais do que o outro, entregar projetos em prazos cada vez mais curtos, são alguns dos desafios que soam como uma competição saudável para alcançar algum tipo de bonificação ilusória. Tais estratégias citadas aqui corroboram para o afastamento da classe trabalhadora, que não reconhece uns aos outros, igualmente explorados, como parceiros e aliados para a luta trabalhadora em busca da apropriação dos meios de produção e construção de novas formas de desenvolvimento. A partir do discurso produzido e das condições de trabalho em que se encontram, o interesse de pertencimento à classe gestorial parece mais interessante, palpável e possível de acontecer do que a união em torno do questionamento e da revolução.

A atividade do *design* na atualidade, portanto, se dá estreitamente conectada ao desenvolvimento do toyotismo. A flexibilização das novas formas organizativas da produção forneceu as bases sobre as quais o papel do projeto de mercadorias “evoluiu” para a gestão estratégica do *design*. Portanto, com sua total subordinação aos interesses do capital, através do branding e da “experiência”, o *design* consolida o seu interesse de pertencimento à classe gestorial. Ao menos para uma minoria de profissionais que conseguem ocupar tais cargos, contra uma ampla maioria de jovens *designers* em processo de proletarização, garantido pela exploração da componente cognitiva do trabalho. (MATIAS; SOARES, 2016, p. 12)

Sendo assim, entendemos que tais características disciplinares, de autorregulamentação, em conjunto com princípios neoliberais, que enxergam as individualidades dos sujeitos à parte dos conflitos sociais e defendem o *design thinking* como solucionador de problemas coletivos, colaboram para a fragmentação dos *designers* enquanto classe trabalhadora. O discurso de “cada um por si” e a difusão da profissão com diversos campos até então estranhos a nós como, por exemplo, os *designers* de sobancelhas, *cake designers*, entre outras

ocupações, vão somando cada vez mais possibilidades de trabalhos, bicos e “corres”, precarizando condições trabalhistas e *uberizando*²⁷ as jornadas autônomas, o que nos dificulta na identificação e organização para avançar na luta por direitos trabalhistas e condições dignas de emprego e vida.

Ao representar a forma ideológica dentro do *design* do indivíduo ‘empreendedor’, perdem-se as possibilidades de quaisquer tipos de união de classe em torno de alterações radicais da realidade. Toda e qualquer mudança passa a poder ser feita apenas via empreendedorismo, pelos meios dados via *design thinking*. (VALENTIM, 2018, p. 74)

Uma sofisticada estratégia neoliberal foi realizada com sucesso no campo do *design*. Almejando o sucesso individual e mirando em exemplos e autores americanos, europeus, coloniais e distantes de nossa realidade, nos fragmentamos a ponto de não nos reconhecermos mais. Entendendo que são as organizações de base que causam mudanças estruturais potentes e que é com a luta que se muda a vida, podemos vislumbrar que há um longo caminho pela frente.

Esta análise pode soar pessimista e bastante desmotivacional, porém entendemos que é de dentro do próprio campo do *design*, subvertendo as suas próprias ferramentas estéticas e metodológicas, que iremos caminhar na construção de um *design* político. Partindo do entendimento de que não há fora do poder, compreendemos que é a partir de uma consciência coletiva de como as relações sociais operam, com suas devidas opressões, complexidades e emergências, que devemos nos organizar coletivamente, resistir, caminhando pelas diversas trilhas de nossos labirintos, motivando mais pessoas ao longo dos percursos, possibilitando a desconstrução crítica das subjetividades do sujeito *designer* produzido até então.

[...] lá onde há poder há resistência, e, no entanto, (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. Deve-se

²⁷ A *uberização* do trabalho é a “exploração da mão de obra, por parte de poucas e grandes empresas que concentram o mercado mundial dos aplicativos e plataformas digitais, que tem como principal característica, a ausência de qualquer tipo de responsabilidade ou obrigação em relação aos ‘parceiros cadastrados’, como são chamados os prestadores de serviços. Isto porque deixam claro que têm como objeto, a prestação de serviços de tecnologia, contratados pelos ‘parceiros’. O modelo de trabalho é vendido como atraente e ideal, pois propaga a possibilidade de se tornar um empreendedor, autônomo, com flexibilidade de horário e retorno financeiro imediato.” (CARTA CAPITAL, 2019). Apesar de ligarmos o conceito de *uberização* do trabalho à serviços de entrega, transporte, entre outros mais habitualmente conhecidos e consumidos, é possível fazer uma analogia direta ao discurso utilizado pelas grandes empresas, independente do setor de consumo e prestação de serviços. Para ver mais sobre *uberização* do trabalho, consultar “*Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*” de Ricardo Antunes (2020).

afirmar que estamos necessariamente ‘no’ poder, que dele não se ‘escapa’, que não existe, relativamente a ele, exterior absoluto, por estarmos inelutavelmente submetidos à lei?. (FOUCAULT, 2014, p. 104)

Entendemos a noção de resistência como um conceito ampliado, que está presente no chão das fábricas, das ruas, das praias, das manifestações, dos sindicatos, dos partidos, das quebradas e das favelas, se apresentando em infinitas formas de viver e dialogar. Pode haver um senso comum que reconhece resistência somente nos ambientes politizados e organizados, em ações combativas e macropolíticas. Há também uma série de pessoas, principalmente pertencentes a grupos inferiorizados, que vivem às margens, como mulheres, LGBTs e a comunidade negra, que reivindicam existir diariamente, mesmo que muitos ali não se identifiquem enquanto “feministas”, “ativistas” ou qualquer outra identidade colocada. Muitas vezes, em discursos de articulação política e ativista, identificamos uma espécie de rejeição ao conhecimento teórico, produzido dentro de círculos acadêmicos, que acabam sendo considerados elitistas, excludentes, incapazes de captar a complexidade que é a vivência prática das opressões e dificuldades.

Nessa suposta lacuna gerada entre a teoria e a prática, que provoca um certo afastamento entre ambas as esferas, o *design* ativista se encaixa como interlocutor estratégico, “como uma tática política cujas ações diretas agem no microcosmo em direção ao infinito. Diante de um mundo tão complexo o *design* de ativismo trabalha nas inter-relações dos elementos, na dinâmica particular dos debates” (AZEVEDO, 2020, p. 59).

Para a presente pesquisa, todas essas formas de resistir, seja na existência diária, em frentes organizadas como partidos, sindicatos e coletivos, ou elaborando teorias e conceitos nas esferas acadêmicas, são válidas, legítimas e eficazes. Não conseguimos analisar uma dessas frentes isolada da outra. A teoria acadêmica, a teoria produzida a partir de experiências, as teorias, alimentam a prática, colaboram na organização das bases, colaboram nas identificações cotidianas, nos fortalecimentos dos combates e na motivação para seguir dia após dia. Todos esses grupos estão fazendo a mesma coisa: resistindo. Estão recusando as normas que nos foram impostas enquanto sujeitos e enquanto classe, e permitindo novas possibilidades de contato com o diferente, o desconhecido, que resulta em novas formulações de vida, de trabalho, de relacionamentos, de família.

Resistir hoje se torna uma ação política quando, por exemplo, recusamos o individualismo já tão naturalizado em nosso cotidiano e insistimos nos encontros, fazendo circular as invenções microssociais de novas formas de vida que não se reverterem em regras universais obrigatórias. A regra universal, ao pretender englobar a totalidade dos indivíduos, comprometendo-os com a obediência, simplesmente inviabiliza o contato com a diferença e com a criação de novas possibilidades de existir. (MANSANO, 2009, p. 114)

Neste sentido, por *design* político entendemos aqui o fazer profissional do *designer* mais responsável com pautas até então invisibilizadas ou intencionalmente oprimidas pelo capital, crítico, desacomodado, que agencia mudanças e transformações constantemente. Entendemos o

design como modo de investigação que não apenas procura refletir criticamente sobre seus possíveis papéis frente aos desafios sociais contemporâneos, mas deseja engajar-se ativamente nos contextos com os quais trabalha. (COSTARD; SECIOSO; SERPA; SZANIECKI; VENTURA, 2018, p.1)

Não se trata do descolamento da realidade, de uma espécie de transcendência ou evolução idealizada, pelo contrário, propomos nos debruçar em um processo de constante olhar sobre si e sobre os pares do campo, com atenção, cuidado e crítica. Atuando nos sujeitos, nas micropolíticas, estabelecendo diálogos e construindo redes que unem a nossa classe ao redor de debates comuns, “[...] o *designer* toma as rédeas dos meios de produção e passa a atuar de forma consciente de sua potência de produzir afetos, mas sem almejar controle sobre aquilo que está sendo gerado no outro.” (PORTINARI; NOGUEIRA, 2016, p. 43).

O engajamento é muito mais em torno de rever os espaços de trabalho, objetivando a construção coletiva de um fazer profissional que envolva a multidisciplinaridade, a contestação e a constante autocrítica. Não se trata de um controle sobre o que pode ou não ser criado, o que é ou não considerado legítimo, ou sobre como os efeitos de nossos questionamentos e brechas abertas irão reverberar em cada um. Trata-se de uma expansão, não de uma limitação, como afirma Altmayer (2020):

Assim, pensar o *design* político é turvar as linhas imaginárias e imaginadas que insistem em separar os campos da comunicação, o *design* e as artes, para instaurar uma prática de *design* engajada na autocrítica, que cria pontes de interlocução entre essas áreas. *Design* Político deve se engajar em criar espaços de contestação. Cabe, assim, ao *designer* pensar seu papel como navegante de um campo expandido, que não vê limitações com relação à sua atuação, mas entende como áreas tão diversas

e interconectadas tem implicações políticas no seu modo de atuar. (ALTMAYER, 2020, p. 147)

Diante disso, trata-se de politizar os campos, visibilizando modos de vida, pensando novas formas de produção e de existência. “Busca-se, ao mesmo tempo, uma recusa de certo modo de governamentalidade, e a promoção de ‘novas formas de subjetividade’.” (FOUCAULT apud NETO, 2017, p. 18). O movimento de abrir brechas e de estar numa posição atenta, olhando para si e para os outros, não se trata de uma idealização ou de uma utopia defendida aqui. Como João Neto (2017) afirma:

A política da subjetivação em Foucault é indissociável de um trabalho que sujeitos ‘individuais ou coletivos’ realizam sobre si mesmos, a partir de elementos que compõem seu ambiente cultural, social e institucional. Não é uma espontaneidade, mas um conjunto de ações trabalhosas, exigentes, que por vezes exigem um custo pessoal. Este trabalho, é realizado como atividade de si para consigo, em interação com um conjunto de elementos que o envolvem e o atravessam. (NETO, 2017, p. 18)

Nos afirmando nesse local doloroso e trabalhoso que nos exige um esforço constante de pensar quem somos, pensar como nos relacionamos com os outros, dentro e fora do campo, outros seres mais diversos, seres que habitam o planeta, caminhos que nossos produtos percorrem, os rastros que deixam, os símbolos que produzimos, quais significados transitam por aí que foram colocados na sociedade através de nossas mãos e nossas criações... impulsionamos uma reflexão que alimenta a prática, gerando um ciclo de novos debates, novas formas de subjetividade que vão formar o *designer*, o *design*.

Para dar conta da complexidade de questões que identificamos e atormentam o nosso fazer profissional cotidianamente, nos inspiramos em metodologias e epistemologias diversas e externas ao campo, que podem contribuir para o avanço que desejamos com seus exemplos de organização e reflexões já realizadas ao longo dos anos. Defendemos que não é possível repensar e fortalecer a epistemologia do *design* através de pesquisas e análises individualizadas, que não levam em consideração a pluralidade de vozes e a complexidade de camadas e opressões as quais estamos submetidos convivendo em sociedade. “O desafio não é apenas entender e incorporar teorias crítico-políticas externas, mas construir um

arcabouço intelectual para o *design* com base em seus próprios modos de operação.”
(COSTARD; SECIOSO; SERPA; SZANIECKI; VENTURA, 2018, p. 9)

As discussões sobre a interação entre *design* e política refletem o fato de o *design* ter se tornado uma força política e material formidável. A questão é se o *design* pode se tornar um campo promissor para a transformação das culturas enraizadas na insustentabilidade em direção a práticas pluriversas. Reformular ontologicamente o *design* é uma contribuição para esta discussão, sendo também uma tentativa de localizar a política do *design* e sua capacidade de gerar novas entidades e relações, revelando a capacidade do *design* ‘de ‘propor’ novos tipos de organismos, entidades e campos como políticos’, expandindo assim a compreensão estabelecida politicamente. (ESCOBAR, 2018, p. 59)

Sendo assim, processos participativos, que se propõem a estabelecer vínculos entre as pessoas e valorizar as vivências de forma igualitária, tendem a abrir debates e gerar rupturas mais significativas. A fim de questionar e desafiar os métodos mais tradicionais de pesquisa acadêmica, que tendem a procurar por conhecimentos objetivos, através de processos rígidos de análise, comparação e enquadramento de variáveis e interlocutores, nos baseamos na pesquisa-ação e na pesquisa criativa como referenciais para o desenvolvimento da metodologia utilizada ao longo dessa dissertação e do trabalho de campo realizado. No próximo capítulo, apresentamos uma descrição e análise da pesquisa de campo desenvolvida com base nesses processos.

4

Oficinas: minha participação em um grupo de mulheres

A pesquisa de campo desenvolvida neste estudo constituiu em uma série de seis oficinas, realizadas de forma remota, com 1 hora de duração e periodicidade quinzenal. Através do contato com uma amiga, que faz parte de um grupo de leitura composto exclusivamente por mulheres, foi possível criar um grupo em paralelo com as participantes que se interessaram em contribuir com a pesquisa. O objetivo das oficinas foi de criar coletivamente com as participantes um espaço seguro para a troca de experiências de vida, permitindo que as integrantes se identificassem umas com as outras, trocassem conselhos e, por fim, conseguissem dar a ver que as opressões machistas as quais estamos submetidas são estruturantes e necessárias para a manutenção da sociedade.

Utilizando algumas estratégias metodológicas como, por exemplo, perguntas norteadoras e provocadoras, atividades artísticas de recorte e colagem, exercícios de escrita, etc., as oficinas constituem uma forma alternativa de fazer pesquisa, de realizar práticas feministas digitais, e de situar o campo do *design* enquanto agenciador e potencializador de debates, abrindo espaços de dissensos, de contestação, de construção coletiva e horizontal, com euforia, respeito e organização.

Algumas autoras que nos servem como inspiração e embasamento para tal tipo de pesquisa são Eva Célem (2020) com a oficina “Descolando Gênero e Sexualidade”, realizada em 2016 com um grupo de mulheres que estavam cursando Educação de Jovens Adultos em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, e Mariana Costard, Flavia Secioso, Bibiana Serpa, Barbara Szaniecki e Liana Ventura, no artigo “Experimentos de Design para uma democracia em jogo” (2018), em que apresentam alguns experimentos de jogos que estimulam a conversação e provocam o debate acerca de temáticas como a ocupação da cidade, possibilitando a realização de processos democráticos que unem a teoria e a prática através de ferramentas do *design*.

Esta forma de pesquisar depende da participação ativa de todos os interlocutores, inclusive da pesquisadora. Sendo assim, a presente pesquisa possui caráter qualitativo, e se constrói ao longo do desenvolvimento. Durante as oficinas

de sensibilização e diálogo com as mulheres, são acionadas formas de subjetivação, novos conhecimentos e novos objetos. Para além de um conhecimento objetivo ou de um produto final, valoriza-se o processo, a sensibilização das pessoas envolvidas, a construção e os efeitos gerados a partir dos sentimentos que despertaram ali.

Os resultados da pesquisa criativa são ao mesmo tempo materiais e imateriais; visa-se tanto proporcionar aos participantes uma experiência de subjetivação através do questionamento e da facilitação da produção de novas formas de expressão em relação aos temas pesquisados, quanto à produção propriamente dita dessas formas de manifestação. (CÉLEM, 2020, p. 43)

Além da pesquisa-ação e da pesquisa criativa como meios teóricos de sustentar metodologias construídas de maneiras mais colaborativas e espontâneas, outra abordagem que se aproxima e inspira a construção das oficinas é a metodologia *queer*.

De acordo com Guacira Lopes Louro (2004), *queer* pode ser traduzido como estranho, excêntrico ou extraordinário. A expressão, usada de forma pejorativa para se referir à comunidade LGBT, foi adotada pelos movimentos *queer* como forma de oposição.

Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização - venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2004, p. 38)

A partir do momento em que a militância é *queer*, ela não se encaixa mais nos moldes ou siglas dos movimentos LGBT, por exemplo. Constitui-se em uma outra maneira não só de militar, mas também de viver, expandindo as possibilidades comumente conhecidas de ser, de se relacionar, de se identificar sexualmente, politicamente, etc. Nos esforçamos em expandir e ampliar o uso do termo *queer* não só para permitir a constante fluidez e transformação, mas também para demarcar a constante negação de qualquer tipo de normatização. Não se trata de uma fluidez idealizada, mas sim de uma amplitude politizada, que demarca a oposição a qualquer tipo de estabilidade.

Entende-se sujeitos *queer* como indivíduos em constante transição, o processo de transformação é o principal, “não tanto o ‘de onde você é?’, mas o ‘entre onde você está?’” (CLIFFORD apud LOURO, 2004, p. 19). Esse conceito relaciona-se diretamente com a intenção da pesquisa, que é situar o processo de construção coletiva e de subjetivação das pessoas envolvidas como o conhecimento principal.

Mais do que pensar em metodologias e processos de *design* isoladamente, mais do que abordar individualmente as mulheres participantes, seus corpos e suas experiências particulares, propõe-se relacionar todas as dinâmicas, convivências e vínculos construídos, prezando por esse “entre-lugar” das oficinas em conjunto. Não tínhamos a pretensão de que este trabalho de campo gerasse um conhecimento final estático, uma síntese absolutamente tangível e palpável do que foi vivenciado ali. Pelo contrário, pretendíamos permanecer com olhar atento ao que surgisse a partir das brechas, o que escapasse durante os encontros, como as dinâmicas se ampliariam fluidamente, desestabilizando a própria estrutura da oficina idealizada e proposta durante os encontros.

[...] é também em virtude dessa reiteração que lacunas e fissuras são abertas representando as instabilidades constitutivas de tais construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser inteiramente definido nem fixado pelo labor repetitivo da referida norma. (BUTLER, 2019, p. 29)

Sendo assim, unindo a teoria e a prática, pode-se dizer que a presente pesquisa pretendeu *queerizar* o *design*, transviar práticas, problematizar o campo, gerando rupturas que vão penetrando as diversas camadas que constituem o fazer *design* na sociedade atual.

Queerizar o *design* seria, portanto, sensibilizar o campo para os aspectos e os efeitos políticos, éticos, estéticos e subjetivos do *design* na contemporaneidade, abordando-o enquanto processo social de configuração do sensível compartilhado, do espaço comum. *Queerizar* é ainda problematizar e transviar a participação do *design* na (re)produção e materialização das estratégias da normatividade, através da análise crítica de sua inserção nesses processos, agenciando-o para a produção de perspectivas e práticas contra-normativas e a potencialização de novas possibilidades de existência. (PORTINARI, 2017, p. 3)

Neste sentido propomos, através de práticas feministas e *queer*, aportar outras metodologias possíveis para o campo do *design* por meio das oficinas de conscientização. Consideramos de extrema relevância apresentar outras iniciativas

similares a esta pesquisa, que formam uma linhagem metodológica e crítica fundamental para a alternativa das oficinas enquanto um caminho de fazer *design* político e ativista.

Em “Experimentos de Design para uma democracia em jogo” (2018), Costard, Secioso, Serpa, Szaniecki e Ventura apresentam um jogo de cartas com imagens e palavras, em que o tabuleiro vai sendo formado na medida em que os participantes vão construindo relações e debates entre as peças colocadas. Compreendendo “o potencial democrático do *design* em agregar pessoas em torno de assuntos comuns e promover diálogo entre ideias e interesses potencialmente diversos ou mesmo controversos” (p. 2), a dinâmica do jogo funciona como um dispositivo provocador, que convida cada pessoa a apresentar suas ideias, discordar, pensar criticamente, enquanto participante ativo daquele espaço de trocas de vivências e opiniões.

O jogo é de fácil aplicação, podendo ser adaptado a diferentes contextos, como foram apresentadas no artigo as experiências em eventos, simpósios e no Centro de Artes da Maré, em 2017. A partir de um dispositivo de *design*, que desestabiliza e insere cada participante na dinâmica como co-criador, criaram-se ambientes provocadores, mas não limitadores ou competitivos. Assim como na proposta desta pesquisa, o *design* é compreendido como um meio, como um facilitador. Para nós, as perguntas que impulsionam as oficinas e as atividades artísticas propostas não eram o objetivo final, assim como as autoras afirmam, no caso do jogo de cartas, que “a conversa se constrói a partir das cartas, onde, mais interessante do que o que nelas está escrito, é o que não está escrito.” (Costard; Secioso; Serpa; Szaniecki; Ventura, 2018, p. 9).

Outra iniciativa que dialoga diretamente com a proposta desta pesquisa são as oficinas realizadas por Célem (2020) no contexto da Educação de Jovens Adultos. Ao longo de dez encontros, a pesquisadora participou de um grupo composto exclusivamente por mulheres, a fim de fomentar o debate e impulsionar as trocas de vivências e experiências pessoais, sempre em torno do que é ser mulher, das opressões e temáticas acerca de questões entendidas como femininas e feminizadas. Assim como a iniciativa do jogo de cartas, além das oficinas, o projeto não tinha como objetivo a produção de algum objeto concreto, entendido como “produto final”. Porém, na intenção de facilitar a condução dos encontros, a autora

desenvolveu ao longo do processo e em interação com as interlocutoras diversos materiais como, por exemplo, baralho de cartas, atividades de colagens, impressão de um modelo anatômico de um clitóris em 3D, entre outros. Novamente, ratificamos que:

[...] não há o compromisso em chegar em lugar algum; não é preciso tirar conclusões formais sobre o debatido, ou racionalizar questões que não são necessariamente acessíveis. Porém, por meio dele, conseguimos descobrir e acessar novos pontos de encontro e ebulição nas trajetórias pessoais, coletivas e políticas das mulheres envolvidas. (CÉLEM, 2020, p. 63)

Ao longo de sua dissertação, Célem (2020) relata alguns trechos de falas das participantes, trazendo suas reflexões e vivências pessoais, que foram atravessadas pela convivência com um grupo tão heterogêneo de pessoas. Ela pontua também que optou por não ter um roteiro rígido para o desenvolvimento das oficinas, o que parece ser uma decisão arriscada, porém a permitiu transitar pelas discussões e alcançar lugares não definidos *a priori*. A sua conduta horizontal de mediação durante os encontros, além da escolha narrativa ao tratar de seu diário de campo, foram de grande inspiração para esta pesquisa. Mais adiante, ao retratar as oficinas desta pesquisa com detalhes, é possível observar com maior clareza como a proposta de Eva (2020) se apresentou para mim como fonte de entusiasmo e incentivo.

Apresentamos, por fim, a proposta da oficina de Eduardo Gonçalves (2020) de *hackear* a heteronorma, que traça caminhos problematizadores do *design* e desafiadores das normatividades. Realizada na Semana *Design* Esdi 2019, o pesquisador também utilizou de ferramentas estéticas e metodológicas do *design* como dispositivos provocadores e impulsionadores de debate. Disponibilizando cerca de 30 imagens de produtos de *design* em uma mesa, que possuíam algum tipo de relação com os discursos heteronormativos, Eduardo pediu que cada participante escolhesse uma foto e contasse o motivo da escolha, além de explicar como tal imagem reforçava ou desconstruía o discurso heteronormativo. Além disso, ele também sugeriu que cada pessoa selecionasse algumas palavras-chave, que foram escritas em *post its*, e organizadas em uma grande folha de papel, formando uma teia de experiências pessoais e questionamentos.

Diferentemente das outras experiências citadas aqui, o autor pontua que a identificação nas falas das pessoas e o discurso que soou quase homogêneo e

redundante, provocou um sentimento de cansaço e certo desânimo aos participantes. Ele pontua que os diálogos pareceram dar voz a questões até então silenciadas, entretanto sinaliza que identificou uma certa dificuldade, por parte dos participantes, em relacionar experiências pessoais com panoramas políticos mais amplos. Adiante, na seção em que compartilho os meus relatos e impressões do trabalho de campo realizado, identifico similaridades na sensação de linha tênue entre o discurso liberal e privado, voltado para experiências pessoais, e o agenciamento de mudanças estruturais, de sentimento de coletividade.

Neste sentido, as vivências de Eduardo Gonçalves (2020) na oficina de *hackeamento* da heteronormatividade tocam esta pesquisa não só por obter algumas impressões similares, mas também por utilizar de dispositivos provocadores de debate, assim como os outros exemplos citados. Como improvisação, a partir do cenário desmotivacional identificado pelo pesquisador ao fim da oficina, Eduardo tentou “trazer alguma reflexão que pudesse funcionar como um impulsionador de visões outras, que não apenas as hegemônicas e heteronormativas” (2020, p. 59), ao ler um trecho de Ailton Krenak em “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019):

Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 27)

Indo além das questões de metodologia acadêmica mencionadas acima, é importante pontuar que as oficinas foram pensadas, estruturadas e desenvolvidas durante a pandemia da COVID-19, em dinâmicas 100% remotas. Inicialmente, a minha intenção era realizar encontros presenciais, construir um caderno de campo e registros fotográficos, de áudio e de vídeo, porém a situação em que nos encontrávamos exigiu inúmeras adaptações.

O bloco de notas do computador foi o meu grande confidente durante toda a jornada. Separei cada oficina por tópico com algumas anotações principais de como seria a dinâmica, do que eu pretendia falar e propor de atividade. Durante as videochamadas eu consultava as minhas notas simultaneamente com o *Google Meet*, por onde eu interagia com as participantes.

Todas as oficinas foram gravadas, com o conhecimento e consentimento das participantes, por áudio pelo meu celular, que ficava localizado estrategicamente do lado da saída de som do meu computador. Assim que eu acabava as oficinas, no

mesmo dia ou pelo menos na mesma semana, eu escutava a gravação transcrevendo todas as falas para o meu bloco de notas.

O processo de escutar novamente o que havíamos dito e vivido em cada encontro foi bastante interessante. Tentei tomar cuidado com as pausas, entonações, suspiros e emoções por trás das falas, visto que já havia uma barreira digital entre nós. Cada etapa dessa espécie de pesquisa-vivência-antropologia-*design*-arte-estético-política-remota foi um aprendizado e construção de uma nova forma de fazer pesquisa e de construir dinâmicas feministas digitalmente. Considero isso uma contribuição tremenda para as próximas empreitadas de oficinas e encontros via redes *online*.

Ainda que todas nós estivéssemos nos acostumando, na medida do possível, com encontros, reuniões, aulas e todas as formas de contato social imagináveis através das lentes dos computadores e celulares, a experiência nas oficinas gerou uma espécie de vínculo inesperado e bastante significativo para mim.

Muito antes do início das atividades com as participantes, submeti o projeto acadêmico na Câmara de Ética da PUC Rio, a fim de obter o parecer positivo para realização do projeto. Ao longo das etapas foi necessário explicar e fundamentar a pesquisa, minhas motivações, minhas hipóteses e, principalmente, detalhar o funcionamento das oficinas, como se daria a participação das mulheres envolvidas, quais riscos estariam em questão e como elas estariam colaborando não só para a pesquisa, mas para a sociedade no geral.

Elaborei com cuidado todas as formulações necessárias, sempre frisando que as atividades envolveriam temáticas relacionadas às vivências das mulheres, podendo causar algum tipo de sensibilização. Também considero fundamental pontuar que a participação de cada uma delas foi fundamental para a realização do trabalho, que contribui diretamente para o avanço nos debates feministas por uma vida digna, com direitos assegurados, com segurança, saúde e equilíbrio. Todas nós contribuimos para a militância feminista, todas nós resistimos, como já dito aqui, através dessa ação estético-político organizada por mim.

Além da documentação teórica, o termo de consentimento livre e esclarecido foi elaborado com cuidado. Cada participante leu e assinou o documento informando que estava ciente das condições da sua participação na pesquisa (pesquisa não remunerada, que poderia causar sensibilização, que a qualquer momento ela poderia desistir, não obrigatória, entre outros pontos), bem

como da captação do áudio e do uso das imagens produzidas ao longo dos encontros para esta dissertação.

Após a etapa burocrática e, finalmente, o parecer positivo da Câmara de Ética da PUC Rio, iniciamos os encontros *online*. Uma amiga fez o contato para mim com as participantes do grupo de leitura que ela integra, explicando brevemente a minha ideia e perguntando quem teria interesse em colaborar com a pesquisa. A partir das respostas positivas, entrei em contato com cada mulher me apresentando e pesquisando os melhores dias e horários para os nossos encontros, que aconteceram à parte dos encontros do grupo de leitura.

Com base nas respostas de todas, o horário de maior disponibilidade foi sábado das 15h30 às 16h30. Sendo assim, marcamos o primeiro encontro para explicar melhor a proposta da pesquisa e da atividade. Todas as mulheres demonstraram bastante abertura e ânimo em colaborar com o trabalho. Nós lemos em conjunto os termos de consentimento e eu tentei tomar o máximo de cuidado perguntando se havia dúvidas ou questões que elas gostariam de compartilhar ou esclarecer. Além disso, nós combinamos coletivamente que o ideal seria nos encontrarmos quinzenalmente, pois uma vez por semana tomaria muito tempo da rotina de cada uma.

Ao explicar para elas como seriam as dinâmicas das oficinas, me atentei em não colocar as minhas expectativas e hipóteses em jogo. Minha intenção sempre foi de criar vínculos e amizades entre elas, de gerar identificação e sensibilização com as histórias relatadas, e que ao fim nós enxergássemos que nossos problemas não são individualizados e privados, mas sim parte da estrutura machista, capitalista, colonial, etc. em que vivemos. Entretanto, eu não queria que a atividade já iniciasse enviesada pelo meu olhar, portanto expliquei que a cada encontro nós teríamos uma pergunta provocadora ou alguma proposta artística que daria o pontapé na atividade.

Deixei claro que falaríamos das nossas experiências pessoais, do que sentíssemos vontade de compartilhar, e da forma que sentíssemos vontade em nos expressar, fosse através da fala, escrita, desenho, fotografias, entre outros suportes possíveis. Também tive a preocupação em esclarecer que não era necessário comprar nenhum material para realizar as propostas artísticas. Tudo poderia ser feito e adaptado com o que cada uma tivesse em casa. Isso, inclusive, era parte da proposta, que visava ser flexível e refletir os contextos em que cada mulher vivia.

Realizamos 6 encontros online, sendo o primeiro apenas de apresentação e esclarecimentos. Em aproximadamente quatro meses de contato, em meio a uma pandemia mundial, ao governo negacionista e genocida de Bolsonaro, à perda de pessoas queridas, aflições, angústias, inseguranças, isolamento, perda de empregos, aumento dos preços de absolutamente todos os produtos, bombardeamento de *lives*, extensão dos nossos locais de trabalho para dentro dos nossos quartos e rotinas, e mais tantas outras questões que eu poderia citar por páginas aqui, nós conseguimos...

Nós construímos laços e amizades cuidadosas, nós treinamos a escuta e a fala com calma, dentro do possível para este momento. Nós nos permitimos demonstrar vulnerabilidades, ouvir conselhos, dar conselhos. Nós nos reconhecemos umas nas vivências das outras, conectamos nossas histórias, nos vimos como protagonistas em cada enredo que foi enunciado, compartilhando momentos de sofrimento, de angústia, e muitos de superação e esperança.

4.1

Das oficinas ao *design*: entrelaçamentos

O arcabouço teórico apresentado e analisado até então foi desenvolvido a fim de embasar e fortalecer a construção do trabalho de campo desta pesquisa, que constituiu em uma série de 6 encontros, realizados de forma *online*, de sensibilização, debate e atividades artísticas, exclusivamente com mulheres.

Observamos as contribuições das feministas radicais americanas, que na década de 1960 já estavam avançando em debates fundamentais para as pautas feministas através dos *consciousness raising groups*. A forma de organização dos encontros, com roteiros pensados a partir de perguntas provocadoras, a condução dos debates, através de tempos de fala divididos igualmente entre as participantes e as propostas artísticas, que pretendiam sintetizar os sentimentos e emoções gerados a cada reunião, através de suportes e instalações artísticas variados, são pontos que estruturaram as oficinas desenvolvidas para esta pesquisa.

Já as plenárias, construções de manifestações e ações estético-políticas abordadas anteriormente dão sentido a este trabalho na medida em que se apresentam como formas de construção coletiva e de dinâmicas de engajamento e mobilização das bases, que se dão de forma horizontal e colaborativa. Ainda que

enfrentem dificuldades internas em consensuar e sintetizar ideias, há um esforço em alcançar uma unidade feminista. Ainda que enfrentem dificuldades externas, como a retirada de direitos, crises econômicas, sanitárias, e governos de extrema-direita, a indignação se transforma em fúria feminista, em mobilização, culminando em respostas cada vez mais capazes de dar conta da complexidade de vidas e opressões que a população mundial vivencia.

Sendo assim, os movimentos feministas e todos os caminhos que já foram pavimentados até aqui, em 2022, nos servem como inspiração de luta e organização, mas também servimos aos movimentos, realizando uma pesquisa que visa fortalecer as pautas feministas e avançar nos debates que dizem respeito a conquista de direitos das mulheres sobre suas próprias vidas, corpos e decisões. Através da realização das oficinas, do envolvimento com um grupo específico de mulheres dispostas a trocar experiências, ouvir e partilhar questões pessoais, acreditamos que seja possível criar vínculos que potencializam a identificação de umas com as outras. Ao organizar mulheres em torno de um debate em comum, é possível fortalecer os movimentos feministas, dar a ver que as opressões que as mulheres sofrem cotidianamente não são individualizadas, privadas, pertencentes ao ambiente doméstico, mas sim opressões estruturais, que fundamentam a sociedade capitalista em que vivemos. Sem estas estruturas opressoras o funcionamento do sistema não se sustenta; é à custa de nossas vidas, trabalhos e relações que a engrenagem roda.

Mais do que coletar o referencial teórico estudado aqui e repassá-lo de forma acrítica e quase que mecanizada, para outras mulheres, objetivamos alcançar os resultados que mencionamos, de identificação, criação de vínculos, elaborações e conclusões acerca da conexão das diversas estruturas que baseiam a forma de organização e produção capitalista, como colonialismo, racismo, machismo, capacitismo, etc. através das vivências pessoais de cada mulher. Ao destinar um tempo, ainda que curto, da rotina de cada uma, para a entrega e o compartilhamento de lembranças, histórias de vida, angústias e conselhos, as mulheres se enxergam umas nas outras e interpretam os relatos a partir das suas perspectivas, criando laços de afeto, respeito e solidariedade com o grupo.

Dentre as inúmeras possibilidades metodológicas e pedagógicas de desenvolver oficinas e encontros em grupo, nos situamos em uma área do saber, o *design*, que oferece diversas linhas teóricas de abordagem e formas de ver o mundo,

desde definições do campo como uma habilidade inata a todos os indivíduos, passando por cultos à boa forma e pela estética de objetos, até fundamentações que situam o *designer* como gestor de projetos. Analisando criticamente, a fim de repensar o campo e os efeitos que nossas produções reverberam na sociedade, conectamos as teorias do *design* aos conceitos foucaultianos e estudos *queer*. A partir destas referências e das inspirações de movimentos sociais citadas anteriormente, o caminho que nos pareceu mais coerente e propício para a construção das oficinas foi o de elaborar dinâmicas que dialogam com processos de subjetivação e envolvam atividades criativas, sem pretensão de conquistar uma obra de arte idealizada ou fomentar algum tipo de competitividade entre as participantes.

Situando o *design* muito mais como processo, como impulsionador do debate, como ferramenta de provocação, do que como objetivo final, definimos a horizontalidade, a participação ativa de todas as integrantes, a construção de um espaço seguro para o diálogo e o uso de exercícios artísticos como pontos principais na organização e estruturação da proposta de oficinas.

Sendo assim, os encontros consistiram em uma troca de conversas e vivências pessoais, que se iniciava impulsionada por alguma pergunta ou temática trazida por mim. Ao pedir para que cada participante selecionasse um objeto pessoal e explicasse o motivo da escolha, por exemplo, iniciamos um encontro, com duração de 1 hora, em que as narrativas de vida de cada mulher foram se entrelaçando com as outras. As oficinas sempre começavam com alguma provocação minha, como o exemplo colocado aqui e, a partir do relato da primeira voluntária, as demais contribuições iam surgindo de maneira espontânea, normalmente colocada com “lembrei da minha história com o que você disse... acho que o que você falou tem a ver com o que eu quero falar também...”, formando uma teia de experiências que faziam sentido estarem organizadas e narradas de tal forma.

Depois de algum tempo de compartilhamento de vivências, normalmente metade ou um pouco mais da metade do encontro, eu propunha alguma atividade artística para encerrar a dinâmica, tentando condensar em alguma criação tudo o que foi debatido naquele dia. Algumas das propostas realizadas foram a escrita de cartas, desenho e recorte e colagem.

Apesar de terem sido idealizadas para acontecerem presencialmente, possibilitando uma troca corpo a corpo entre as participantes, e também a exploração de outros tipos de materiais artísticos, as oficinas não foram

prejudicadas por terem acontecido remotamente. Com certeza os resultados de uma dinâmica presencial seriam bastante diferentes dos que obtivemos, porém, a qualidade da troca foi surpreendente e as mulheres conseguiram criar uma conexão pessoal, reconhecendo que as estruturas pelas quais estão submetidas são as mesmas, apesar de suas particularidades.

Indo além, ousou afirmar que a configuração das oficinas, a forma de condução das atividades, os diálogos e vínculos desenvolvidos e as considerações geradas a partir de então, contribuem para os movimentos feministas e para as práticas participativas de *design* como uma iniciativa que dá conta de conectar pessoas em diferentes espaços geográficos, de diferentes faixas etárias, em torno de um debate em comum. Dá conta de se apresentar enquanto solução, assim como outras iniciativas citadas neste trabalho, para práticas profissionais menos impositivas e acríicas, e mais potencializadoras de mudanças. Dá conta de se apresentar enquanto pedagogia feminista, de construir dinâmicas digitalmente. Dá conta de se apresentar enquanto alternativa às formas rígidas de fazer pesquisa acadêmica. Dá conta de representar a conjuntura e demarcar temporalmente a crise sanitária, política, econômica e existencial da COVID-19, que vivenciamos ao longo de toda a pesquisa e de todos os encontros de oficina.

A seguir, serão apresentadas as minhas anotações, transcrições e impressões pessoais acerca das oficinas. Todos os encontros foram gravados por áudio, com a aprovação de todas as participantes, e transcritos por mim para o meu bloco de notas. Tentei ter cuidado com as anotações, transcrevendo não só as palavras ditas, mas também respeitando os suspiros, as pausas para pensar, as respirações, as entrelinhas. Desde que o cenário de isolamento imposto pela pandemia apareceu como uma realidade, me vi bastante preocupada por não querer, de forma alguma, que o funcionamento remoto afetasse a forma como os resultados dos nossos encontros fosse apresentada, transformando-a em algum tipo de transcrição mecanizada, impessoal ou distante.

Por isso tomei a decisão de apresentar o meu diário de campo em sua totalidade, com poucos recortes e seleções de trechos. Para mim, não faria sentido apresentar isoladamente algumas frases ou citações dos relatos das participantes, pois o nosso desenvolvimento foi realizado coletivamente, através de um processo. Não faria sentido descrever aqui relatos da sexta oficina sem contextualizar todo o percurso que construímos juntas ao longo dos cinco encontros anteriores. Nossa

amizade, nossas relações e todo o sentimento de conforto, reconhecimento, respeito e identificação foram conquistados pouco a pouco. Fomos nos soltando e relaxando, confiando cada vez mais umas nas outras, co-criando esse lugar de fala e escuta, que foi tão importante para relaxar, olhar para dentro, olhar para as outras, principalmente diante de um cenário pandêmico em que todas nos encontrávamos com medos, inseguranças e angústias mais exacerbados do que nunca. Quando identifiquei a importância da construção narrativa que foi se desenvolvendo e tomando forma ao longo dos seis encontros que realizamos, a minha escolha de transcrever as oficinas cronologicamente, com detalhes, mesclando minhas experiências e impressões com os relatos e falas das demais mulheres participantes pareceu a forma mais propícia e completa de exhibir para o restante das pessoas que lerão este trabalho os momentos que vivenciamos. Compartilho a seguir, com detalhes e carinho, o bloco de notas do meu computador com vocês.

4.2

Relatos

Oficina 1:

O primeiro encontro não estava tão planejado com atividades, pois a ideia inicial era fazer uma apresentação da pesquisa, das participantes e combinar em conjunto os melhores dias, horários e periodicidade das oficinas. Elas se apresentaram da forma que se sentiram confortáveis, falando do que gostam de fazer, idade, profissão, sem obrigatoriedade em responder perguntas específicas. Eu também me apresentei e expliquei a pesquisa de forma breve. Nós lemos juntas o termo de consentimento e combinamos que faríamos mais 5 encontros na frequência quinzenal sempre naquele dia e horário, sábado das 15h30 às 16h30 *online*.

As participantes fazem parte de um grupo de leitura em comum, então já se conheciam um pouco. Algumas possuíam uma relação de amizade e intimidade, enquanto outras se conheceram melhor durante as nossas oficinas. Como a atividade delas já era *online*, mesmo antes da pandemia, há pessoas de estados diferentes do país. No nosso grupo havia mulheres de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Bahia e Maranhão.

O grupo de leitura se formou através do *Instagram*, a partir do desejo de uma das organizadoras de ler uma lista de livros indicados por Elena Ferrante, uma autora que utiliza este pseudônimo artístico. Não se sabe ao certo se por trás há um homem ou uma mulher, porém acredita-se ser uma mulher devido às obras que abordam questões entendidas como femininas, por exemplo, maternidade, machismo e debates que dizem respeito a corpos femininos e feminizados.

A lista de indicações, publicada no site *The Guardian*, é composta por dezenas de livros de autoras mulheres que debatem questões acerca do que é ser mulher, como dito acima. Uma das integrantes do grupo, e também das oficinas, publicou em seu *Instagram* a lista mencionando que adoraria ter companhia para ler em conjunto, e assim foi criando conexões e juntando as mulheres interessadas. Essa mesma integrante, conhecida minha, fez o contato para o meu envolvimento com o grupo. A partir da mediação da minha amiga com as demais participantes, criei um grupo em paralelo para apresentar a proposta da pesquisa, as documentações necessárias, como termo de consentimento livre e esclarecido e autorizações de imagem e gravação de áudio, que foram aprovados pela Câmara de Ética da PUC Rio. Todas as dúvidas foram esclarecidas e os horários e dias de encontros foram combinados coletivamente durante a nossa primeira reunião de apresentação. Durante aproximadamente quatro meses, nos reunimos quinzenalmente aos sábados de tarde, para conversar, refletir e exercitar a nossa criatividade juntas.

Ao reservarmos um momento nas nossas rotinas, ainda que rápido (nossos encontros duravam 1 hora e aconteciam quinzenalmente), nos permitimos viver relações com uma troca igualitária entre a fala e a escuta. Todas nós nos reconhecemos nas experiências umas das outras, ainda que identificando singularidades e algumas diferenças nas vivências. Por mais que o grupo fosse heterogêneo em relação à faixa etária (com mulheres entre 26 e 44 anos, e eu enquanto escrevo tenho 24 anos), e em relação à posição geográfica em que nos encontrávamos, havia inúmeros pontos de contato entre nossos relatos, devido ao fato de todas sermos mulheres vivendo na presente sociedade, no Brasil, durante o ano de 2021.

Durante as apresentações pessoais, todas elas mencionaram suas carreiras e formações profissionais, falaram de *hobbies* como leitura, ouvir música, ficar com seus gatos/cachorros, viajar e beber uma cerveja com as amigas. Minha primeira

impressão nas apresentações foi o recorte de classe social de todas nós. Percebi que fazíamos parte de uma classe média/alta, que todas estávamos na mesma camada de privilégios de possuir formação no ensino superior, poder fazer viagens, sair por lazer, etc.

Logo de início notei que algumas participantes estavam fazendo uma segunda ou terceira graduação e que outras três estavam cursando ou já tinham cursado uma pós-graduação, o que considero bem significativo para a pesquisa. Visto que a proposta é o compartilhamento de experiências e vivências pessoais, é impossível deslocar as mulheres do contexto social em que estão, que perpassa por suas formações profissionais, famílias, relacionamentos, etc. Outra observação que já me ocorreu no primeiro encontro foi a ênfase que as mulheres deram às expectativas ao redor de suas carreiras profissionais, o que para mim está diretamente ligado à questão de classe social.

Enquanto se apresentavam, algumas mencionaram que não sabiam quem eram, o que queriam “fazer da vida” ou onde queriam estar. Uma delas colocou que:

[...] cheguei num ponto em que eu tinha tudo que falam que tem que ter, tinha dinheiro, podia comprar as roupas que eu quisesse, jantar, dar presentes... senti que faltava alguma coisa, a partir de 2015 comecei a ouvir mais a mim e comecei um processo de autoconhecimento, mas ainda não estava consciente disso, só que a vida vai nos chamando né.... (Luisa, 2021)

As aflições acerca das expectativas de terceiros, seja de familiares, de amigos ou da “sociedade no geral”, como elas colocaram, eram presentes nos relatos da maioria das participantes. Histórias similares de iniciar uma faculdade e não gostar, sentir medo em trocar ou de já ter iniciado uma carreira, se formado e trabalhado um tempo em determinado campo e querer fazer uma transição profissional, surgiram brevemente nas suas apresentações pessoais, gerando uma identificação entre elas logo de início. Ao fim do primeiro encontro, uma delas disse que “achei interessante o que Clara²⁸ falou: eu não sei o que quero fazer da vida... acho que a gente nunca sabe, eu tenho 44 anos e ainda não sei... é uma coisa eterna.” (Julia, 2021).

²⁸ Para preservar a identidade das participantes, seus nomes foram alterados.

Os primeiros encontros foram mais cheios, o máximo de presentes em um mesmo dia foi de 6 pessoas, além de mim. Com o passar do tempo, a vacinação da COVID-19 foi avançando e a situação de isolamento social se tornando menos rígida. Como nossos encontros eram na tarde de sábado, notei que as mulheres aos poucos foram flexibilizando suas rotinas e saindo para pequenos encontros, almoços e reuniões familiares, dificultando a participação nesse dia e horário. A frequência nos grupos era instável, porém havia sempre duas ou três participantes presentes, na maioria das vezes as mesmas, que eram assíduas na participação.

Oficina 2:

Como estávamos no início da nossa jornada de oficinas, propus uma atividade mais introvertida, que focava na escrita pessoal de cada uma. A meu ver, como ainda não havíamos criado tanta intimidade para falar aberta e espontaneamente, escrever poderia ser um bom pontapé. A dinâmica da segunda oficina foi escrever uma carta para você mesma do passado ou do futuro. O recorte temporal foi decidido por cada uma e eu marquei 15 minutos para desenvolvermos a carta. Ao fim, pedi para as participantes lerem em voz alta para as demais.

Apenas uma delas escreveu para o futuro, escolhendo ela mesma do dia de amanhã:

Luisa, como vai? Dormiu bem? Gostaria de saber de você...
Sei que você sente falta de um carinho, da proximidade, e eu estou aqui.
Sei que é difícil tomar essa decisão de, de repente, mudar o rumo da sua vida, de seguir a sua intuição, de entender que eu sempre estarei com você, pro que der e vier.
Sentada no nosso quarto, com o sol na cara, tenho o sentimento de que estou fazendo algo por nós, e que isso é suficiente. Portanto, continue com essa sua fé, essa sua crença de que em algum lugar você chegará.
Te amo.
Luisa (Luisa, 2021)

Conforme elas liam, faziam comentários e conexões umas com as outras, já puxando um fio para a próxima leitora, que se voluntariava normalmente dizendo “achei a sua parecida com a minha já que você falou de tal ou tal coisa, então vou ler...”. Assim, uma teia foi sendo criada, contando as histórias na ordem que elas organizaram. Nas cartas escritas para o passado, notei que as escolhas do recorte temporal foram baseadas em algum momento marcante da vida. Algumas deixaram

isso claro, outras não tanto, mas deu para perceber que foram anos simbólicos, em que elas estavam passando por algum momento de dificuldade. Uma delas se emocionou e disse chorando “Escolhi um ano muito simbólico pra mim, é mais um recado de carinho” e leu, para ela de 10 anos atrás:

Oi, Simone de 2011, te escrevo para dizer uma das frases mais clichê: tudo passa! Nesses dias, você está ouvindo isso de várias amigas e em nenhuma delas a frase faz sentido, mas fará. Tudo passa mesmo, pode demorar, deixa marcas (várias) mas passa... Passou!!

E hoje conseguimos nos ver com mais carinho, cuidado e compreensão. E estamos caminhando mais livre e cada vez mais desvinculada das ideias e ideais dos outros” (Simone, 2021)

Clara em sua carta para ela mesma de 22 anos atrás disse “acho que serve para a maioria das mulheres”:

Como você está? Imagino que você esteja confusa com a vida, continuo confusa também, apesar de não ser a mesma confusão. Quero te dizer para se importar menos com o que as pessoas pensam e dizem de você, aproveita para começar a terapia e investigar sua sexualidade... não quero te falar coisas que você não está preparada para ouvir, mas a terapia vai ser boa *pra* você se reconectar consigo mesma. Foque em estudar, foca no que no fundo mesmo você acha essencial agora, e tenta se perdoar pelo que aconteceu ou você não conseguiu fazer ainda. Esquece o que pensaram para você. Se cuida, abraço

Clara. (Clara, 2021)

Heloisa se identificou com a carta de Clara e diz “a da Clara me lembrou um pouco a minha em alguma medida, também tem a ver com a leitura que a gente faz da carta da outra a partir da nossa experiência, claro” e lê a sua, para ela de 3 anos atrás:

Eu fui 3 anos adiante e queria te dizer 2 coisas, a primeira é que muito do que vi durante o tempo só fez confirmar o que você teimou em desqualificar como um tipo de intuição inventada... eu ainda não sei explicar muito bem, mas te garanto que não é invenção (fiz um parênteses na carta porque eu já li muito e frequentei muito o espiritismo, e acho que talvez o espiritismo tivesse uma explicação pra mim sobre intuição, talvez eu devesse voltar). Você se conhece muito mais do que pensa e por isso tem mesmo uma capacidade especial de identificar o que te cabe, o que te sacaneia e o que te convém, confia nisso. Em segundo lugar e um pouco como desdobramento do primeiro quero te assegurar que o lugar que você ocupa no mundo é seu, chegou a ele por caminhada própria, você não deve nada a ninguém por isso. (Heloisa, 2021)

Depois que todas leram, eu li a minha em voz alta. Em todos os encontros as participantes esperavam que eu fizesse as atividades e compartilhasse as minhas experiências tanto quanto elas. A expectativa delas com a minha participação me gerou um alívio, pois a intenção era que a minha mediação fosse feita de forma mais horizontal, sem hierarquia de saberes. Acredito que nos identificamos com mais facilidade umas com as outras por termos condições de vida parecidas, mas o fato da minha participação enquanto pesquisadora ter sido ativa e tão interna quanto das demais no nosso processo coletivo também foi um fator significativo para a condução das dinâmicas e a criação de vínculos entre nós.

Oi, Nina de 2019, pode parecer agora que está tudo meio incerto e muitas inseguranças permeiam a sua cabeça, mas acredita no seu potencial porque você vai conquistar coisas que nem passavam pela sua cabeça.

Pode parecer muito longe uma vida considerada adulta, responsabilidades, trabalhos que são considerados legítimos, mas você vai alcançar essa vida que as pessoas consideram a ideal, a forma certa de viver... mas não só isso, me parece que o mais importante é uma virada de chave no estilo de vida, na cabeça... começar uma vida adulta, responsabilidades, trabalho, relações, sempre focando em você é um caminho sem volta e um jeito muito saudável de se começar. O que eu te diria olhando daqui é: se priorize, não tenha medo de dizer o que sente, de se colocar, mas também não abandone os seus traços amorosos, carinhosos e a sua qualidade incrível de se colocar no lugar do outro.

Você vai se apaixonar, diria que até encontrar a sua pessoa na vida, se é que existe alguém certo *pra* gente, mas também vai se magoar, com você mesma, com as pessoas que você ama, com mudanças na vida... vão ser anos de muita transformação! E às vezes parece exaustivo se debruçar tanto sobre você mesma, sobre cada mínima situação vivida, às vezes parece que cansa o autoconhecimento, porque parece tudo tão complexo, intenso... mas olha, me parece que esse é o seu caminho, você está trilhando da melhor forma possível, não que haja um jeito certo ou errado, mas o melhor jeito pra você, o melhor jeito que você conseguiu. Trilhando suas trilhas, que vão te levar a um lugar muito bom, com muito mais autoamor, muito mais identificação com o que você faz, felicidade em pequenos momentos, afinal o que a gente leva são boas lembranças e felicidades compartilhadas. (Nina, 2021)

Após a leitura de todas as cartas, fizemos uma reflexão sobre o que foi colocado ali. Dessa vez a questão da insatisfação profissional apareceu com mais intensidade. Todas as mulheres se abriram e disseram o quanto era difícil separar a projeção de terceiros dos seus próprios desejos, como foram construindo uma carreira, estudando, trabalhando, e em dado momento entenderam que aquele caminho não era o ideal para elas. Segundo elas, os padrões impostos estão tão entrelaçados durante a educação e o amadurecimento que é difícil entender quem elas são de verdade, o que elas realmente querem fazer por “vontade própria”.

Não julgo pessoas que conseguem fazer trabalhos que não são apaixonadas, acho muito interessante esse processo... e são muitas pessoas... no capitalismo a gente tem muitas coisas desinteressantes que tem que ser feitas... mas também por ter a comodidade de saber q eu não ia morrer de fome, ficar sem teto, teria amparo independente disso eu pude seguir esse caminho. (Clara, 2021)

Uma participante pontua que

[...] é até difícil fazer esse processo de separação dos ideais, é doloroso, às vezes é cortado na carne... é o que você falou, não são necessariamente ideais externos, são nossos, figuras de imagem que temos de nós mesmas, que construímos... (Simone, 2021)

Além de reconhecer essa insatisfação, o medo da mudança foi muito debatido. Uma delas colocou que:

Fico nessa de não saber quais riscos quero, devo assumir, o que pode me fazer bem nisso tudo. É difícil a gente lidar e encarar que o que a gente tem não está bom e assumir o risco de procurar outras coisas... porque é arriscar... não é como se a gente não tivesse nada... e, *pra* ter outra coisa, eu preciso largar uma coisa pra agarrar outra, porque não tenho braços para isso tudo. Isso demanda muita coragem, porque a gente está suscetível a quebrar a cara... por isso acho muito importante pensar, se entender, para fazer uma escolhida mais lúcida e esclarecida.” (Heloisa, 2021)

Enquanto compartilhavam as angústias acerca da temática profissional, Clara, uma das participantes mais velhas, pontuou que se enxergava no que as colegas falavam, mas como algo que ela já tinha passado na vida, que agora ela se via “mais nas questões dos 40 anos”. Ela relatou seu processo pessoal das trocas de faculdades, de um quadro de depressão com o qual convive há 20 anos e de quando começou a fazer terapia.

A questão de fazer ou não fazer terapia também foi um ponto que me chamou bastante atenção. A maioria das participantes tem algum acompanhamento psicológico ou já teve, todas valorizaram e mencionaram isso em seus relatos, em momentos diferentes, com abordagens diversas, porém nesse consenso de como terapia é necessário, importante, como ajuda ou ajudou em determinados momentos da vida.

Com isso, mais uma vez retomei meus questionamentos acerca do recorte de classe social. Ainda que tenhamos serviços públicos de atendimento psicológico através do SUS em diversas clínicas e hospitais, a disponibilidade de tempo para se

ter um acompanhamento rotineiro é um privilégio que poucas pessoas têm. Indo além, a própria valorização da atividade como algo relevante para o desenvolvimento pessoal não é um consenso e um interesse generalizado. Infelizmente, o acesso à terapia ainda é elitizado e envolve diversos tabus. Estar promovendo oficinas de sensibilização e conversando com mulheres que já possuíam essa porta de entrada aberta com certeza influenciou toda a dinâmica.

Por mais que esses pensamentos acerca das nossas similaridades de classe social, raça, questões profissionais, terapia, rotina, etc. surgissem com frequência na minha cabeça, eu decidi não frisar isso com as participantes, para evitar que as oficinas se tornassem algo forçado e influenciado pelo meu olhar. Guardei as minhas observações e permiti que as dinâmicas e falas acontecessem espontaneamente, inclusive a fim de perceber se elas iriam pensar em outras mulheres em algum momento, evidenciar algum tipo de recorte de raça ou de classe, questionar que feminismo era esse que estávamos falando, a quem ele servia, sobre que mulher estávamos refletindo ali.

Foram poucos os relatos que transpareceram algum tipo de preocupação explicitamente relacionada à outras mulheres. No geral, as participantes me passaram uma observação muito pessoal, focando em suas próprias vivências. Até mesmo assuntos como relacionamentos amorosos, com terceiros ou com familiares, que eu esperava que seriam temas bastante comentados, ficaram em segundo plano enquanto o que mais ouvíamos e trocávamos eram questões entendidas como individuais, de autoconhecimento, das participantes com elas mesmas.

De uma forma geral, em muitos momentos senti uma linha tênue entre a identificação umas com as outras e, conseqüentemente, a compreensão de que os problemas são estruturais, e as tentações neoliberais de se colocar como protagonista, individualizar as decisões e enxergar que só depende de cada uma a solução dos incômodos. Os discursos muitas vezes se misturavam, com boas intenções, mas sem os pés ancorados numa politização de todas as vivências e relatos expostos ali.

Enquanto Clara comentava sobre suas vivências e o sentimento de já ter passado pelo que as colegas estavam compartilhando, usava um tom de aconselhamento. Ela inclusive colocou que:

Então melhora, toda a experiência de vida mais a terapia... ajudam... para mim foi muito importante, mas o que é mais importante é desapegar desses ideais que a gente coloca na nossa cabeça, que são padrões sociais que a gente incorpora, né? E aí, pegar o que é bom *pra* gente e o que não é... agora, a resposta... quem é que tem, né? (Clara, 2021)

Depois do momento de leitura e conversa, sugeri que trocássemos aleatoriamente as cartas umas com as outras para fazer uma intervenção artística na carta da colega. Como estávamos em videochamada, usamos a ordem que eu estava vendo cada uma e fomos passando para a pessoa do lado. Lendo o relato da outra, cada uma poderia criar algo em cima daquelas palavras: um poema, um desenho, uma foto, um vídeo... marquei mais 10 a 15 minutos para essa segunda etapa e conforme elas foram acabando, mostraram e explicaram o que fizeram e de onde veio a inspiração.

Heloisa escreveu um poema a partir da carta de Luisa e leu em voz alta para todas. Luisa respondeu animada e feliz que tinha adorado:

Luisa
Amanhã

Dormir - bem
Saber - de você

Carinho,
Estou aqui

Decisão, rumo, intuição: o que der e vier
Quarto, sol, por nós: suficiente

A fé é um lugar habitável quando te amo (Heloisa, 2021)

Luisa pegou a minha carta e falou “então, peguei aqui, destaquei umas palavras e coloquei uma mensagem bônus para você”:

Nina de 2019, quem fala é a Luisa de 2019, e tem sido uma barra me reerguer depois e chegar no fundo do poço e me questionar acerca das minhas decisões... percebi que elas não eram minhas, então bota fé na Nina de 2021, crê, você sabe o melhor pra você :) (Luisa, 2021)

Simone sobre a intervenção que fez na carta da Clara:

Eu escrevi num papelzinho, eu fiz um monte de símbolos, uns simbolozinhos de uma coisa enrolada porque lendo o da Clara fiquei com a questão da confusão.

Separei a palavra de 'com' e 'fusão', entre ela e o que as pessoas pensam para ela. Confusão: uma setinha entre a divisão de você e o que esperavam para você. Ela falou de confusão, reconexão e entre essas peguei a palavra consigo, e pensei em 'com sim', 'com não', e as confusões. Ela falou de como o processo da terapia foi importante para ela ir fundo e se reconectando, fiz uma setinha para o cuidado, esses processos levam ela para o cuidado de si, esse processo é para ela ir fundo e ir se perdoando. (Simone, 2021)

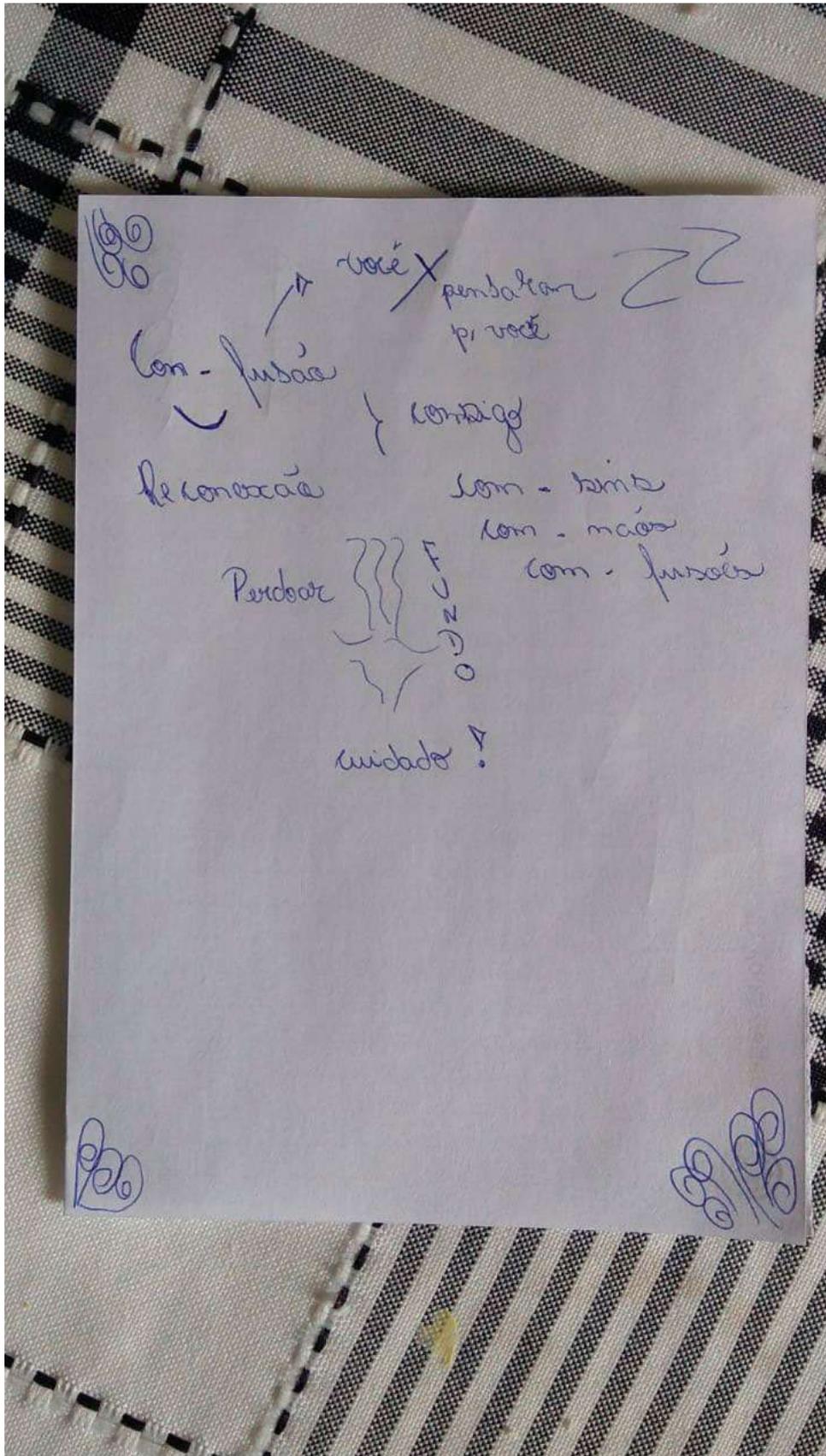


Figura 38 – Intervenção de Simone na carta de Clara. Fonte: Arquivo pessoal.

Eu sobre o desenho que fiz a partir da carta da Simone, que agradeceu e disse “nossa, ficou lindo!”: “Peguei umas palavras que me chamaram atenção da Simone e fiz tipo um desenho, está escrito tudo passa, pequenininho carinho, cuidado e compreensão. Ideias, livre, ideais, marcas e aqui passou...” (Nina, 2021)

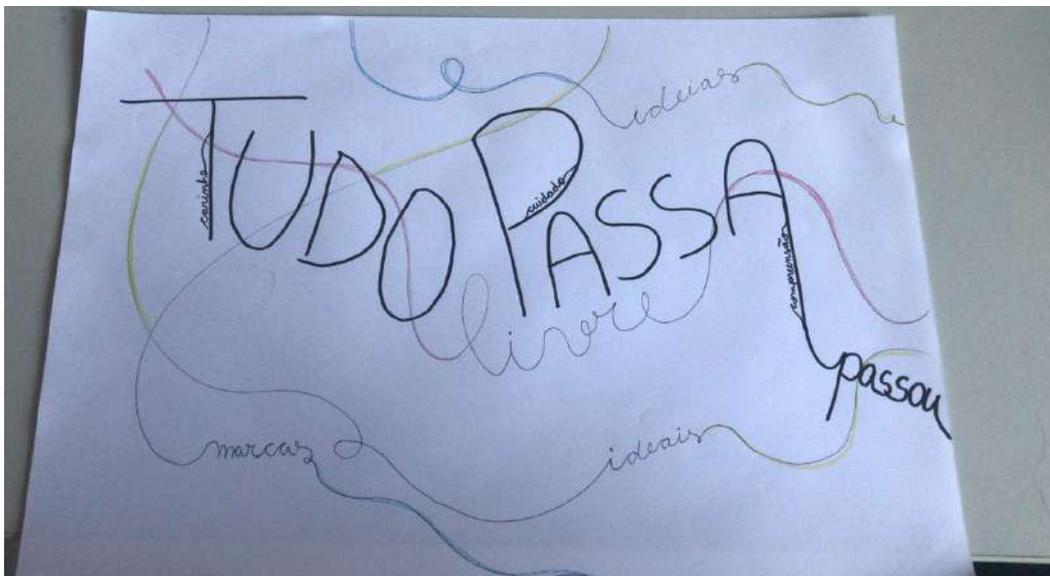


Figura 39 – Minha intervenção a partir da carta de Simone. Fonte: Arquivo pessoal.

Após a segunda etapa das intervenções e trocas a partir das cartas, perguntei se mais alguém gostaria de falar alguma coisa para encerrarmos o encontro. Clara falou “eu só queria agradecer o compartilhamento de ideias e de vidas, obrigada gente” e nos despedimos.

Oficina 3:

A terceira oficina começou com uma pergunta norteadora: “em que momento você se entendeu enquanto mulher na sua vida? Você lembra um fato marcante ou como se deu esse processo?”.

Expliquei que quando digo se entender enquanto mulher, para mim se passa por uma “virada de chave”, quando entendemos nossa potência, mas também questões de sofrimento e opressão. No meu caso, teve a ver com a minha identificação em um grupo, me reconhecer como mulher no contexto em que vivo, me identificar com outras pessoas que vivem a mesma coisa que eu. Para mim foi marcante quando parei de me identificar apenas com quem é próximo (amigas, mãe,

avó) e comecei a compartilhar de um sentimento coletivo, a me organizar coletivamente e politicamente também. Esse processo pessoal se deu junto com o aprofundamento das minhas leituras feministas. Quando despertei o interesse em pesquisar, estudar os conceitos e as abordagens históricas, ouvir palestras, etc. parece que meus olhos e caminhos se abriram, entrelaçando a teoria com a vida cotidiana de uma forma que não há volta.

A primeira participante a responder à pergunta trouxe uma abordagem sobre educação sexual. Ela comentou que nunca teve espaço dentro de casa para falar sobre sexualidade com os pais, e nem eles com seus avós. Ela faz parte de uma família tradicional, católica, que seguia o ideal de conhecer um único homem, que seria o homem da vida toda. Por volta dos 25 anos de idade ela começou a se sentir incomodada, achar que havia algo errado com ela. Relatou que “até tinha prazer, mas não gozava, sempre ficava preocupada se estava gorda, se estava na posição certa, tudo para o homem, menos para mim”.

Ela relatou que tentou conversar com amigas sobre isso e todas menosprezavam o assunto, não davam espaço para o diálogo, diziam que “nada a ver, que era normal”. O seu namorado da época também colocava a responsabilidade em cima dela, se isentando de qualquer tipo de participação nessa busca pelo conhecimento do próprio corpo e do prazer. Apenas quando ela começou a ver pornografia e ler livros feministas, que tratam da opressão das mulheres, que percebeu e disse:

[...] *caraca*, é isso! Olha o reflexo que um negócio na história fez com a gente aqui... ao mesmo tempo também tirei a venda da sociedade, muitos problemas que eu achava que eram meus, eu fui vendo que todo mundo tinha esses problemas, era uma coisa da sociedade... (Luisa, 2021)

Com as lembranças vindo à tona, ela compartilhou conosco sobre uma amizade que tem com uma menina que, segundo ela, virou sua “primeira discípula”. Ela contou que essa amiga tinha muitos problemas na relação sexual com o namorado, que só “mandava, fazia o que queria, dormia e pronto” e que aos poucos elas foram conversando e trocando algumas dicas e experiências pessoais. Recentemente, a amiga mandou uma mensagem para ela dizendo: “não acredito, eu gozei sozinha!”, e ela ficou superfeliz de ter participado desse processo. “Fui vendo como as mulheres foram separadas sabe... tem muito tabu, muita coisa a ser

quebrada... foi assim que eu me entendi mais como mulher, com o meu corpo, o que eu gosto, através da sexualidade.”. (Luisa, 2021)

A segunda participante a responder falou que o marco do coletivo para ela era difícil de dizer, mas que olhando atualmente em retrospectiva ela consegue identificar coisas que a incomodavam e já faziam parte de um processo de compreensão de que “ser mulher não era tão simples assim”. Ela compartilhou que por volta dos 13 anos de idade lembra com clareza de ver a separação de tarefas domésticas em casa, tanto por parte da mãe quanto da avó, que a colocavam para lavar a louça, por exemplo, enquanto os meninos da sua idade tiravam o lixo e faziam outras atividades menos “femininas”.

Esta participante contou com detalhes sobre sua avó e sua mãe, sobre como são seus relacionamentos com os maridos e com a vida profissional. Seus pais se casaram com 21 anos e aos 23 a mãe engravidou dela, parou de trabalhar, só retornando à vida profissional quando ela estava com 17 anos de idade. Ela também pontuou diversas vezes que não tem referência de uma visão coletiva, da identificação enquanto mulher dentro de um grupo ou algo nesse sentido. Sendo uma das participantes mais velhas, ela repetiu algumas vezes que a noção de feminismo e o conceito difundido como temos hoje em dia ainda não existia com tanta força na época:

Não sei explicar, não era como se as pessoas não soubessem, as pessoas já tinham noção de voto, mercado de trabalho, sexualidade... mas não era como hoje... acho que tem essa coisa da onda, das redes sociais... existia? Existia, mas a gente não falava... eu não sei falar o dia que eu falei ‘sou feminista’, não sei falar mesmo... (Clara, 2021)

Enquanto pensava, falava e trazia as lembranças do passado, ela também quis fazer uma ligação com o que a integrante anterior tinha abordado de educação sexual e sexualidade no geral. Pontuou que também teve educação católica, tanto na escola quanto em casa, e que, para ela, isso influenciou muito na sua vida e sexualidade.

Lembro do meu pai e da minha mãe irem na bienal do livro e trazerem um livro da Marta Suplicy para adolescentes sobre sexualidade... a coisa era tão travada em mim que eu não conseguia ler. Acho que até hoje eu não li, não conseguia abrir o livro, abria com vergonha, lia umas partes... eles me deram porque não queriam falar sobre isso comigo. Sempre tive essa coisa da sexualidade comigo... eu era muito tímida, quando adolescente eu era muito ‘para dentro’, me achava esquisita.

Eu podia falar mais algumas horas sobre isso, mas acho que esses episódios já falam da sexualidade... (Clara, 2021)

Nesse dia, senti as participantes bastante à vontade para dialogar e contar suas experiências. A pergunta despertou muitas lembranças do passado, era perceptível que elas iam contando, lembrando e falando mais e mais das suas histórias de infância e adolescência. Eu fiquei muito feliz de termos conseguido construir esse espaço seguro em poucos dias de convivência. A Clara, que estava contando da sua família e das suas travas na adolescência, se sentiu confortável o suficiente para relatar um abuso que sofreu no ônibus quando tinha 14 anos de idade.

Tem uma questão que acho que foi um marco muito forte. Com 14 anos sofri um abuso no ônibus, em que o *cara* ficava colocando o pinto aqui em mim, fazendo assim (ela gesticula apontando pro seu ombro). Eu não tive coragem de sair, eu paralisei, o ônibus estava vazio. Poucas pessoas sabem disso hoje, falei na terapia, amigos próximos e tal, tipo meus pais não sabem... não é algo que eu fale publicamente, nas redes sociais, sei lá... e acho que isso atrapalhou a minha sexualidade. (Clara, 2021)

São mil coisas... ser mulher nessa sociedade, com a educação que eu tive, católica, com a família que eu tive, essa questão do abuso... para mim, emocionalmente, provavelmente, foi um estupro. Tecnicamente não se consideraria, eu acho, não sei como estão essas classificações, mas acho que para ser considerado estupro deve ter penetração, mas provavelmente, emocionalmente, para mim, foi um estupro, e me fechei bastante. Eu só tinha 14 anos... mas hoje eu consigo viver a minha sexualidade bem... depois de 40 anos... (Clara, 2021)

Ela contou que teve bastante dificuldade com penetração sexual quando conheceu o seu namorado, que atualmente é seu marido. Investigou se tinha vaginismo, se só não gostava de penetração, pautou isso em consultas ginecológicas e trabalha esse assunto até hoje com a sua psicóloga. Depois dos 30 anos, começou a pensar que poderia se identificar como bissexual ou lésbica e, atualmente, vive um relacionamento não monogâmico com o marido, e namora uma mulher.

Eu acho que tudo isso, essas minhas descobertas tardias, têm a ver com trauma, machismo, violência sexual, minha educação católica, têm a ver com tudo isso... tudo isso faz parte da minha descoberta de ser mulher, que é individual, mas também entendi faz muito tempo que é uma questão coletiva, mesmo as vezes não tendo consciência disso. (Clara, 2021)

Neste dia, estávamos só eu, Luisa e Clara, e mesmo assim senti que foi uma das oficinas mais emocionantes e com muita troca. Elas pareciam mais confortáveis por estar num ambiente intimista e não ter um limite de tempo de fala tão curto.

Conforme fui ouvindo os relatos delas, anotei as palavras que mais foram repetidas. A ideia era que cada uma de nós fizesse uma espécie de carta que simbolizasse a palavra escolhida. Como sugestão delas, nós escolhemos duas palavras para cada, escolhemos umas para as outras e tivemos o tempo até o final do nosso encontro para confeccionar as cartas e mostrar como ficou o resultado.

As palavras que anotei foram:

Mãe
Descobrir
Corpo
Mulher
Opressão
Processo
Sexualidade
Vergonha
Problema
Cuidar
Doméstico
Referência
Consciência
História
Inspiração

Na nossa divisão, Luisa ficou com “cuidar” e “vergonha”, Clara com “processo” e “corpo” e eu com “mãe” e “descobrir”. Luisa explicou que na carta do “cuidar” ela fez o desenho por achar muito carinhoso escovar o cabelo da outra pessoa. No da “vergonha” ela colocou escrito bem pequeno para simbolizar exatamente o que a gente não quer mostrar. Clara era uma participante que preferia fazer as atividades artísticas com mais tempo. Ela costumava pedir para terminar depois, queria ficar mexendo e modificando e não dava por terminado as atividades.



Figuras 40 e 41 – Cartas criadas por Luisa. Fonte: Arquivo pessoal.

Em algumas oficinas ela enviou depois uma foto de como ficou, sem tantas explicações e apresentações como as outras mulheres gostavam de fazer. Em outros encontros ela não enviou o resultado, mas eu preferi deixar isso em aberto, para não tomar como uma obrigatoriedade. Durante os encontros, eu as encorajava a terminar as atividades dentro do nosso tempo, dizendo que era uma atividade livre, que não tinha que ser perfeito. O objetivo era muito mais experimentar e sintetizar o que foi dito e sentido ali do que buscar uma “obra finalizada”.

Enquanto pesquisadora e artista, entendo que, justamente por trazermos à tona tantas memórias do passado, lembranças difíceis, e abrirmos nossas partes mais vulneráveis para outras pessoas, seria impossível (e era esse o objetivo) criar alguma matéria artística engessada, planejada em diversas etapas, com os materiais e com o tempo desejado. Eram esses obstáculos que eu desejava que estivessem sintetizados ali, de forma espontânea, leve, sem sofrimento para alcançar algo considerado ideal ou belo.

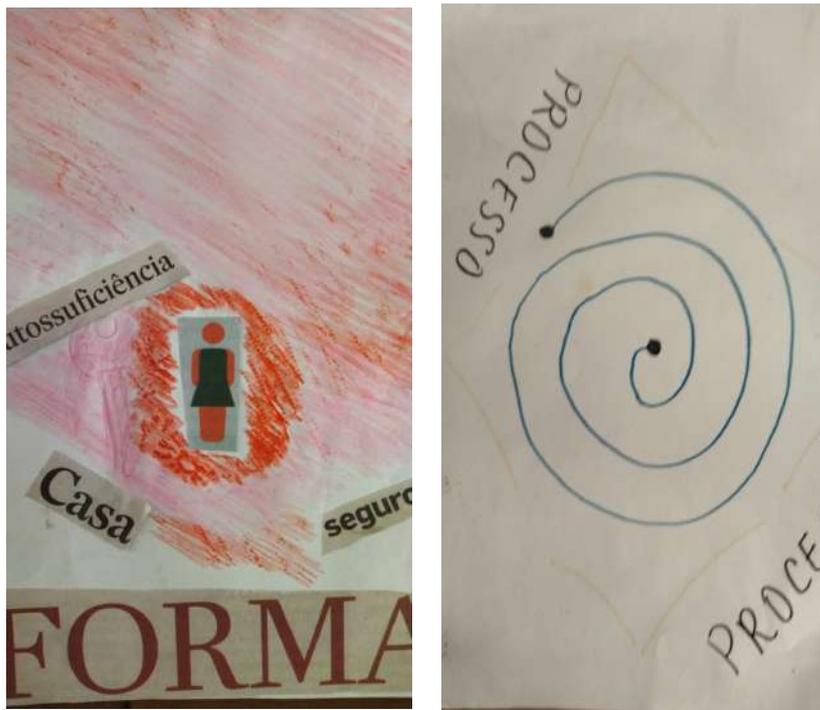


Figura 42 e 43 – cartas criadas por Clara. Fonte: Arquivo pessoal.



Figuras 44 e 45 – Cartas criadas por mim. Fonte: Arquivo pessoal.

Oficina 4:

O pontapé da quarta oficina foi o desenvolvimento de uma colagem. Antes do encontro eu já tinha avisado e pedido que as mulheres separassem materiais para utilizarmos na atividade. Comecei pedindo que elas escolhessem uma imagem representativa de gênero, sexualidade, papéis de gênero, que seria a nossa base da colagem. A partir da imagem selecionada, elas poderiam desconstruí-la, fazendo as intervenções que desejassem com outros materiais (papeis, rabiscar, escrever, desenhar...). Pedi que tentássemos acabar na nossa 1 hora de encontro e que fossemos mostrando e explicando um pouco o processo, o que pensaram enquanto estavam fazendo, se lembraram de alguma coisa, etc.

Luisa, a primeira a acabar, mostrou sua imagem e falou que ia explicar os elementos e motivo de ter organizado de tal forma. Ela diz que escolheu uma imagem de três pessoas conversando, que não dá muito para dizer qual o gênero de cada uma, que poderíamos supor pelo cabelo. Ela organizou um balão de fala, uma pedra, uma concha e uma flor para simbolizar um debate entre as pessoas da

imagem. Nas costas do mediador, segundo ela, escreveu “*Change is good*” (Mudar é bom).



Figura 46 – Imagem montada por Luisa. Fonte: Arquivo pessoal.

Para ela:

A gente está aqui para conversar e debater sobre nós, né... isso para mim é o viver, tem que encarar aquilo, o que a gente vive hoje é o momento que as pessoas estão se descobrindo, se deixando ser o que elas realmente são, no passado pode não ter tido esse tipo de conversa, mas agora tem. A gente tem que entender que mudar é difícil, mas o que nos importa aqui é divulgar a informação... e ouvir, né... principalmente ouvir quem tem para contar, quem viveu e quer contar... já até no nosso outro encontro depois fiquei pensando. Eu tenho essa minha experiência sobre a minha sexualidade... é o que posso dar do que eu vivi e hoje consegui transformar um pouco. Mas, sei lá, o que eu puder aprender com uma pessoa trans, sei lá, enfim, com toda essa variedade de corpos que a gente tem aí... eu quero é saber, ué.” (Luisa, 2021)

Em seguida, Julia mostrou sua colagem e começou a dizer que escolheu a imagem de uma modelo trans, Lea T.

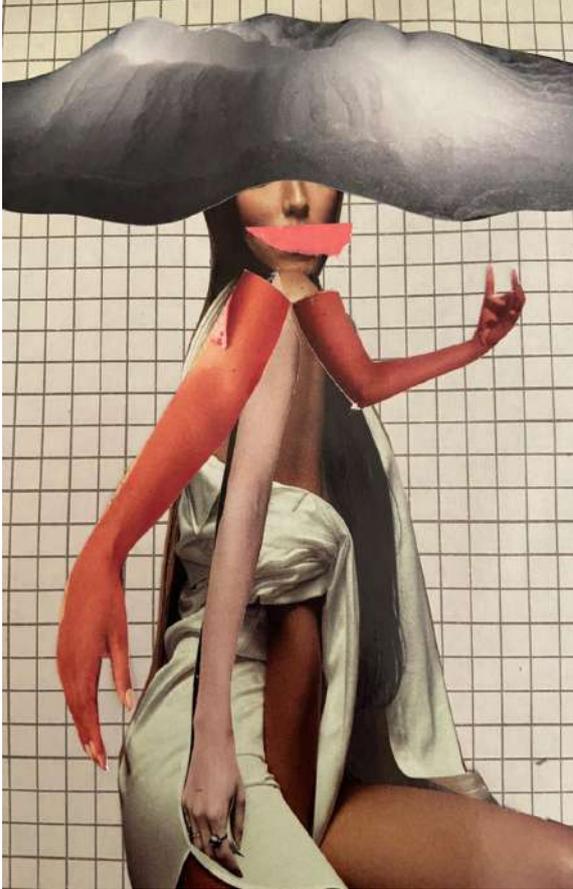


Figura 47 – Colagem de Julia. Fonte: Arquivo pessoal.

Quando você falou de imagens que dizem respeito a gênero e sexualidade e eu encontrei a imagem dela, peguei justamente pensando nisso... eu passei a semana inteira muito aflita com as matérias que saíram de morte de mulheres trans, tudo isso me angustiou muito durante a semana. Acho que foi uma conexão, quando eu vi a imagem lembrei de como passei a semana, refletindo sobre esses crimes, né, cruéis assim... (Julia, 2021)

Ela explica que colocou a nuvem nos olhos para representar pessoas que são invisibilizadas, assim como a boca coberta, simbolizando pessoas que não têm voz, que são esquecidas. Segundo ela, os braços diversos representam outras mulheres, de várias raças. Ela diz que foi isso que atravessou ela essa semana, os crimes de ódio, as matérias de jornal sobre assassinatos de pessoas trans.

Eu acho que é algo que a gente precisa mudar urgente, precisa ser debatido, falado, mostrado cada vez mais... porque são mulheres, né... e homens... que sofrem esse preconceito, invisibilização, silêncio, tudo... (Julia, 2021)

A próxima a contar sobre a sua criação foi a Camila, que fez várias imagens separadas e fotografou dizendo que o objetivo era juntá-las. Ela começou falando da mulher que escolheu para a primeira imagem, que passa uma ideia de sucesso. A matéria em que ela encontrou essa foto dizia que a mulher estava quebrando paradigmas, mas, segundo ela, parece uma quebra de paradigmas honrando o masculino. Ela identifica na foto uma mulher tentando ocupar o espaço de um homem, não tentando transformar efetivamente este espaço. O recorte escrito “segundo sexo” para ela representa que “mesmo quando a gente se camufla e tenta se vestir de homem, a gente continua sendo o segundo sexo, não tem o que fazer, não tem como se camuflar...”. (Camila, 2021)

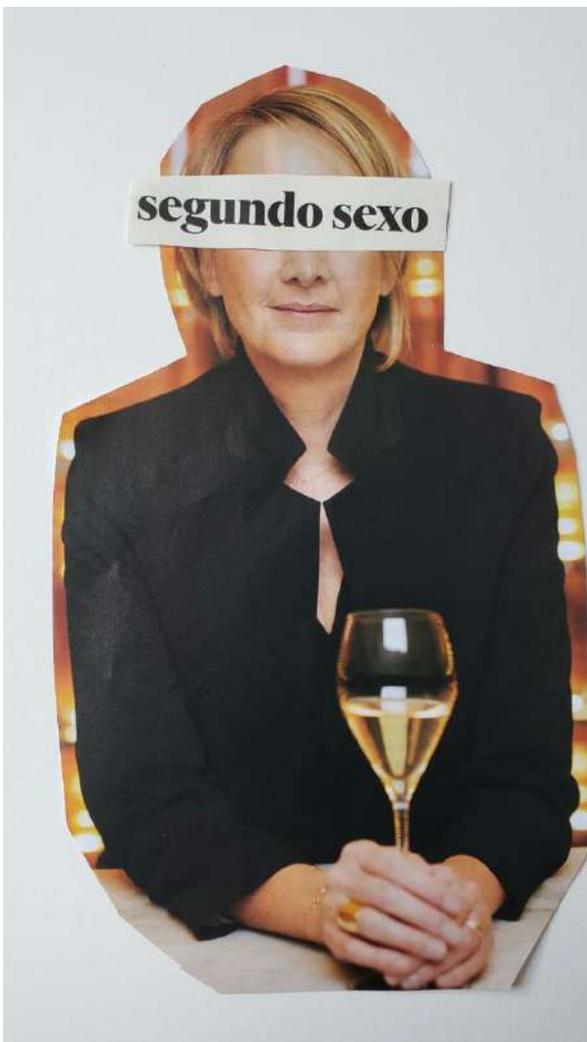


Figura 48 – Colagem de Camila. Fonte: Arquivo pessoal.

A próxima imagem ela mencionou que guarda há dois anos recortada, que gosta muito do contorno que parece uma silhueta de corpo feminino, mas é uma pintura abstrata. A frase “No centro há um abismo” colocada na colagem, ela explica que desde que começou a fazer terapia tem refletido sobre a existência ou não da mulher enquanto unidade. Em seguida, coloca que juntou a imagem da santinha com as palavras “medo de mulher” por acreditar que as mulheres têm causado medo, desafiado, principalmente a ideia de termos que ser sempre santas. Ela completa que as duas imagens de mulheres negras, amamentando e arrumando o pano na cabeça, representa mulheres trabalhadoras, e a frase que fala de comunhão para ela simboliza a comunhão de mulheres umas com as outras, de entender o que é ser mulher e se situar no coletivo.



Figuras 49, 50 e 51 – Colagens de Camila. Fonte: Arquivo pessoal

Por fim, eu mostrei a minha colagem e expliquei que escolhi uma imagem que parece ser uma mãe e uma filha, que parece estar passando por um tratamento médico. Recortei as palavras “mulheres”, “machismo” e escrevi algumas palavras complementando. Recortei um trecho em que está escrito “cientistas, revolucionárias, vingadoras, heroínas, artistas, monarcas, amigas, irmãs, mães e filhas” e puxei uma seta para evidenciar o *revolucionárias*, que chamou minha atenção. Como eu utilizei uma revista que falava de filmes, havia várias imagens de personagens. Recortei algumas figuras conhecidas e escrevi questionamentos que vieram em minha cabeça no momento: “a gente precisa ser mulher maravilha?”



Figura 52 – Colagem desenvolvida por mim. Fonte: Arquivo pessoal.

A gente precisa ser artista para sobreviver? Somos bruxas?''.

Retornei a palavra a elas perguntando como achavam que as nossas leituras se encontravam e atravessavam. Julia diz que acha que nossas colagens se complementam, por todas estarmos pensando no nosso papel, no que temos feito, nos estereótipos criados em cima de nós. Camila complementa:

Eu gostei muito de como cada uma representou do seu jeito né... você falou de gênero, mas começa daí, a gente olhar a coisa da mulher e dos corpos. Tem uma relação com o corpo, o corpo aparece... eu lembrei que essa semana estava falando disso com o meu marido, eu disse 'olha, ser mulher vem na frente de tudo o que eu faço, é o que entra primeiro, eu posso falar o que penso, mas as pessoas vão me olhar e vão me ver como uma mulher, não tem como escapar disso'. Quando a gente vê que outras mulheres passam por isso também, a gente vê que podemos tentar construir alguma coisa. (Camila, 2021)

O ponto afirmado por Camila, de que ser mulher vem antes de tudo que fazemos, gerou uma identificação entre elas, que começaram a relatar situações em que se sentem diminuídas ou sexualizadas como, por exemplo, abastecer o carro, ir ao mecânico, entre outras. Camila diz que:

[...] tem uma hora que cansa muito a gente ficar tentando mais uma vez, todo dia você sai de casa sabendo que em algum momento você vai passar por uma situação... fico muito cansada, pensando quando vou poder fazer algo que quero sem estar reagindo ao que o mundo está colocando, mas vamos lá, né, não tem outra opção senão seguir adiante. (Camila, 2021)

Esse debate chegou à conclusão de como todas nós falávamos com frequência sobre estereótipos construídos, papéis impostos como ideais para as mulheres, como isso atravessava nossas vivências, frustrações e opressões. Me senti extremamente contente quando elas concluíram e afirmaram com clareza que se enxergavam umas nas outras, que ao falar se reconheciam, se fortaleciam, entendendo que não eram questões individuais e privadas.

Foi até uma das razões de eu ter topado participar aqui, o contato entre nós, a gente acaba vendo isso, todas nós temos as nossas semelhanças nas nossas dificuldades, cada uma no seu mundo, né... mas eu acho que enxergar que isso acontece, você tem a fase dolorida, às vezes a gente até nem aceita, mas depois que passa isso acho que vai fluindo com mais tranquilidade." (Luisa, 2021)

A respeito do cansaço diário de passar por situações desconfortáveis e, muitas vezes, se sentir desesperançosa com mudanças, Julia diz que concorda, mas que vê a geração mais jovem com um comportamento diferente. Ela cita que tem uma filha

de 16 anos que, comparando com ela mesma quando tinha essa idade, é mais confiante em expressar suas opiniões, defender o que pensa. “Ela é muito mais destemida e livre com o corpo dela do que eu era... não tem vergonha nem medo de falar as coisas, não tem vergonha de falar de menstruação, dos sentimentos...”. (Julia, 2021)

Terminamos este dia com um misto de cansaço e esperança. Falar das experiências rotineiras que nos desgastam, dos estereótipos que nos assombram, mas ao mesmo tempo nos enxergar umas nas outras e ver como exemplo o que as meninas e mulheres mais jovens têm feito, foi uma mistura de emoções. “Eu vejo uma mudança já, e acho que isso é fruto desse nosso movimento de falar, debater, de não se calar, né... de revolucionar, tentar revolucionar... tomara que as próximas gerações sejam mais fortes ainda.”. (Julia, 2021)

Oficina 5:

Para este encontro, eu havia pedido que cada participante separasse um objeto pessoal de livre escolha. Um objeto que elas sentissem que as representassem de alguma forma, que tivesse algum significado marcante ou alguma história, lembrança, por trás.

Por coincidência, duas participantes escolheram o mesmo objeto: um caderno e uma caneta. Uma delas resgatou a infância, dizendo que desde pequena andava com um caderno ao lado para anotar pensamentos, receitas, inspirações, trechos de livros, desenhar e fazer colagens. Para ela, o caderno significa muito, como uma parte dela, e o hábito das anotações perdurou até os dias de hoje.

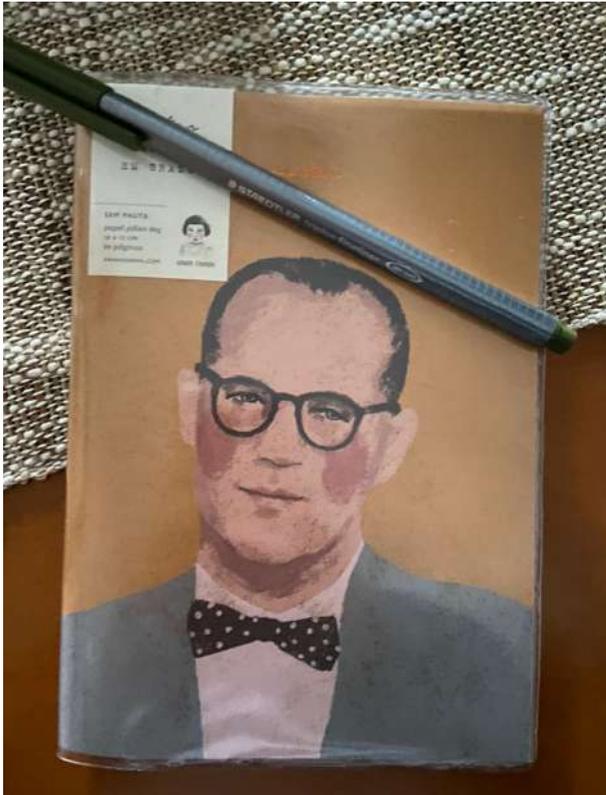


Figura 53 – Caderno escolhido por Julia. Fonte: Arquivo pessoal.

A outra participante compartilhou que, nos últimos anos, se desfez de muitos objetos por conta de mudanças de casa e país. Ela diz que tudo que tem no armário é importante e tem alguma história, que gosta de guardar presentes, objetos que ela olha e lembra da pessoa que presenteou, da situação, resgatando memórias. “Vai parecer que foi combinado, mas eu também escolhi um caderno! Mas escolhi esse caderno específico...”. (Luisa, 2021)

Ela contou com detalhes que o caderno é antigo, existe por volta de 50 anos. A irmã dela comprou em um sebo e fez a capa do caderno com relevos e cores diferentes. Um dia, elas estavam juntas e ela precisava de um caderno para alguma coisa, a irmã deu este e ela o achou muito bonito para usar “para qualquer coisa”, então foi guardando até chegar o “momento dele”. Ela conta que morou por volta de 3 anos em Portugal e em todas as idas e vindas o caderno a acompanhava, sem ser usado.



Figura 54 – Caderno escolhido por Luisa. Fonte: Arquivo pessoal

Em novembro de 2020, precisamente dia 6, ela decidiu abrir e escreveu: “quem sou eu?”. Relembrando, conta que na época tinha acabado de fazer aniversário, comemorado de uma forma totalmente contrária ao que ela queria e idealizava. Além disso, conta que teve uns atritos com o casal com quem ela dividia apartamento, pois o homem estava contaminado com COVID-19 e eles não estavam consensuando nas regras de convivência na casa durante esse momento delicado de contaminação.

Ela diz que saiu de casa, foi ficar sozinha em outro apartamento, que refletiu muito nesses tempos, e no dia 4 de dezembro de 2020 escreveu no caderno: “vou me criar”. “Nesse caderno eu fui tentando entender o que eu ia fazer com a minha vida...”. No meio de tantas lembranças e detalhes da história, Luisa conta que nessa época um amigo a apresentou a um livro sobre potencial criativo, com exercícios

diários de escrita, entre outras atividades que, segundo ela, foram muito impactantes.

O que eu queria destacar é a parte da escrita diária. Percebi como tinha coisas na minha cabeça, eu me importava muito com tantas coisas que não sobrava tempo para pensar no que eu realmente queria pensar... me fez compreender muito do que ocupava a minha mente. No começo era muito 'ah, lembrei disso e daquilo e pronto'. Mas quando eu vi parecia um livro com cem personagens, gente que ocupava muito a minha vida... foi surpreendente. (Luisa, 2021)

Ouvindo as experiências da Luisa, Clara rapidamente complementa:

É muito fascinante essa descoberta de você mesma... porque tem muito da sociedade, é muito cômodo, muito interessante para a sociedade, você continuar aquela pessoa que se preocupa com coisas que não são suas, se apegando a coisas que as pessoas acham que você deveria se apegar. Quando você está sendo você mesma incomoda, né, causa um efeito, e isso é muito maravilhoso... adorei o seu relato da escrita assim, acho muito incrível fazer isso, não consegui a disciplina ainda porque acho que talvez eu não esteja pronta. (Clara, 2021)

Em seguida, ela conta que teve dificuldades em escolher um objeto que a representasse, que pensou muito numa pulseira com seu nome escrito, que ganhou de presente da mãe quando era criança.

Lembrei o quanto adorava essa pulseirinha e o quanto meu nome me representa, mas essa pulseirinha era uma parte de mim que eu já não reconheço mais e aí eu não conseguia associar assim, né... a uma coisa que me representasse mais integralmente. Embora eu tenha um afeto nessa pulseirinha, assim, eu nem lembrava que ela existia para falar a verdade, até a minha mãe falar que achou umas coisas minhas guardadas. (Clara, 2021)

Segundo ela, depois de "pirar muito no momento terapia e autoconhecimento", escolheu como objeto os seus óculos. Conta que usa óculos desde os nove anos de idade, que sempre fez parte dela. Inclusive quando operou a vista e passou um tempo sem usar, ainda "se sentia uma pessoa de óculos, ficava arrumando uns óculos imaginários".

Clara comenta que na infância dela o par de óculos era um acessório de *nerd*, *careta*, mas que ela sempre gostou de usar. Ela cita situações em que as pessoas costumam usar lentes de contato como, por exemplo, para festas, eventos arrumados, usando maquiagem, entre outras, dizendo que sempre teve resistência ao uso das lentes. "O mundo para mim sempre foi representado pelos óculos e sempre definiu muito a minha identidade".

Relembrando os seus anos de relação com seus óculos, ela conta que é apegada a eles. Quando operou a vista, achou maravilhoso ficar sem usar, mas logo que o grau foi voltando aos poucos e se misturando com a vista cansada, ela rapidamente providenciou novos óculos e hoje em dia usa com muito mais frequência do que o marido, por exemplo, que tem grau similar ao dela.

Eu entendi que faz parte de mim e *tava* tudo bem, hoje em dia eu gosto super... acho legal, faço maquiagens para sair, gosto de destacar meus olhos. Sabe aquele documentário 'Janela dos olhos'? Alguma coisa assim... como os óculos formatam o jeito de você ver e como tirar ele te dá uma outra dimensão de mundo... acho que tem toda essa relação de janela para o mundo e identidade, é isso... (Clara, 2021)

Luisa brinca que somos o “bonde dos óculos”, pois todas nós usamos. Ela comenta a fala de Clara dizendo que até anotou algumas coisas, por ter se identificado com o que ela disse. Coloca que já teve alguns momentos mais difíceis com óculos, mas que hoje em dia ama usar e adora ter várias armações diferentes em casa para combinar com roupas e ocasiões diversas. Elas falam rindo e bem descontraídas “eu uso isso aqui todo dia, deixa eu ter vários, ué!”.

Em seguida, elas me perguntam que objeto eu escolhi e começo a contar que, assim como a Luisa, também pensei em presentes, algo que eu ganhei, que foi importante de alguma forma. Escolhi o meu coletor menstrual, que ganhei do meu ex companheiro. Comecei a contar um pouco dele, que é um homem meio desprendido de objetos materiais, muito mais do que eu, e que no meu primeiro aniversário que passamos juntos ele me deu o coletor de presente.

Eu amo fazer aniversários e sou um pouco sensível, até rancorosa, com as pessoas que esquecem ou não festejam comigo. Ele é exatamente o oposto, por isso eu estava me preparando para não criar muitas expectativas. Como ele é uma pessoa ligada ao mundo artístico de música, poesias, etc. pensei que isso poderia ser uma possibilidade e, ao ganhar um coletor menstrual, fiquei surpresa. Na hora bateu uma irritação, pensei “que presente é esse?”.

Eu nunca tinha usado coletor, mas tinha interesse em conhecer. Ele pesquisou com cuidado sobre questões de tamanho, fluxo menstrual, e disse que achava que aquele era o perfeito para mim. Realmente, foi ótimo. Mudou, em muitos aspectos, a minha vida dali para frente, e minha relação com a minha menstruação.



Figura 55 – Meu coletor menstrual. Fonte: Arquivo pessoal.

Eu menstruei muito nova, eu estava para fazer 10 anos de idade, passei por um momento impactante emocionalmente e acabei menstruando como uma descarga emocional. Depois disso fiquei alguns meses sem menstruar, mas logo veio normalmente e, desde então, todo mês eu lido com isso, assim como todas as pessoas que menstruam. Eu nunca tive problemas em menstruar, como algumas pessoas que tem muita cólica ou passam mal. Com 18 anos eu comecei a tomar pílula anticoncepcional e acabei entrando num ciclo cômodo e prático de emendar a pílula para evitar a menstruação, utilizando qualquer justificativa como desculpa, por exemplo “vou viajar, vou à praia, tenho um compromisso X”.

Aos poucos fui sentindo que isso também não me fazia bem, que havia um abismo interno em mim, buscando por práticas mais conscientes em muitas esferas e deixando de lado essa questão. Parei de tomar pílula, optei por usar um DIU, e tinha vontade de conhecer o coletor menstrual, mas não muita energia para pesquisar e comprar o meu. Como falei, nunca tive questões de passar mal ou deixar de fazer coisas por estar menstruada, mas eu tinha um pouco de nojo do meu sangue. Frequentemente, quando acontecia de vazar ou escapar do absorvente, eu dizia “ai, me sujei”.

Usando o coletor, eu tomei contato com o sangue como ele realmente é, e percebi que a cor, o cheiro, tudo era diferente. No início eu achava que era um discurso pronto e formatado, mas vivendo eu vi que em mim realmente causou um impacto. Importante frisar que falo de dentro do meu universo bastante privilegiado, percebi que fui ficando mais tranquila em fazer diversas atividades menstruada, sem tanta ansiedade pensando que poderia manchar minha roupa, sem tantos planejamentos antecipados que demandavam uma energia desnecessária. Entendo também que este presente foi significativo da forma que foi por ter vindo do meu ex companheiro, uma pessoa que marcou a minha jornada.

Enquanto eu mediava as oficinas com as mulheres, estava vivendo um processo difícil de separação e despedidas. Neste encontro especificamente, eu estava bastante fragilizada emocionalmente, por ter sido a época em que percebi que estava vivendo/vivi um relacionamento abusivo psicologicamente. Me senti confortável para compartilhar isso. De certa forma acho que eu precisava colocar para fora, falar com alguém, em um ambiente seguro.

Olhando para trás na minha relação, identifico momentos e vivências muito bonitas. Me encontrei com uma pessoa que me apresentou um mundo novo, justamente no momento em que eu estava transitando para a vida adulta com responsabilidades novas, mudança de casa, mestrado e trabalho. Ele me estimulava muito a estudar, me elogiava, me ajudava. Grande parte do meu encontro com a teoria feminista, com a militância organizada no meu coletivo e no meu partido, devo a ele. Grande parte do meu encontro pessoal com práticas mais conscientes, atividades físicas e alimentação, também.

Hoje, um pouco mais fortalecida, eu tenho clareza de que quem mudou fui eu, em busca do que fazia sentido para mim. Em muitas situações, mais relacionadas ao relacionamento amoroso, ainda não enxergo com clareza as linhas tênues entre mim e ele, o quanto eu queria, o quanto ele queria, como essa influência e, de certa forma, imposição, me fizeram chegar até aqui.

Ao perceber quantas atitudes fiz ou deixei de fazer para acomodar a situação, evitar conflitos, *por amor*, eu vejo que não foi equilibrado, nem saudável.

O mais doloroso em identificar e reconhecer que essa era a minha realidade foi, simplesmente, aceitar. Sem culpa. Contei para elas que passei algumas semanas em *loop* na cabeça pensando

[...] por que passei por isso? *Caramba*, falo de feminismo, estudo isso, pesquiso, estou vivendo ativamente a militância, inclusive prestando apoio a mulheres que vivem em situações diversas de violência, e vou lá e passo exatamente pela mesma coisa, sem perceber. (Nina, 2021)

De alguma forma, falar sobre o meu coletor e ir relembrando meus últimos anos foi abrindo ganchos para chegar até aqui. Lendo agora as minhas anotações, as transcrições dos áudios das oficinas, me parece um entulhado de palavras, uma pessoa um tanto quanto desesperada por falar, quase forçando uma atenção para este assunto. Entretanto, eu lembro com clareza que na hora fluiu e fez todo o sentido. Seria impossível compreender apenas lendo aqui e tentando imaginar a cena e a conexão entre nós. Eu encerrei dizendo: “mas eu sei que não foi culpa minha, aí foi por isso que eu escolhi o meu coletor...”.

Luisa comenta que achou legal todas nós pensarmos em coisas que nos fazem crescer. Em referência aos meus relatos sobre menstruação, ela comenta do uso da pílula anticoncepcional, de espinhas, regulação de hormônios e como o corpo dela foi sendo alterado por usar a pílula durante mais de dez anos.

A gente é um grupo de mulher, né, a gente fala dessas coisas, porque eu não tenho essa conversa com outras pessoas não, gente (rindo)... e todas nós pegamos coisas que eu até me identifiquei com as coisas de vocês também. (Luisa, 2021)

Clara complementa que acha muito legal esse movimento de libertação da pílula anticoncepcional, diz que se identificou com o que eu disse de emendar o uso com frequência, até que ela também teve um “*click*” na cabeça e decidiu parar esse tipo de tratamento.

A gente sabe que, idealmente, todas as pessoas envolvidas na relação sexual são responsáveis e teriam que ter consciência, mas a gente sabe que isso não é real. A mulher acaba mais nisso... a pílula controla mais para a mulher né, a gravidez. (Clara, 2021)

Oficina 6:

O último encontro foi uma avaliação do nosso processo. Perguntei às participantes suas impressões, sensações, se aprenderam alguma coisa e o que carregariam consigo das oficinas. Além disso, eu também quis abordar um pouco das ações coletivas, que são o foco desta pesquisa, perguntando às participantes que tipo de ação elas gostariam de idealizar, organizar, como um fechamento desse ciclo

que passamos juntas, objetivando expor para outras pessoas a síntese do que vivemos ali.

A oficina é uma ação estético-política coletivizada por si só, uma reunião de corpos em torno de um debate em comum, criando vínculos e trocas seguras. Como eu estava receosa de influenciar a geração de ideias, preferi não mostrar exemplos concretos de ações coletivas, mas mencionei que poderíamos pensar em qualquer coisa, uma exposição, um protesto, uma performance, dentre tantas outras. Inclusive, coloquei como possibilidade imaginar uma hipótese, um cenário onde esta ação ocorreria, supondo que todas estivéssemos no mesmo lugar, num cenário sem a pandemia, por exemplo. Deixei livre para que elas sugerissem algo que fosse possível de acontecer ou não, no agora ou no futuro. A ideia era encerrar, expor, colocar para fora, inclusive para compartilhar com outras mulheres, conhecidas ou não, possibilitando a geração de novas identificações e trocas.

Percebi que elas se apegaram a ideias possíveis de acontecerem no momento presente, levando em consideração que estávamos distantes geograficamente e vivendo a pandemia da COVID-19. Sendo assim, todas as propostas partiam do princípio de que seriam feitas *online*. A primeira consideração colocada por elas foi que tinha que ser algo artístico. Sugeriram fazer uma oficina de acolhimento aberta, misturando as expressões artísticas que trabalhamos durante esses encontros, como colagem, desenho e escrita.

Outra sugestão foi cada participante fazer uma imagem que simbolizasse esse processo que vivemos para postar no *Instagram*. Assim, poderíamos compartilhar com amigos e usar o efeito das redes sociais para divulgar.

Eu gostei muito desses nossos encontros, além de conhecer vocês, achei muito produtivo como mulher falar sobre essas coisas... acho que colocar nesse post o que a gente achou do grupo, tipo um viral, todo mundo compartilhar nosso *post*. (Luisa, 2021)

A possibilidade de coletivizar conteúdos diversos no *Instagram* acabou sendo a escolhida. Elas sugeriram criar uma conta específica para colocar imagens diversas, usar trechos anônimos e citações de livros e músicas para complementar toda a experiência que absorvemos das nossas trocas. Também decidimos que iríamos criar uma ou algumas *hashtags* para viralizar os conteúdos e demarcar os assuntos que estávamos abordando.

Para mim foi bastante significativo que o uso das redes sociais tenha sido a escolha final de ação coletiva do grupo. O momento atual dos movimentos feministas é demarcado pelas viralizações, *hashtags* e *compartilhaços*, refletindo na forma de pensar, produzir e divulgar todos os conteúdos que debatemos e produzimos. Enquanto elas relatavam as suas impressões das oficinas, mencionavam com frequência a identificação umas com as outras através das falas, o sentimento de acolhimento, a diminuição da solidão e a identificação de que o que cada uma vive não é um problema individual.

Enxergar que esse compartilhamento nos fez bem deixou-as com vontade de expandir para terceiros, criando uma espécie de *exposed* invertido, onde a exposição e exibição pessoal permitem a conexão e o reconhecimento, diferente do cancelamento e do linchamento digital. Seguindo a lógica contrária dos *exposeds*, as vulnerabilidades, intimidades, medos, erros, possibilitam a criação de laços, redes, que se entrecruzam de forma única. “O coletivo é muito potente, é isso, de não se sentir tão sozinha né... em várias situações você não é a única que está passando por isso. Não no sentido de ficar com pena, mas de dizer que é normal se sentir pressionada.” (Luisa, 2021).

Luisa relatou que o grupo a ajudou muito na escuta ativa dos outros. Segundo ela, em vários momentos teve vontade de cortar a fala de alguém para dizer algo, e se controlava pensando “deixa eu ouvir tudo, eu nem sei quem elas são, estou descobrindo agora, de repente posso fazer algum comentário que não tem nada a ver”. Ela frisa que treinar a paciência em escutar foi muito significativo, pois gosta muito de falar e tinha dificuldade em equilibrar as interferências em sua comunicação no geral.

Enquanto eu organizava as oficinas, tive bastante receio de como seria construir coletivamente esse espaço de forma *online*. O distanciamento através das telas, os imprevistos com sinal de *internet*, com *bugs* dos computadores e problemas nos *softwares* são fatores que vão nos deixando exaustos e cada vez mais isolados. Para mim foi muito curioso e surpreendente que a oficina tenha permitido o trabalho da escuta de forma tão impactante.

Se sentíamos falta dos debates acalorados e presenciais, onde várias pessoas falam ao mesmo tempo, sentindo os tons de voz e lendo os corpos da cabeça aos pés, pudemos tirar como uma nova aprendizagem que microfones se cortando, que não nos permitem compreender o que está sendo dito, e corpos resumidos em

formato retrato da câmera do computador, colaboram em nos ensinar a ouvir com mais calma, sem interrupções, entendendo o tempo de fala do outro, ainda mais de pessoas desconhecidas ou recém conhecidas. A leitura dos gestos e das emoções do outro ficou mais sutil, aprendemos a olhar no rosto, no olho, ainda que digitalmente.

Tenho tentado melhorar essa coisa de me comunicar e o grupo me ajudou nisso de treinar a paciência em ouvi-las. Esse compartilhamento de histórias, né, por mais que a gente não seja a mesma coisa, o sentimento as vezes é muito parecido, a história completamente diferente, mas o sentimento igual... você ouve e pensa 'já passei por isso'... a gente se sente mais acolhido, né... não que eu quero que todo mundo sofra, a gente quer ser positivo, né, também tenho minhas alegrias. (Luisa, 2021)

Clara complementa

[...] foi muito proveitoso criar um espaço de confiança em que a gente pudesse falar sem julgamentos, senti que houve essa abertura, é interessante isso, estando *online* você não vê exatamente todas as ações da pessoa, mas achei que funcionou bem. (Clara, 2021)

Além disso, elas também frisaram que as atividades artísticas foram interessantes, que elas não costumam ser tão rápidas, acabam ficando presas e não experimentam soltar a criatividade. Elas colocam que exploraram a criatividade e fazeres que não estão habituadas, e que isso foi muito bacana.

Pensando em um nome para o perfil do *Instagram*, Clara sugere algo que tenha a ver com liberdade, ousar falar, sem julgamentos, e compartilha suas sensações sobre nossa jornada em grupo:

Por mais que as pessoas e as mulheres sejam diferentes, as vivências diferentes, certas experiências trazem muito do comum, né... a gente acaba vendo pelas experiências individuais que o social influencia muito em como a gente sente e lida com questões. Ao mesmo tempo, é muito bom ver outras maneiras de lidar, mais saudáveis, que talvez antigamente não seriam aceitas. Eu sinto que esse espaço me trouxe alguma espécie de liberdade... eu não consigo imaginar alguns grupos de mulheres em determinados espaços ou outros tempos, tendo esse tipo de liberdade de poder falar... um espaço de liberdade no sentido de poder se expressar... às vezes a gente não dá tanta importância a isso, mas é muito relevante. (Clara, 2021)

Conforme comentávamos sobre o acolhimento e a segurança sentida ao nos identificarmos com os relatos umas das outras, Luisa trouxe à tona o tema da fofoca. Segundo ela, cresceu ouvindo que muitas mulheres juntas fofocam e não produzem, não trabalham, não fazem nada. Ela conta que sempre tentou se aproximar mais dos

meninos na escola, e também dos homens no mercado de trabalho, que por muito tempo sentia uma espécie de doutrinação em seguir os passos perfeitos para ser uma mulher de negócios, produtiva, casar e ter filhos.

Clara complementa lembrando que fofoca tem um fundo de cuidado com a vida dos outros, com a comunidade no geral, que tende a ser um trabalho majoritariamente feminino e feminizado. Ao longo do tempo o termo foi ganhando um caráter pejorativo. Silvia Federici em “A história oculta da fofoca” (2018), menciona que a:

[...] expressão que usualmente aludia a uma amiga próxima se transformou em um termo que significava uma conversa fútil, maledicente, isto é, uma conversa que provavelmente semearia a discórdia, o oposto da solidariedade que a amizade entre mulheres implica e produz. [...] Derivada dos termos ingleses arcaicos *God* (Deus) e *sibb* (aparentado), “*gossip*” significava, originalmente, “*god parent*” (padrinho ou madrinha), pessoa que mantém uma relação espiritual com a criança a ser batizada. Com o tempo, entretanto, o termo passou a ser usado em sentido mais amplo. Na Inglaterra do início da era moderna, “*gossip*” se referia às companhias no momento do parto, não se limitando à parteira. (FEDERICI, 2018, p. 3)

Sendo assim, concluímos juntas que o que fizemos durante todos os encontros também foi uma grande fofoca, o exercício de um olhar solidário entre nós, com cuidado e amizade. Nesse movimento de olhar em retrospectiva o que vivenciamos durante as oficinas, outra palavra que surgiu em diversos relatos foi cura. As participantes mencionaram que o diálogo e o reconhecimento umas nas outras despertou um processo de observação, que leva à cura e aceitação. “Um grupo de mulheres se observando dessa maneira faz com que a gente comece a fazer a nossa cura, quando a gente se cura a gente vai contaminar, né...” (Luisa, 2021).

Para a Luisa, os exercícios artísticos foram importantes para olhar para si. Ela coloca que olhar somente “para fora e para frente”, sem refletir sobre os próprios sentimentos e desejos não era o suficiente. Através da arte, ela conseguiu se observar com mais cuidado, porém frisa que muitos artistas vivem “na liberdade do seu mundo, mas têm zero responsabilidade com os outros. A pessoa vive tão no mundo dela, que ela criou, personagem da própria vida, mas trata os outros como objeto.”.

Neste momento, senti que era importante intervir trazendo um debate mais político e contextualizado com a nossa realidade de vida no Brasil e no mundo. Como já mencionei, em diversos momentos das oficinas senti uma linha tênue entre

um processo de autoconhecimento de certa forma mais consciente e responsável e uma reprodução de ideais neoliberais descolados da realidade. Sendo assim, compartilhei com elas que era importante politizar o debate e as questões que estávamos refletindo sobre, compreendendo os projetos e interesses políticos, as consequências do fortalecimento de organizações da extrema direita, dos grupos religiosos, conservadores, do governo Bolsonaro e de uma figura como Damares Alves nos representando.

Fiz questão de frisar como as oficinas fazem parte de um conjunto de ferramentas de transformação, assim como diversos tipos de organizações coletivas. Grupos de debate, coletivos organizados, partidos políticos, sindicatos... compreender que nossas angústias não são individuais e também não serão solucionadas individualmente, ainda que tenhamos “boas intenções” nas nossas ações cotidianas como, por exemplo, não comer carne, reciclar o lixo, entre outras, é o pontapé para construir um movimento de massas, que dialoga com os 99%, e mobiliza de forma organizada e estratégica a população a fim de realizar transformações significativas na nossa convivência.

Após o fim das oficinas, debatemos através do grupo de *Whatsapp* para definir o nome e as *hashtags* que usaríamos no perfil do *Instagram*. Criamos o perfil com o título Ousar Falar ([instagram.com/ousarfalar](https://www.instagram.com/ousarfalar)) e na descrição escrevemos “Ao falar, percebo que os seus problemas são os meus, são nossos. Ser mulher é ser atravessada por questões estruturais. E vamos trocando experiências!”. Senti que houve uma empolgação para colocar o projeto no ar, mas os compromissos da rotina dificultaram que mantivéssemos uma produção de conteúdo constante.

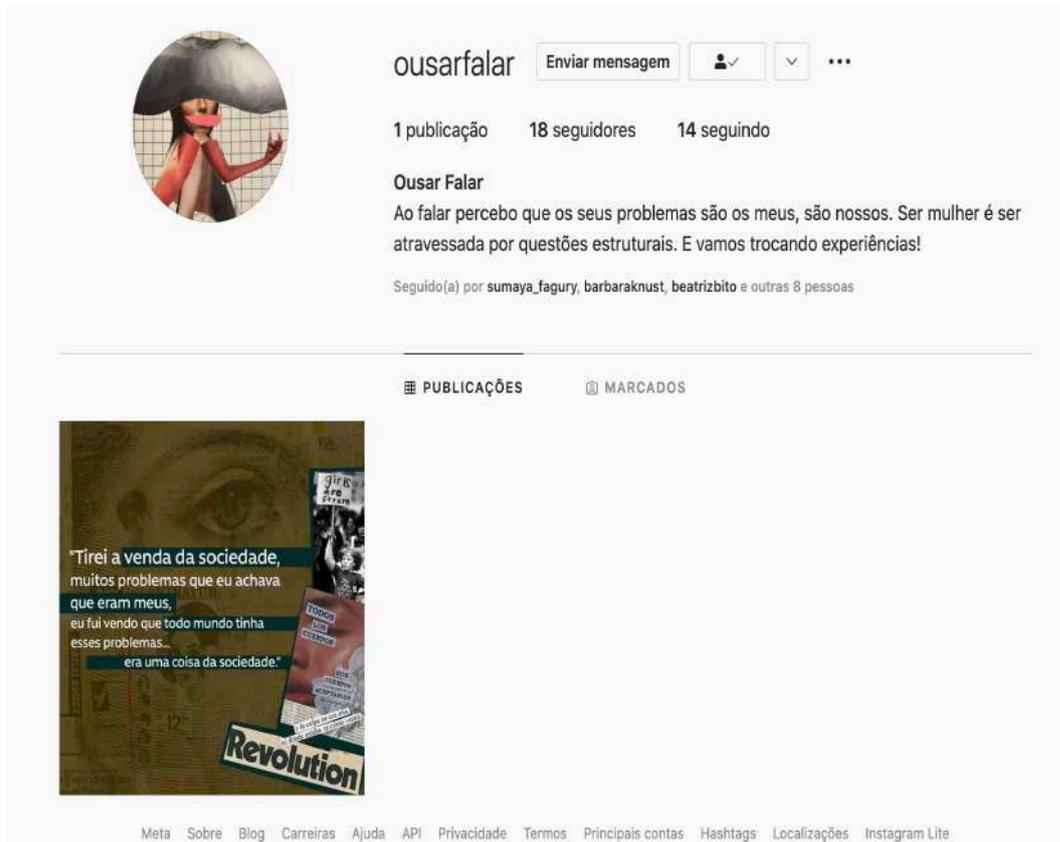


Figura 56 – Página do *Instagram* criada por nós. Fonte: *Instagram* Ousar Falar.

No coletivo em que me organizo, o Juntas!, faço parte da equipe nacional de comunicação, participando do planejamento e execução dos conteúdos das nossas redes sociais e materiais para ações presenciais. Menciono isso aqui por viver no dia a dia o desgaste que é pensar em conteúdos educativos, debates aprofundados e assuntos polêmicos através de redes efêmeras. Vivemos um momento de falta de atenção, dancinhas de *TikTok*, esvaziamento de conteúdos e apropriação de pautas, sendo difícil comunicar com objetividade e clareza, ainda mais estando refém de algoritmos e robôs que não favorecem o nosso debate.

Se com uma equipe estruturada e organizada, composta por mulheres de diferentes formações e lugares do Brasil, já enfrentamos dificuldades em manter a presença do Juntas! ativa nas redes, eu imaginava que teríamos obstáculos em alimentar com uma frequência regular esse projeto. Ainda assim, conseguimos produzir um *post* completo, que está no ar, e mais duas ideias que não foram concluídas (imagem e legenda) para iniciarmos. Todas as vezes que conversei com

as participantes após o encerramento dos encontros, elas mencionaram com entusiasmo que querem se organizar para continuar o andamento do *Instagram*.



Figura 57 – Primeira postagem criada para a nossa página no *Instagram*. Fonte: Arquivo pessoal.

Independente da concretização da ação coletiva escolhida, o fato de ser um perfil em uma rede social já representa muito do momento que estamos vivendo, não só pelas características de conexão *online* dos últimos anos no geral, mas principalmente pela conexão específica que criamos nesse grupo. Alcançamos um estágio de amizade, cuidado, mentoria e identificação que não foi imaginado de tal forma. Ainda que eu tenha planejado a pesquisa e os conteúdos das oficinas, houve

uma surpresa nos resultados de vínculos estabelecidos utilizando apenas videochamadas de 1 hora de duração a cada quinzena. Para mim, isso foi o mais precioso.

5

Considerações Finais

O papel das oficinas dentro desta pesquisa foi de concretizar e tornar mais palpável os referenciais e inspirações teóricas apresentados e aprofundados ao longo deste estudo. Os encontros com as mulheres e todas as conclusões, sensações e reflexões geradas a partir deles são uma tangibilização dos objetivos estruturantes da metodologia das oficinas, que foram os de (1) gerar identificação entre as mulheres, (2) criar vínculos e (3) elaborar as vivências e relatos apresentados a fim de constatar as conexões estruturais que sustentam a sociedade em que nos encontramos, (4) fortalecendo os movimentos feministas. Tais propósitos foram elencados a partir do ganho de consciência e do avanço nos debates feministas que vêm sendo sistematizados, organizados e passados de geração em geração, através dos estudos feministas acadêmicos, do corpo a corpo nas ruas, dos partidos e coletivos, das sabedorias ancestrais, dos ensinamentos de mães para filhas, e por aí em diante.

Ao longo do segundo capítulo, principalmente, abordamos diversas ações estético-políticas e construções coletivas feministas que nos servem como referencial prático, justamente por sintetizar os debates e conceitos em ações concretas, corporificadas por pessoas reunidas em torno de objetivos em comum. As dinâmicas das oficinas apresentadas aqui se encaixam como mais uma dessas referências práticas, que entrelaçam teorias feministas com arte, protesto, indignação, e tantas outras esferas que atravessam os indivíduos em suas rotinas. As oficinas se propuseram a tentar sintetizar, tornando um pouco mais concreto e ancorado nas estruturas da sociedade nas bases, os debates feministas, que em muitas esferas são apresentados como utopias, idealizações ou transcendências impossíveis de ocorrer na vida “real”.

Como já pontuado anteriormente, consideramos visceral para qualquer tipo de análise que o objeto estudado seja contextualizado historicamente, levando em consideração as complexidades que o acompanham, e as vivências das oficinas cumprem um papel fundamental na apresentação, detalhamento e contextualização de como dinâmicas feministas continuaram acontecendo, e se reinventando, durante a pandemia da COVID-19. Se já havíamos apresentado até aqui tantos exemplos de manifestações em que as mulheres ocuparam as linhas de frente nas resistências, as

oficinas nos provam que o isolamento e o contexto pandêmico não nos frearam. As mulheres, que já são forçadamente estimuladas a dar conta de tantas camadas de cuidado, de equilibrar inúmeras responsabilidades, muitas vezes de maneira dolorosa mascarada por um discurso heroico, se adaptaram, reinventando as formas de mobilização e construção coletiva. Mais uma vez fomos capazes de nos apropriar de ferramentas que não operam ao nosso favor, como as redes sociais, os algoritmos, e os *gadgets*, para subverter a lógica que nos é imposta de isolamento, descolamento da realidade e privatização dos nossos problemas. Sendo assim, as oficinas se apresentam como uma contribuição na forma de fazer pesquisa e construir dinâmicas coletivas digitalmente.

Visto que a todo momento durante esta dissertação entrelaçamos as teorias feministas com as práticas do *design*, as oficinas também são uma contribuição para um fazer *design* mais participativo e colaborativo. À medida que nos propomos a repensar o campo, através de práticas mais conscientes e responsáveis com a sociedade e suas pautas urgentes, e a ocupar uma posição de constante autocrítica, atenção e sensibilização para com as nossas produções, a forma como materializamos símbolos e colaboramos para a reprodução das normatividades, estamos fortalecendo esta via de pensamento crítico do *design*, que já foi apresentada e elaborada por tantos autores citados aqui, como Altmayer (2016), Portinari (2017), Célem (2020), Matias (2016), entre outros.

A partir de nossas análises e críticas ao *design thinking*, à virada gestorial da profissão, à nossa fragmentação enquanto classe trabalhadora, e às diversas vias de pensamento que defendem o *design* enquanto campo idealizado, essencialista, e descolado dos contextos e interesses que regem o sistema capitalista, elaboramos este trabalho de campo. Assim como as oficinas sintetizam e concretizam muitas das referências feministas citadas aqui, as dinâmicas apresentadas também condensam os eixos considerados viscerais para a proposta de uma prática profissional de *design* que consideramos mais coerente e adequada ao momento presente. São estes: (1) a constante análise do campo, levando em consideração que o *design* foi criado a partir da Revolução Industrial, sendo impossível analisá-lo descolado dos contextos produtivos, (2) a reflexão sobre os papéis do *design* diante dos desafios sociais, (3) a tomada dos meios de produção de forma mais consciente e problematizadora, abrindo brechas e novas possibilidades de produção, evitando a criação de limites ou tentativas de controle sobre seus efeitos e reverberações, (4)

a politização do campo e sensibilização a fim de potencializar novas formas de subjetividades, (5) a não hierarquização do *designer* acima dos demais, prezando por processos horizontais, colaborativos e participativos, em que todos os sujeitos tenham a mesma relevância e (6) a *queerização* do *design*, nos localizando num local de constante negação, de constante (auto)crítica, atenção, almejando sempre possibilitar práticas contranormativas e desestabilizantes.

Olhando do momento presente, em 2022, para o início desta jornada acadêmica, considero essencial dar alguns passos atrás e relembrar o ano de 2019, especificamente o primeiro semestre, em que eu estava concluindo a graduação no Departamento de Artes & Design da PUC Rio, realizando um projeto final que envolvia pautas feministas com a produção de cartazes de rua e performances artísticas. Se não fosse por este projeto e o estímulo da minha orientadora na época, Isabel Moreira, junto ao estímulo da minha mãe e do meu companheiro na época, Rapha Weyne, eu não estaria aqui.

O ano de 2019 representou uma virada pessoal, em que me aproximei de diversas práticas que hoje dão sentido a minha vida, desde *yoga* e vegetarianismo, até a militância e o estudo das teorias feministas. Participar do 8M de 2020 com maior proximidade da construção do ato, realizando a campanha de tatuagens temporárias mencionadas aqui, e conhecendo o Coletivo Juntas!, causou um impacto tremendo na forma como a minha rotina seguiria dali para frente.

Costumo brincar em um tom cômico, feliz e ao mesmo tempo cansado, de que quando a militância entra nas nossas vidas, e passamos a ver o mundo através das lentes feministas, é impossível voltar atrás. Ao mesmo tempo em que tudo fica mais interessante e faz mais sentido compreender o funcionamento da nossa sociedade e relações, também se torna mais pesado, mais complexo e, muitas vezes, muito, mas muito mais cansativo.

Militar não é fácil. Na minha rotina demanda quase que um horário paralelo ao meu trabalho, com reuniões, organizações de conteúdos, debates ora mais acalorados, ora bastante amorosos e amigáveis. Sendo assim, escrever esta dissertação também não foi fácil. Tive o prazer e a honra de ser muito bem acompanhada e orientada por Denise Portinari e Guilherme Altmayer, que foram extremamente cuidadosos em seus *feedbacks*, atentos à minha forma de escrever, viver e produzir arte, militância e *design*. Para mim, esta dissertação vai além dos espaços acadêmicos, das salas de aula, das videochamadas, e ocupa as ruas, ocupa

o meu corpo desde o fio dos meus cabelos, até os dedos dos pés. Por isso, sou grata e me espelho nessas duas figuras que admiro tanto, quem sabe um dia alcanço parte do que eles representam para mim.

Esta jornada se iniciou com uma pesquisa aprofundada, em que me encontrava sedenta por mais e mais leituras feministas. Descobri a potência feminista, através dos textos de Verónica Gago (2020), expandi conceitos de trabalho, reprodução e greve com as contribuições de Silvia Federici (2021), me encontrei num auto enfrentamento das minhas próprias limitações de entendimento do mundo, do feminismo negro e da importância das lutas das mulheres constantemente marginalizadas ao me debruçar nas obras de Patricia Hill Collins (2019), Bell Hooks (2018), que faleceu durante este período de estudo, Heloisa Buarque de Hollanda (2018), e tantas outras.

O segundo capítulo desta dissertação é uma síntese de tudo que aprendi e li durante os últimos tempos, na teoria, e na minha prática militante. Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em *Design* da PUC Rio, no Laboratório de Representação Sensível e no Grupo Barthes, fui convidada a abrir os olhos, e acompanhada pela mão pelos meus incríveis colegas e professores, em um caminhar por novos conceitos e estudos que até então eram desconhecidos por mim. Foi assim que as ações estético-políticas do Coletivo 28 de maio, e as propostas de transviar e *queerizar* o *design* foram incorporadas ao trabalho. Assim como as lentes feministas, depois de tomar consciência destas teorias, não fazia mais sentido estudar e analisar o campo do *design* de outra forma, senão através da autocrítica e de propostas de expansão da nossa profissão.

Ao longo da graduação sempre tirei notas altas e fui uma aluna exemplar, mas não tanto questionadora e investigadora quanto acho que poderia ter sido, olhando de agora para o passado. Lembro que no primeiro semestre de aulas do mestrado, na disciplina História do *Design*, o professor Alberto Cipiniuk sacudiu o meu cérebro e virou o meu entendimento do que era *design* de ponta a cabeça, metaforicamente falando. Minha proposta inicial de pesquisa não intencionava analisar criticamente com tanta profundidade o campo profissional em que me insiro, como apresentado aqui no terceiro capítulo, mas assim como as lentes feministas, não fazia mais sentido produzir uma dissertação que fosse relevante ao campo do *design* sem trazer as contribuições teóricas, críticas e analíticas

produzidas até então, incrementando e entrelaçando-as com os movimentos feministas, que foi a proposta deste estudo.

Por fim, compreendendo o *design* como um campo do saber teórico-prático, e vindo de uma formação na graduação repleta de projetos “mão na massa”, eu almejava produzir algum trabalho de campo, que sintetizasse de alguma forma tudo o que eu li e aprendi durante os dois anos de pós-graduação e mais os outros anos em que me preparei, ainda que inconscientemente, para estar aqui agora. Assim, a proposta de realizar oficinas com mulheres me encheu os olhos desde o início da submissão do projeto de pesquisa no processo seletivo da PUC Rio. Era um desejo pulsante conseguir unir a teoria e a prática, conseguir reunir um grupo de pessoas para debater um assunto tão fundamental na minha rotina e vivência enquanto sujeito, e o caminho construído durante o estudo fundamentou e pavimentou a estrutura e a metodologia das oficinas que foram realizadas.

Ao me debruçar sobre outras iniciativas como as de Eva Célem (2020), Eduardo Gonçalves (2020) e Mariana Costard, Flavia Secioso, Bibiana Serpa, Barbara Szaniecki e Liana Ventura (2018), eu sabia que era possível construir esse local seguro e ao mesmo tempo provocador, através de uma prática de *design* transviada e problematizadora. A identificação entre as mulheres, a criação de vínculos, a elaboração dos nossos enredos, a constatação da multicomplexidade de camadas que formam o projeto de sociedade em que nos encontramos, e o fortalecimento dos movimentos feministas, sempre foram objetivos caros a mim, que foram alcançados através de dinâmicas que interligam e representam as pautas feministas e as pautas do *design*.

O impacto da pandemia da COVID-19 foi assustador de início, para as nossas vidas no geral, e para a pesquisa. O sentimento de frustração em que me encontrei durante alguns meses, por não poder realizar os encontros com as mulheres presencialmente, foi se acomodando e, com o passar do tempo, tentei ver a situação como uma forma de abrir novas possibilidades, já que não havia nada que eu pudesse fazer para reverter o cenário em que nos encontrávamos. Considero a realização das oficinas de forma remota uma grande contribuição para próximas empreitadas e propostas de dinâmicas feministas, coletivas, e de *design*, remotamente.

Como possíveis desdobramentos para estudos futuros, gostaria de realizar as dinâmicas em outros grupos de mulheres, a fim de identificar as diferenças e

particularidades, em que assuntos nos afastaríamos e onde nos identificaríamos. Além disso, gostaria de desenvolver as oficinas presencialmente, a fim de vivenciar o corpo a corpo, entendendo os impactos de estarmos todas presentes em um mesmo ambiente, tocando os mesmos materiais, podendo nos ver de corpo todo, nos interromper e nos abraçar.

Ainda que haja estes planos futuros, encerro este estudo satisfeita e repleta de alegria, pois foi possível contribuir para uma abordagem crítica do *design*, já apresentada aqui, e para as práticas coletivas e dinâmicas de co-criação e horizontalidade, que me serviram de inspiração. Também foi possível elaborar estratégias e metodologias específicas, que refletem o momento presente de vivências *online*, pandêmicas e turbulentas. Foi possível criar amizades verdadeiras, vivenciar momentos de troca de experiências, que me tocaram profundamente, que me convidaram a olhar para mim mesma e para as relações em que eu estava inserida e alimentando, na minha vida.

Tudo que escrevo aqui é com extrema gratidão e respeito às mulheres que lutaram antes de mim, que propiciaram que eu esteja exatamente onde estou agora. Militantes, mães, empregadas domésticas, terceirizadas, entregadoras, professoras, cuidadoras, tias, avós, irmãs, doulas, curandeiras, bruxas... a construção feminista é plural e sempre em retroalimentação. Esta dissertação não termina por aqui, os efeitos reverberam, dentro de mim e para as outras mulheres que se aventurarão na produção de novas formas de existência, resistência, organização e *design*.

Referências

- ALTMAYER, Carlos Guilherme Mace. **Tropicuir**. Concinnitas (online). Rio de Janeiro: v.1, p. 152 - 171, 2016.
- ALVES, Jéssica. **As cores do movimento sufragista**. Elle – Moda. 23 fev. 2021. Disponível em: <https://elle.com.br/moda/as-cores-do-movimento-sufragista>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- ANASTASSAKIS, Zoy. IBARRA, Maria. PORTO, Mariana. **Design Anthropology na transformação colaborativa de espaços públicos**. Estudos em Design. Re- vista (online). Rio de Janeiro: v. 24, n. 3, p. 76 – 87, 2016.
- ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2019.
- AZEVEDO, Rafaela P. **Design de ativismo na quarta onda do feminismo no Brasil: análise da poética gráfica de alguns coletivos**. 276 f.: il. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2020.
- BENTO, Berenice. **Queer o quê? Ativismo e estudos transviados**. Revista Cult, ed. 193, ago. 2014. Entrevista. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/10/queer-o-que-ativismo-e-estudos-transviados>. Acesso 23 fev. 2022
- BLOCO Mulheres Rodadas**. Direção de Agência Brasil. Rio de Janeiro. (52s.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=usn3aj1dvKE>. Acesso em: 17 jan. 2021.
- BRUNORO, T.F.M. **Da Rookie à capitolina: novas narrativas para garotas adolescentes em revistas independentes online**. 2017. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação Social, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6611/3/Tbrunoro.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- CAIN, Sian. **Elena Ferrante names her 40 favourite books by female authors**. The Guardian. 21 nov. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2020/nov/21/elena-ferrante-names-her-40-favourite-books-by-female-authors>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- CAMARGO, Suzana. **Mulheres rodadas: o eco da voz feminina no Carnaval de rua do Rio de Janeiro**. Conexão Planeta – Direitos Humanos. 24 fev. 2017. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/mulheres-rodadas-o-eco-da-voz-feminina-no-carnaval-de-rua-do-rio/>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- CARNEIRO, Julia D.; GRAGNANI, Juliana; ROSSI, Amanda. **#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos**. BBC News Brasil. São Paulo, Rio de Janeiro e Londres, 30 set. 2018.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 17 jan. 2022.

CARTA CAPITAL. **A uberização das relações de trabalho**. Carta Capital. 9 ago. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/a-uberizacao-das-relacoes-de-trabalho/>. Acesso em: 7 fev. 2022.

CÉLEM, Eva. **Descolando Gênero e Sexualidade: uma investigação sobre processos feministas de subjetivação e o fenômeno do Consciousness-Raising**. 290 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes & Design, 2020.

CIPINIUK, Alberto. **Do Funcional ao Simbólico. O que pensam os pares do Campo do Design e o que ensinam nas salas de aula**. Arqurb, 27, Janeiro-Abril, p. 147-160, 2020.

COLETIVO 28 DE MAIO. **O que é uma ação estético-política? (um contramanifesto)**. Vazantes. Fortaleza, vol 1, n 1, 2017.

COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem. 2004.

CROSS, Nigel. **Designerly Ways of Knowing**. London: Springer, 2006.

DESIGN ATIVISTA. **O Design a favor do que você acredita**. Instagram: @designativista. Disponível em: <https://www.instagram.com/designativista/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

EL PAÍS. **‘Um estuprador em seu caminho’, o grito feminista chileno chega à Índia**. El País – Fotografia. 8 fev. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/07/album/1575739202_520427.html#foto_gal_10. Acesso em: 18 jan. 2022.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy and the Making of Worlds**. Duke University Press, 2018, 312 p.

EVANS, Meredith A.; BOBEL, Chris. **I am a Contradiction: Feminism and Feminist Identity in the Third Wave**. New England Journal of Public Policy: v. 22, 2007. Disponível em: <https://scholarworks.umb.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1077&context=nejpp>. Acesso em: 18 jan. 2022.

FEDERICI, Silvia. **A história oculta da fofoca: Mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado**. São Paulo: Boitempo. 2021. 18 p. Disponível em: https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo_a-histe3b3ria-oculta-da-fofoca_silvia-federici.pdf. Acesso em: 18 jan. 2022.

_____. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva.** São Paulo: Editora Elefante, 2019. 460 p.

_____. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, revolução e luta feminista.** Ed. Elefante, 2019.

_____. **Patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo.** V. 1. São Paulo: Boitempo, 2021. 208 p.

FLIFEA POA. **Nota Pública sobre a violência policial ocorrida durante a 1ª Feira do Livro Feminista e Autônoma de Porto Alegre.** Porto Alegre. Disponível em: <https://flifeapoa.noblogs.org>. Acesso em 14 nov. 2020.

FORTY, Adrian. **Objetos do Desejo: Design e Sociedade desde 1750.** São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber.** Ed. Paz & Terra, 9 ed, 2014.

_____. **Vigiar e punir, história da violência nas prisões.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

FRANCHINI, B. S. **O que são as ondas do feminismo?** in: Revista QG Feminista. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeed092dae3a>. Acesso em: 18 jan. 2022.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **Caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social.** Editora Vozes, 2011. 232 p.

G1-RIO. **Junho de 2013: as manifestações nas manchetes do G1.** G1 Globo, Rio de Janeiro. 13 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/junho-de-2013-as-manifestacoes-nas-manchetes-do-g1.ghtml>. Acesso em: 17 jan. 2022.

_____. **Vítima de estupro coletivo conta que acordou dopada e nua.** G1 Globo, Rio de Janeiro. 26 maio 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>. Acesso em 31 out. 2020.

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo.** São Paulo: Ed. Elefante, 2020.

GAGO, Verónica; MALO, Marta. **A nova internacional feminista.** *Blog* Marxismo Feminista. Texto originalmente publicado como introdução ao dossiê “*Against the Day: The New Feminist Internationale*”, na revista South Atlantic Quarterly (Duke University Press, 2020). Disponível em: <https://marxismofeminista.com/2021/03/15/a-nova-internacional-feminista/>. Acesso em: 7 jan. 2022.

GALO DE LUTA OFICIAL. **Apoio coletivo pra mim continuar na luta.** Instagram: @galodelutaoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/galodelutaoficial/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

GONÇALVES, Eduardo. **Design, heteronormatividade e condições de trabalho: Reflexões sobre corpo, gênero e precarização do designer.** Dissertação de Mestrado. ESDI – UERJ, Rio de Janeiro. 2020.

HOLLANDA, Heloisa. **Explosão feminista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo.** Ed. Rosa dos Tempos, 1 ed, 2018.

ISKANDER, Natasha. **Design Thinking Is Fundamentally Conservative and Preserves the Status Quo.** Disponível em: <<https://hbr.org/2018/09/design-thinking-is-fundamentally-conservative-and-preserves-the-status-quo>>. Acesso em 8 set. 2020.

KRALL, Kyra. **A brief history of feminist waves.** *Blog Feminists in the city.* 12 ago. 2020. Disponível em: <https://www.feministsinthecity.com/blog/a-brief-history-of-feminist-waves>. Acesso em: 7 jan. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

LAS TESIS. **"Un violador en tu camino".** Direção de NOA (Nosotras Audiovisuales). (3min.43s.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4>. Acesso em: 17 jan. 2022.

LEAR, Martha Weinman. **The second feminist wave.** The New York Times. 10 mar. 1968. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1968/03/10/archives/the-second-feminist-wave.html> . Acesso em: 7 jan. 2022.

MANSANO, Sonia. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade.** Revista de Psicologia da UNESP, 8(2), 110-117, 2009.

MARREIRO, Flávia. **Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras.** El País – Brasil. São Paulo, 15 mar. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html. Acesso em: 17 jan. 2022.

MATIAS, Iraldo; SOARES, Danilo. **Novos fetichismos em tempos de toyotização: design e “experiência”.** II Seminário Nacional de Teoria Marxista: O capitalismo e suas crises. Uberlândia. 10-12 de maio 2016.

NOGUEIRA, Pedro; PORTINARI, Denise. **Por um design político.** Estudos em Design, v. 24, p. 32-46, 2016.

PIMENTEL, Mariana. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade estética ou JR**. In: Anais do Encontro Nacional da ANPAP 2011, Rio de Janeiro, 2011.

PORTINARI, Denise. **Queerizar o design**. Arcos Design, Rio de Janeiro, Edição especial Seminário Design.Com, pp. 1-19, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org.: 34 ed, 2005.

REIF, Laura. **Radical, liberal, interseccional... conheça as principais vertentes do feminismo**. AzMina. 15 out. 2019. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/radical-liberal-interseccional-conhec-as-principais-vertentes-do-feminismo/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

REZENDE, Priscila. **Bombriil**. Disponível em: <http://priscilarezendear.com/projects/bombriil-2010/>. Acesso em 14 nov. 2020.

RODRIGUES, Suzana. **Conheça a história do feminismo no Brasil**. AzMina. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/feminismo-no-brasil/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SCHOLAR, Black. **Court of Appeal: The Black Community Speaks Out on the Racial and**. Random House Publishing Group, 2010. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=T3g8uy43lIMC&pg=PT172&lpg=PT172&dq=becoming+the+third+wave+by+rebecca+walker&source=bl&ots=CIIJ6jAuzZ&sig=bT2Y_BrZdpdyjdo7t5yAmUWiXug&hl=en&ei=JqyYTqD0A_HaiQKM3aHTDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y#v=onepage&q=becoming%20the%20third%20wa&f=false. Acesso em: 18 jan. 2022.

SZANIECKI, Barbara. **Design-antropofagia: só me interessa o que não é meu**. Poiésis, Niterói, v. 20, n. 33, p. 183-200, jan./jun. 2019.

THUM, Tássia. **Marcha das Vadias reúne mulheres no Rio contra a violência sexual**. G1, Rio de Janeiro. 2 jul. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/07/marcha-das-vadias-reune-mulheres-no-rio-contr-violencia-sexual.html>. Acesso em: 17 jan. 2022.

VALENTIM, Matheus. **As origens neoliberais do design thinking: uma análise econômico-filosófica do discurso gestorial no design**. Monografia. UEMG. Belo Horizonte, 79 p. 2018.

WALKER, Rebecca. **Anita Hill Woke Us Up**. Huff Post. 27 out. 2011. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/anita-hill_b_1031311. Acesso em: 18 jan. 2022.

_____ **Becoming the Third Wave**. Ms Magazine, 1992.

ZIRBEL, Ilze. **Ondas do Feminismo**. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 07, p. p.10-31, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ZIZEK, S. **'Viúva Negra' e 'Nomadland' expõem falso progressismo de Hollywood, diz Zizek**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/08/viuva-negra-e-nomadland-expoem-falso-progressismo-de-hollywood-diz-zizek.shtml>>. Acesso em 25 ago. 2021.

Anexos

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



CÂMARA DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio
Parecer da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 60/2021 – Protocolo 79/2021

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

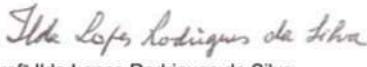
Identificação:
Título: "Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design" (Departamento de Artes & Design da PUC-Rio)
Autora: Nina Reis Côrtes (Mestranda do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio)
Orientadora: Denise Berruezo Portinari (Professora do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio)

Apresentação: Pesquisa-ação que se concentra nas relações entre práticas feministas coletivas e processos participativos de design que objetiva fortalecer os movimentos feministas através da elaboração e implementação de práticas de sensibilização e divulgação de suas pautas e questões. Será desenvolvida por meio de dois tipos de oficinas de Grupos de trabalho cooperativo com a utilização de recursos de design. Um primeiro, constituído por Grupo presencial em que a pesquisadora ministra atividades artísticas com mulheres e inserirá novas atividades. O outro com aplicação online da plataforma Google Meet junto a mulheres que já se reúnem com uma atividade comum, incluindo a proposta de inclusão de atividades com potencial artístico, tais como, por exemplo, colagens e desenhos.

Aspectos éticos: O projeto e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (presencial e online) apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente. Os Termos expõem com clareza os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem seguidos. Garantem o sigilo e a confidencialidade dos dados coletados. Informam sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

Parecer: Aprovado


 Prof. José Ricardo Bergmann
 Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio


 Prof.ª Ilda Lopes Rodrigues da Silva
 Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2021

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos
 Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CEPq/PUC-Rio
 Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900
 Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1612 / 3527-1618
 e-mail: yrac@puc-rio.br

Anexo 1 – Parecer da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design

Aluno(a): Nina Reis Côrtes

Orientador(a): Denise Berrueto Partimari

Departamento: Artes e Design

Você está sendo convidada para ser participante do Projeto de pesquisa intitulada "Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design" de responsabilidade da orientadora Denise Berrueto Partimari e da aluna Nina Reis Côrtes.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Caso se sinta satisfeita sobre as informações que estão neste Termo e queira fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra da pesquisadora responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo reunir mulheres para a realização de debates e atividades com potencial artístico, a fim de dialogar sobre as violências feministas cotidianas, criar uma rede de apoio e, consequentemente, aproximar e fortalecer as pautas dos movimentos feministas contemporâneos. Justificamos a realização de tal pesquisa por entender a urgência em pensar estratégias e ferramentas de combate à opressão sofrida pelas mulheres, relacionando situações individuais com casos coletivos e utilizando práticas do campo do design como intermediárias nas ações e diálogos. Algumas práticas que podem ser utilizadas durante os encontros são o resumo e colagem de papéis, a exibição de vídeos, o exercício do desenho livre, entre outras.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em compor e apresentar encontros online, realizados via Google Meet. A mediação do encontro será feita pela pesquisadora Nina Reis Côrtes. Cada encontro terá duração de 1 hora. A frequência será combinada no primeiro encontro, podendo ser semanal, quinzenal ou mensal, por um período de 3 meses. Cada sessão iniciará com uma pergunta norteadora, respondida verbalmente por cada participante, e o tempo de resposta será dividido igualmente a partir da quantidade de participantes presentes na atividade. Com base nos debates gerados a cada encontro, a pesquisadora irá propor atividades artísticas livres, podendo ser realizadas com materiais encontrados em domicílio como, por exemplo, papel, lápis, borracha, tesoura, cola, revistas e jornais. Será pedido que as participantes compartilhem os resultados umas com as outras através de registros fotográficos.
3. Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer ritos de exposição à assuntos que podem gerar sensibilização em relação a temáticas ligadas a gênero e sexualidade. Sendo assim, para minimizar os riscos a participante pode sinalizar temáticas que se precisa debater e também pedir para deixar de participar a qualquer momento.
4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a criação de vínculos com outras mulheres, a oportunidade de se reunir coletivamente em torno de uma atividade em comum e a realização e

Digitizado com CamScanner

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design

Aluno(a): Nina Reis Côrtes

Orientador(a): Denise Berrueto Partimari

Departamento: Artes e Design

Você está sendo convidada para ser participante do Projeto de pesquisa intitulada "Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design" de responsabilidade da orientadora Denise Berrueto Partimari e da aluna Nina Reis Côrtes.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Caso se sinta satisfeita sobre as informações que estão neste Termo e queira fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra da pesquisadora responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

5. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar às voluntárias pela participação.
7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, as voluntárias poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.
8. O nome das participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade. Todos os dados mencionados pelas participantes serão mantidos em anonimato e confidencialidade. Os dados produzidos durante a pesquisa de campo serão guardados por 5 anos, sendo a responsável pela guarda a aluna Nina Reis Côrtes.
9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados. Se as participantes desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, então, tudo o que quiserem saber antes, durante e depois da sua participação. A forma de acesso dos resultados da pesquisa por parte da participante se dá através de contato por telefone ou e-mail com a orientadora Denise Berrueto Partimari ou a aluna Nina Reis Côrtes, que compartilharão os resultados da melhor forma possível, podendo ser por meio virtual na íntegra.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Nina Reis Côrtes, telefone: (21) 98771-0664, e-mail: anandacortes@id.uff.br ou com a Cláudia de Fátima em Pesquisa da PUC Rio, localizada na Rua Marquês de São Vicente, 225 - Belfort Roxo, 2º andar, Glória, Rio de Janeiro, RJ CEP: 22453-900. Telefone: (21) 3527-8438, que tem por atribuição analisar de ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos professores, pesquisadores e discentes da Universidade, quando solicitada.

Eu, Ananda Beatriz Rodrigues Marques, li e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Selo Lúci Me de Setembro de 2021

Ananda Beatriz Rodrigues Marques
Assinatura do participante

RP
Nome e assinatura da responsável por obter o consentimento

Digitizado com CamScanner

Anexo 2 – Termo de consentimento de Ananda

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design

Aluno(a): Nina Reis Côrtes

Orientador(a): Denise Berrueto Partimari

Departamento: Artes e Design

Você está sendo convidada para ser participante do Projeto de pesquisa intitulada "Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design" de responsabilidade da orientadora Denise Berrueto Partimari e da aluna Nina Reis Côrtes.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Caso se sinta satisfeita sobre as informações que estão neste Termo e queira fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra da pesquisadora responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo reunir mulheres para a realização de debates e atividades com potencial artístico, a fim de dialogar sobre as violências feministas cotidianas, criar uma rede de apoio e, consequentemente, aproximar e fortalecer as pautas dos movimentos feministas contemporâneos. Justificamos a realização de tal pesquisa por entender a urgência em pensar estratégias e ferramentas de combate à opressão sofrida pelas mulheres, relacionando situações individuais com casos coletivos e utilizando práticas do campo do design como intermediárias nas ações e diálogos. Algumas práticas que podem ser utilizadas durante os encontros são o resumo e colagem de papéis, a exibição de vídeos, o exercício do desenho livre, entre outras.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em compor e apresentar encontros online, realizados via Google Meet. A mediação do encontro será feita pela pesquisadora Nina Reis Côrtes. Cada encontro terá duração de 1 hora. A frequência será combinada no primeiro encontro, podendo ser semanal, quinzenal ou mensal, por um período de 3 meses. Cada sessão iniciará com uma pergunta norteadora, respondida verbalmente por cada participante, e o tempo de resposta será dividido igualmente a partir da quantidade de participantes presentes na atividade. Com base nos debates gerados a cada encontro, a pesquisadora irá propor atividades artísticas livres, podendo ser realizadas com materiais encontrados em domicílio como, por exemplo, papel, lápis, borracha, tesoura, cola, revistas e jornais. Será pedido que as participantes compartilhem os resultados umas com as outras através de registros fotográficos.
3. Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer ritos de exposição à assuntos que podem gerar sensibilização em relação a temáticas ligadas a gênero e sexualidade. Sendo assim, para minimizar os riscos a participante pode sinalizar temáticas que se precisa debater e também pedir para deixar de participar a qualquer momento.
4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a criação de vínculos com outras mulheres, a oportunidade de se reunir coletivamente em torno de uma atividade em comum e a realização e

Digitizado com CamScanner

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design

Aluno(a): Nina Reis Côrtes

Orientador(a): Denise Berrueto Partimari

Departamento: Artes e Design

Você está sendo convidada para ser participante do Projeto de pesquisa intitulada "Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design" de responsabilidade da orientadora Denise Berrueto Partimari e da aluna Nina Reis Côrtes.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Caso se sinta satisfeita sobre as informações que estão neste Termo e queira fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra da pesquisadora responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

5. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar às voluntárias pela participação.
7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, as voluntárias poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.
8. O nome das participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade. Todos os dados mencionados pelas participantes serão mantidos em anonimato e confidencialidade. Os dados produzidos durante a pesquisa de campo serão guardados por 5 anos, sendo a responsável pela guarda a aluna Nina Reis Côrtes.
9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados. Se as participantes desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, então, tudo o que quiserem saber antes, durante e depois da sua participação. A forma de acesso dos resultados da pesquisa por parte da participante se dá através de contato por telefone ou e-mail com a orientadora Denise Berrueto Partimari ou a aluna Nina Reis Côrtes, que compartilharão os resultados da melhor forma possível, podendo ser por meio virtual na íntegra.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Nina Reis Côrtes, telefone: (21) 98771-0664, e-mail: anandacortes@id.uff.br ou com a Cláudia de Fátima em Pesquisa da PUC Rio, localizada na Rua Marquês de São Vicente, 225 - Belfort Roxo, 2º andar, Glória, Rio de Janeiro, RJ CEP: 22453-900. Telefone: (21) 3527-8438, que tem por atribuição analisar de ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos professores, pesquisadores e discentes da Universidade, quando solicitada.

Eu, Beatriz Brito de Souza, li e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 2021

Assinatura do participante

RP
Nome e assinatura da responsável por obter o consentimento

Digitizado com CamScanner

PROTOCOLO DE ASSINATURA(S)

O documento acima foi proposto para assinatura digital na plataforma Portal OAB. Para verificar as assinaturas clique no link: <https://oab.portaldeassinaturas.com.br/Verificar/5D86-623A-3CA1-402A> ou vá até o site <https://oab.portaldeassinaturas.com.br/443> e utilize o código abaixo para verificar se este documento é válido.

Código para verificação: 5D86-623A-3CA1-402A



Hash do Documento
4AF2A21211531F92031809720E74FE16665075997E05AC4FE52B1DFA51FBC1A

O(s) nome(s) indicado(s) para assinatura, bem como seus status em 08/09/2021 (hora) :

Beatriz Brito de Souza (Signatário) - 383.449.568-97 em
08/09/2021 17:51 UTC-03:00
Tipo: Certificado Digital



PROTOCOLO DE ASSINATURA(S)

O documento acima foi proposto para assinatura digital na plataforma Portal OAB. Para verificar as assinaturas clique no link: <https://oab.portaldeassinaturas.com.br/Verificar/5D86-623A-3CA1-402A> ou vá até o site <https://oab.portaldeassinaturas.com.br/443> e utilize o código abaixo para verificar se este documento é válido.

Código para verificação: 5D86-623A-3CA1-402A



Hash do Documento
4AF2A21211531F92031809720E74FE16665075997E05AC4FE52B1DFA51FBC1A

O(s) nome(s) indicado(s) para assinatura, bem como seus status em 08/09/2021 (hora) :

Beatriz Brito de Souza (Signatário) - 383.449.568-97 em
08/09/2021 17:51 UTC-03:00
Tipo: Certificado Digital



Anexo 3 – Termo de consentimento de Beatriz

PLUC
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: **Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design**
 Aluno(a): **Nina Reis Cortes**
 Orientador(a): **Denise Berrueto Portinari**
 Departamento: **Artes e Design**

Você está sendo convidada para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado "Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design" de responsabilidade da orientadora Denise Berrueto Portinari e da aluna Nina Reis Cortes.

1. O trabalho tem por objetivo reunir mulheres para a realização de debates e atividades com potencial artístico, a fim de dialogar sobre as vivências femininas cotidianas, criar uma rede de apoio e, consequentemente, aproximar e fortalecer as pautas dos movimentos feministas contemporâneos. Justificamos a realização de tal pesquisa por considerá-la urgente em pensar estratégias e ferramentas de combate à opressão sofrida pelas mulheres, relacionando situações individuais com casos coletivos e utilizando práticas de campo do design como intermediário nas ações e diálogos. Algumas práticas que podem ser utilizadas durante os encontros são o roteiro e collagem de papéis, a exibição de vídeos, o exercício do desenho livre, entre outras.

2. A participação nesta pesquisa consistirá em comparecer a encontros online, realizados via Google Meet. A mediação do encontro será feita pela pesquisadora Nina Reis Cortes. Cada encontro terá duração de 1 hora. A frequência será combinada no primeiro encontro, podendo ser semanal, quinzenal ou mensal, por um período de 3 meses. Cada sessão iniciará com uma pergunta norteadora, respondida verbalmente por cada participante, e o tempo de resposta será dividido igualmente a partir da quantidade de participantes presentes na atividade. Com base nos debates gerados a cada encontro, a pesquisadora irá propor atividades artísticas livres, podendo ser realizadas com materiais encontrados em domicílio como, por exemplo, papel, lápis, borracha, tesoura, cola, revistas e jornais. Será pedido que as participantes compartilhem os resultados umas com as outras através de registros fotográficos.

3. Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos de exposição a assuntos que podem gerar sensibilização em relação a temáticas ligadas a gênero e sexualidade. Sendo assim, para minimizar os riscos a participante pode sinalizar temáticas que se recusa a debater e também pedir para deixar de participar a qualquer momento.

4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a criação de vínculos com outras mulheres, a oportunidade de se reunir coletivamente em torno de uma atividade em comum e o estímulo e

5. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar às voluntárias pela participação.

7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, as voluntárias poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

8. O nome das participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade. Todos os dados mencionados pelas participantes serão mantidos em anonimato e confidencialidade. Os dados produzidos durante a pesquisa de campo serão guardados por 5 anos, sendo a responsável pela guarda a aluna Nina Reis Cortes.

9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados. Se as participantes desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que quiserem saber antes, durante e depois de sua participação. A forma de acesso aos resultados da pesquisa por parte da participante se dá através do contato por telefone ou e-mail com a orientadora Denise Berrueto Portinari ou a aluna Nina Reis Cortes, que compartilharão os resultados da melhor forma possível, podendo ser por meios virtuais ou físicos.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Nina Reis Cortes, telefone: (21) 96771-3884, e-mail: ninacortes@pluc.ufrj.br, Denise Berrueto Portinari, telefone: (21) 99967-1321, e-mail: deniseberrueto@pluc.ufrj.br ou a Câmara de Ética em Pesquisa da PLUC localizada na Rua Marquês de São Vicente, 225 - Edifício Kennedy, 2º andar, Gávea, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 22453-900. Telefone: (21) 3527-1618, que tem por atribuição analisar do ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos professores, pesquisadores e discentes da Universidade, quando solicitada.

Eu, Mariana Marujo Velloso, li e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro, 06 de setembro de 2021.

MARIANA MARUJO VELLOSO
 Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

Anexo 4 – Termo de consentimento de Mariana

PLUC
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: **Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design**
 Aluno(a): **Nina Reis Cortes**
 Orientador(a): **Denise Berrueto Portinari**
 Departamento: **Artes e Design**

Você está sendo convidada para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado "Diálogos e práticas feministas: reflexões sobre os movimentos contemporâneos e a prática do design" de responsabilidade da orientadora Denise Berrueto Portinari e da aluna Nina Reis Cortes.

1. O trabalho tem por objetivo reunir mulheres para a realização de debates e atividades com potencial artístico, a fim de dialogar sobre as vivências femininas cotidianas, criar uma rede de apoio e, consequentemente, aproximar e fortalecer as pautas dos movimentos feministas contemporâneos. Justificamos a realização de tal pesquisa por considerá-la urgente em pensar estratégias e ferramentas de combate à opressão sofrida pelas mulheres, relacionando situações individuais com casos coletivos e utilizando práticas de campo do design como intermediário nas ações e diálogos. Algumas práticas que podem ser utilizadas durante os encontros são o roteiro e collagem de papéis, a exibição de vídeos, o exercício do desenho livre, entre outras.

2. A participação nesta pesquisa consistirá em comparecer a encontros online, realizados via Google Meet. A mediação do encontro será feita pela pesquisadora Nina Reis Cortes. Cada encontro terá duração de 1 hora. A frequência será combinada no primeiro encontro, podendo ser semanal, quinzenal ou mensal, por um período de 3 meses. Cada sessão iniciará com uma pergunta norteadora, respondida verbalmente por cada participante, e o tempo de resposta será dividido igualmente a partir da quantidade de participantes presentes na atividade. Com base nos debates gerados a cada encontro, a pesquisadora irá propor atividades artísticas livres, podendo ser realizadas com materiais encontrados em domicílio como, por exemplo, papel, lápis, borracha, tesoura, cola, revistas e jornais. Será pedido que as participantes compartilhem os resultados umas com as outras através de registros fotográficos.

3. Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos de exposição a assuntos que podem gerar sensibilização em relação a temáticas ligadas a gênero e sexualidade. Sendo assim, para minimizar os riscos a participante pode sinalizar temáticas que se recusa a debater e também pedir para deixar de participar a qualquer momento.

4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a criação de vínculos com outras mulheres, a oportunidade de se reunir coletivamente em torno de uma atividade em comum e o estímulo e

5. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar às voluntárias pela participação.

7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, as voluntárias poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

8. O nome das participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade. Todos os dados mencionados pelas participantes serão mantidos em anonimato e confidencialidade. Os dados produzidos durante a pesquisa de campo serão guardados por 5 anos, sendo a responsável pela guarda a aluna Nina Reis Cortes.

9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados. Se as participantes desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que quiserem saber antes, durante e depois de sua participação. A forma de acesso aos resultados da pesquisa por parte da participante se dá através do contato por telefone ou e-mail com a orientadora Denise Berrueto Portinari ou a aluna Nina Reis Cortes, que compartilharão os resultados da melhor forma possível, podendo ser por meios virtuais ou físicos.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Nina Reis Cortes, telefone: (21) 96771-3884, e-mail: ninacortes@pluc.ufrj.br, Denise Berrueto Portinari, telefone: (21) 99967-1321, e-mail: deniseberrueto@pluc.ufrj.br ou a Câmara de Ética em Pesquisa da PLUC localizada na Rua Marquês de São Vicente, 225 - Edifício Kennedy, 2º andar, Gávea, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 22453-900. Telefone: (21) 3527-1618, que tem por atribuição analisar do ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos professores, pesquisadores e discentes da Universidade, quando solicitada.

Eu, Paola M. Garcia, li e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2021.

Paola M. Garcia
 Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

Anexo 5 – Termo de consentimento de Paola


PUC
 RIO DE JANEIRO

realização de atividades com potencial artístico. Além destes, também entende-se como benefícios a contribuição para os movimentos feministas, ao avanço de discussões acerca de questões interessantes às mulheres da sociedade em geral.

5. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar às voluntárias pela participação.

7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, as voluntárias poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

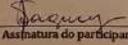
8. O nome das participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade. Todos os dados mencionados pelas participantes serão mantidos em anônimo e confidencialidade. Os dados produzidos durante a pesquisa de campo serão guardados por 5 anos, sendo a responsável pela guarda a aluna Nina Reis Côrtes.

9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados. Se as participantes desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação. A forma de acesso dos resultados da pesquisa por parte da participante se dá através do contato por telefone ou e-mail com a orientadora Denise Berruero Portinari ou a aluna Nina Reis Côrtes, que compartilharão os resultados da melhor forma possível, podendo ser por meio virtual ou físico.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Nina Reis Côrtes, telefone: (21) 98771-0684, e-mail: ninacortes@gmail.com, Denise Berruero Portinari, telefone: (21) 99967-1321, e-mail: denisep@puc-rio.br e com a Câmara de Ética em Pesquisa da PUC Rio, localizado na Rua Marquês de São Vicente, 225 - Edifício Kennedy, 2º andar, Gávea, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 22453-900. Telefone: (21) 3527-1618, que tem por atribuição analisar do ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos professores, pesquisadores e discentes da Universidade, quando solicitada.

Eu, Sumaya L. Faruque, li e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro, 06 de Setembro de 2021.


 Assinatura do participante


 Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

Anexo 6 – Termo de consentimento de Sumaya